

ÁREAS IMPORTANTES PARA AS **Aves de Portugal**



ESTUÁRIOS DO MINHO E COURA

Código: PT001

Norte: Caminha, Vila Nova de Cerveira e Valença (Viana do Castelo)

Coordenadas geográficas: 41°55'N 08°47'W

Área: 3.393 ha

Altitudes: 0-50 m

Critérios

C6 (*Ixobrychus minutus*, *Ardea purpurea*, *Circus aeruginosus*)

Descrição do sítio

Este sítio faz fronteira com Espanha. Neste estuário desagua o rio Coura, existindo na confluência entre os dois rios uma área relativamente extensa de caniçal (*Phragmites australis*) e matas ripícolas. O troço do estuário do rio Minho é caracterizado pela existência de áreas de sapal e de bancos de areia e de vasa, existindo dentro deste troço um gradiente bastante acentuado na salinidade de água. Aí incluem-se diversas ilhas utilizadas para exploração agrícola e pecuária. Mais perto de Valença é ainda incluído neste sítio a veiga de São Pedro da Torre, uma zona húmida palustre com uma mata ripícola bem conservada.

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de folha caduca; floresta mista; floresta aluvial), Matos (matos esclerófilos), Prados (prados húmidos), Zonas húmidas (rios com marés; bancos de vasa ou areia; sapais; dunas e praias; praias de calhau; lagoas costeiras; águas paradas doces; cursos de água; vegetação ribeirinha), Áreas marinhas (baías e zonas costeiras), Zonas artificiais (terra arada)

Uso do solo: Agricultura, Pesca/aquacultura, Silvicultura, Caça, Turismo/recreio, Urbano/industrial/transportes

Importância ornitológica

O estuário dos rios Minho e Coura é um dos únicos locais com estas características na região Norte, sendo um dos poucos onde ocorrem a Águia-sapeira, o Garçote e a Garça-vermelha. É também um local importante de passagem migratória para passeriformes, nomeadamente as áreas de caniçal na confluência dos dois rios e nas manchas de floresta aluvial. Destaca-se neste aspecto a presença da Cigarrinha-ruiva, espécie que também nidifica na área. Durante o período de invernada são observados números interessantes de aves aquáticas migradoras, com destaque para a Negrinha e o Corvo-marinho.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Ixobrychus minutus</i> Garçote	N	2001	Frequente		-	C6
<i>Ardea purpurea</i> Garça-vermelha	N	2001	1	2	B	C6
<i>Circus aeruginosus</i> Águia-sapeira	R	2001	1	2	B	C6

Protecção legal

Nacional: ZPE Estuário dos rios Minho e Coura (PTZPE0001, Decreto-Lei nº 384-B/99, de 23 de Setembro; 3.393 ha coincidentes com a IBA); SIC proposta Rio Minho (PTCON0019, Resolução de Conselho de Ministros nº 142/97, de 28 de Agosto; 4.554 ha, dos quais 2.472 ha incluídos na IBA).

Internacional: ZPE Estuário dos rios Minho e Coura; candidatura SIC Rio Minho

Conservação

O excessivo esforço de dragagem do rio está a alterar a distribuição dos sedimentos do estuário, com possíveis impactos na densidade de presas de muitos patos e limícolas invernantes. A pesca excessiva afecta as espécies de aves piscívoras. A possível construção de uma barragem a montante do sítio implica a redução da chegada de sedimentos ao estuário, com redução da

extensão da vegetação aquática e da produtividade das áreas intermareais. A construção de um troço do IC1 pode ter impactos na área. O Plano de Emparcelamento Rural de São Pedro da Torre ameaça destruir a zona húmida palustre nesse local.

Ameaças: Intensificação agrícola (C), Aquacultura e pesca (B), Queimadas e incêndios (B), Construção de barragens ou diques (B), Drenagem (B), Canalização (B), Industrialização/urbanização (B), Infraestruturas (B), Recreio/turismo (C)

Referências

Farinha & Trindade (1994), Costa & Guedes (1996)

SERRAS DA PENEDA E GERÊS

Código: PT002

Norte: Melgaço, Arcos de Valdevez, Ponte da Barca (Viana do Castelo), Terras de Bouro (Braga), Montalegre (Vila Real)

Coordenadas geográficas: 41°52'N 08°08'W

Área: 62.922 ha

Altitudes: 500-1.545 m

Critérios

B2 (*Circus gallicus*)

C6 (*Pernis apivorus*, *Circus gallicus*, *Circus cyaneus*, *Circus pygargus*, *Aquila chrysaetos*, *Falco peregrinus*, *Bubo bubo*, *Lanius collurio*, *Pyrrhocorax pyrrhocorax*, *Emberiza hortulana*)

Descrição do sítio

Inclui o Parque Nacional da Peneda Gerês, o mais antigo espaço protegido do país e único Parque Nacional existente, criado em 1971. Estende-se do planalto de Castro Laboreiro ao da Mourela, englobando parte das serras da Peneda, Soajo, Amarela e do Gerês, estando assente num conjunto geológico essencialmente granítico. Cada uma destas serras tem uma exposição diferente a influências climáticas atlânticas, o que se traduz na sua diversidade de habitats. Está sujeito às influências climáticas atlântica, mediterrânica e continental, as quais, juntamente com a variada orientação do terreno, favorecem a existência de vários microclimas. É um dos últimos redutos do país onde se encontram ecossistemas no seu estado natural, com reduzida ou nula influência humana, integrados numa paisagem humanizada. As florestas desta zona são dominadas por carvalhos. Encontram-se também o medronheiro, o azevinho, o azereiro, o pinheiro e o vidoeiro. Os matos arbustivos são característicos de zonas mais elevadas e são constituídos principalmente por tojos, urzes e giestas. Há espécies vegetais que só podem ser encontradas no Gerês, como o lírio-do-gerês, o feto-do-gerês e o hiperício-do-gerês.

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de folha caduca; floresta mista; floresta aluvial; floresta com espécies de folha persistente; ecótono com plantação em linha), Matos (matos, charneca), Prados (prados alpinos/subalpinos/boreais; prados húmidos), Zonas húmidas (águas paradas doces; cursos de água; turfeiras), Áreas rochosas (falésias/fragas rochosas; áreas com cascalho), Zonas artificiais (terra arada; plantações florestais).

Uso do solo: Agricultura, Pesca/aquacultura, Silvicultura, Conservação da natureza e investigação, Turismo/recreio

Importância ornitológica

Este sítio tem efectivos importantes de espécies de aves de rapina e é o principal local em Portugal de ocorrência do Picanço-de-dorso-ruivo e da Sombria. Várias espécies de aves têm aqui o seu limite de distribuição Sudoeste na Europa, entre as quais o Picanço-de-dorso-ruivo e o Cartaxo-nortenho. A avifauna global deste sítio é bastante rica, com mais de 120 espécies.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
---------	-------	-----	-----	-----	-------	-----------

<i>Pernis apivorus</i> Falcão-abelheiro	N	1996	6	8	A	C6
<i>Circus gallicus</i> Águia-cobreira	N	1996	10	12	A	B2, C6
<i>Circus cyaneus</i> Tartaranhão-cinzento	N	1996	3	4	A	C6
<i>Circus pygargus</i> Águia-caçadeira	N	1996	20	25	A	C6
<i>Aquila chrysaetos</i> Águia-real	N	1996	3	4	A	C6
<i>Falco peregrinus</i> Falcão-peregrino	N	1997	13	15	A	C6
<i>Bubo bubo</i> Bufo-real	N	1996	10	-	B	C6
<i>Lanius collurio</i> Picanço-de-dorso-ruivo	N	1996	600	800	A	C6
<i>Pyrrhonorax pyrrhonorax</i> Gralha-de-bico-vermelho	R	1996	25	30	B	C6
<i>Emberiza hortulana</i> Sombria	N	1996	frequente		-	C6

Proteção legal

Nacional: Parque Nacional da Peneda Gerês (Decreto-lei nº 187/71 de 8 de Maio; 52.883 ha, 84% da área incluída na IBA); ZPE Serra do Gerês (PTZPE0002, Decreto-Lei nº 384-B/99, de 23 de Setembro; 62.922 ha, coincidentes com a IBA); SIC proposta Serras da Peneda e Gerês (PTCON0001, Resolução de Conselho de Ministros nº 142/97, de 28 de Agosto; 88.845 ha, inclui 57.829 ha da IBA).

Internacional: ZPE Serra do Gerês; candidatura SICs Serras da Peneda e Gerês

Conservação

Existe um plano de ordenamento e de gestão do Parque Nacional (Resolução do Conselho de Ministros nº 134/95 de 11 de Novembro) em vigor pelo período de 10 anos. As principais ameaças estão relacionadas com os violentos fogos florestais na época de Verão e com a invasão das acácias, introduzidas, com efeitos negativos sobre a vegetação natural autóctone.

Ameaças: Abandono/redução da gestão do terreno (B), Queimadas e incêndios (C), Introdução de espécies exóticas (C), Infraestruturas (B), Recreio/turismo (B)

Referências

Pimenta & Santarém (1996), Monteiro (1997), Álvares (2001), Dantas da Gama (2001)

SERRAS DE MONTESINHO E NOGUEIRA

Código: PT003

Norte: Chaves (Vila Real), Vinhais, Bragança e Macedo de Cavaleiros (Bragança)

Coordenadas geográficas: 41°51'N 06°52'W

Área: 108.094 ha

Altitudes: 450-1.500 m

Critérios

B2 (*Circus gallicus*, *Hieraaetus fasciatus*)

B3 (*Circus pygargus*)

C6 (*Ciconia ciconia*, *Ciconia nigra*, *Circus gallicus*, *Circus cyaneus*, *Circus pygargus*, *Milvus milvus*, *Hieraaetus fasciatus*, *Falco peregrinus*, *Aquila chrysaetos*, *Bubo bubo*, *Anthus campestris*, *Luscinia svecica*, *Lanius collurio*, *Pyrhacorax pyrrhacorax*, *Emberiza hortulana*)

Descrição do sítio

Este sítio é constituído por uma série de serras (Coroa, Montesinho e Nogueira) no extremo Nordeste de Portugal e é caracterizado por um clima supra-mediterrânico. Nestas serras incluem-se vastas áreas de floresta de bosques climácicos, carvalhais, sardoais e matos, dominados por carvalhos e azinheiras. São abundantes e ricos os vales dos cursos de água, com bosques ripícolas de amieiros, salgueiros, choupos e freixos, acompanhados por lameiros - prados permanentes - que ocupam áreas antes ocupadas pelos freixiais.

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de folha caduca; floresta mista; ecótono com plantação em linha), Matos (matos; matos esclerófilos; charnecas), Prados (prados alpinos/subalpinos/boreais; prados húmidos), Zonas húmidas (águas paradas doces; cursos de água), Áreas rochosas (falésias/fragas rochosas; áreas com cascalho), Zonas artificiais (terra arada; plantações florestais)

Uso do solo: Agricultura, Silvicultura, Caça, Conservação da natureza e investigação, Turismo/recreio

Importância ornitológica

A avifauna global do sítio é abundante e diversificada, com pelo menos 126 espécies registadas. Tem particular importância pelas aves de habitats de montanha, e as serras têm efectivos importantes de aves de rapina.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Ciconia ciconia</i> Cegonha-branca	N	1997	10	10	A	C6
<i>Ciconia nigra</i> Cegonha-preta	N	2002	1	1	A	C6
<i>Circus gallicus</i> Águia-cobreira	N	1994	11	13	A	B2, C6
<i>Circus cyaneus</i> Tartaranhão-cinzento	N	2002	10	15	B	C6
<i>Circus pygargus</i> Águia-caçadeira	N	2002	100	150	B	B3, C6
<i>Milvus milvus</i> Milhafre-real	R	2002	3	5	A	C6
<i>Hieraaetus fasciatus</i> Águia-perdigueira	R	1995	1	1	A	B2, C6
<i>Falco peregrinus</i> Falcão-peregrino	R	2002	2	4	A	C6
<i>Aquila chrysaetos</i> Águia-real	R	2002	3	4	A	C6
<i>Bubo bubo</i> Bufo-real	R	1997	11	50	A	C6
<i>Anthus campestris</i> Petinha-dos-campos	N	1997	comum		-	C6
<i>Luscinia svecica</i> Pisco-de-peito-azul	N	2001	Pouco comum		-	C6
<i>Lanius collurio</i> Picanço-de-dorso-ruivo	N	2002	5	30	A	C6
<i>Pyrhacorax pyrrhacorax</i> Gralha-de-bico-vermelho	R	1997	1	5	A	C6
<i>Emberiza hortulana</i> Sombria	N	1997	frequente		-	C6

Protecção legal

Nacional: Parque Natural de Montesinho (Decreto-lei nº 355/79 de 30 de Agosto e reclassificado pelo Decreto Regulamentar nº 5-A/97 de 4 de Abril, 74.618 ha, totalmente incluídos na IBA); ZPE Serras de Montesinho e Nogueira (PTZPE0003, Decreto-Lei nº 384-B/99, de 23 de Setembro; 108.089 ha, coincidentes com a IBA); SIC proposta Montesinho/Nogueira (PTCON0002, Resolução de Conselho de Ministros nº 142/97, de 28 de Agosto; inclui 106.205 ha da IBA).

Internacional: ZPE Serras de Montesinho e Nogueira; candidatura SIC Montesinho/Nogueira

Conservação

Não existe plano de ordenamento ou de gestão para o Parque Natural ou sítios da Rede Natura 2000. A área mantém-se ainda relativamente preservada de ameaças humanas, e o abandono gradual da agricultura tende a alterar o valor natural e paisagístico, através da regeneração do coberto florestal e da perda de clareiras. As maiores ameaças acabam por ser a florestação intensiva, sobretudo a florestação de terras agrícolas com recurso a fundos comunitários, e a construção de barragens.

Ameaças: Queimadas e incêndios (U), Construção de barragens ou diques (B), Apanha de lenha (B), Infraestruturas (C), Recreio/turismo (C) Florestação intensiva (A)

Referências

Reino (1994), Patacho (1998, 2002), Álvares (2001)

SABÔR E MACÃS

Código: PT004

Norte: Bragança, Vimioso, Miranda do Douro, Mogadouro, Alfândega da Fé, Macedo de Cavaleiros, Torre de Moncorvo (Bragança)

Coordenadas geográficas: 41°31'N 06°39'W

Área: 50.674 ha

Altitudes: 215-840 m

Critérios

B2 (*Neophron percnopterus*, *Hieraaetus fasciatus*, *Monticola solitarius*)

B3 (*Circus pygargus*)

C6 (*Ciconia nigra*, *Ciconia ciconia*, *Milvus migrans*, *Milvus milvus*, *Neophron percnopterus*, *Circus pygargus*, *Aquila chrysaetos*, *Circus gallicus*, *Hieraaetus fasciatus*, *Falco peregrinus*, *Bubo bubo*, *Oenanthe leucura*, *Monticola solitarius*, *Calandrella brachydactyla*, *Galerida theklae*, *Lullula arborea*, *Sylvia undata*, *Emberiza hortulana*)

Descrição do sítio

Esta área caracteriza-se pelos vales encaixados com fragas abruptas do rio Sabôr e seus afluentes Maços e Angueira. De entre os afluentes do Douro em Portugal, o Sabôr corresponde ao rio mais selvagem e melhor preservado em termos de vegetação autóctone com densos bosques e matagais nas suas encostas. Em alguns troços, assim como na faixa planáltica adjacente, este sítio apresenta uma ocupação agrícola assinalável, com oliveais e parcelas cerealíferas, complementada com a pastorícia de ovinos e caprinos.

Habitats: Matos (matos esclerófilos), Zonas húmidas (águas paradas doces; cursos de água; vegetação ribeirinha), Áreas rochosas (falésias/fragas rochosas), Zonas artificiais (terra arada; campos e pomares perenes)

Uso do solo: Agricultura, Caça, Gestão de recursos hídricos

Importância ornitológica

Sítio particularmente importante para espécies de aves rupícolas, que nidificam nas fragas rochosas.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Ciconia nigra</i> Cegonha-preta	N	2002	1	5	B	C6
<i>Ciconia ciconia</i> Cegonha-branca	N	2002	1	5	A	C6
<i>Neophron percnopterus</i> Britango	N	1997	8	11	A	B2, C6
<i>Milvus migrans</i> Milhafre-preto	N	2001	6	10	A	C6
<i>Milvus milvus</i> Milhafre-real	R	2001	6	10	A	C6
<i>Circus pygargus</i> Águia-caçadeira	N	2001	20	-	-	B3, C6
<i>Aquila chrysaetos</i> Águia-real	R	1997	14	16	A	C6
<i>Circus gallicus</i> Águia-cobreira	N	2001	1	5	A	C6
<i>Hieraaetus fasciatus</i> Águia-perdigueira	R	2002	7	9	A	B2, C6
<i>Falco peregrinus</i> Falcão-peregrino	R	2002	1	5	A	C6
<i>Bubo bubo</i> Bufo-real	R	2002	11	20	B	C6
<i>Oenanthe leucura</i> Chasco-preto	R	2002	pouco comum		-	C6
<i>Monticola solitarius</i> Melro-azul	R	2002	comum		-	B2, C6
<i>Callandrella brachydactyla</i> Calhandrinha	N	2002	pouco comum		-	C6
<i>Galerida theklae</i> Cotovia-escura	R	2002	comum		-	C6
<i>Lullula arborea</i> Cotovia-dos-bosques	R	2002	comum		-	C6
<i>Sylvia undata</i> Toutinegra-do-mato	R	2002	comum		-	C6
<i>Emberiza hortulana</i> Sombria	R	2002	comum		-	C6

Protecção legal

Nacional: ZPE Rios Sabor e Maças (PTZPE0037, Decreto-Lei n° 384-B/99, de 23 de Setembro; 50.674 ha coincidentes com a IBA); SIC proposta Rios Sabor e Maças (PTCON0021, Resolução de Conselho de Ministros n° 142/97, de 28 de Agosto; 33.476 ha, inclui 31.175 ha da IBA).

Internacional: ZPE Rios Sabor e Maças; candidatura SIC Rios Sabor e Maças.

Conservação

Não há qualquer plano de ordenamento ou de gestão de conservação da natureza para este sítio da Rede Natura 2000. A principal e mais grave ameaça a este sítio é a construção de várias barragens, incluindo a projectada Barragem do Sabor, de grandes dimensões e com impactos irreversíveis no valor natural do sítio. A esse projecto associa-se o aumento e melhoramento das acessibilidades, das quais se destaca a construção de diversas estradas novas, uma delas já terminada e com fortes impactos na área de nidificação da Águia-perdigueira, a EN315 Sardão-Meirinhos, no troço que liga Alfândega da Fé ao Mogadouro. Actualmente surgem alguns problemas com a extracção de areias e cascalho nas margens do rio.

Ameaças: Construção de barragens ou diques (A), Florestação (B); Queimadas e incêndios (B), Abandono/redução da gestão do terreno (B), Indústrias extractivas (B), Infraestruturas (B), Recreio/turismo (C).

Referências

SNPRCN (1992), Araújo, Neves & Rufino (1994), Monteiro (1995, 1996), Pombal (1996), Fráguas (1999), Rosa *et al.* (2000a), Berliner, Pacheco & Monteiro (2001), Monteiro *et al.* (2001)

DOURO INTERNACIONAL E VALE DO ÁGUEDA

Código: PT005

Norte: Miranda do Douro, Mogadouro, Freixo Espada à Cinta, Torre de Moncorvo (Distrito de Bragança), Centro: Vila Nova de Foz Coa e Figueira de Castelo Rodrigo (Distrito da Guarda)

Coordenadas geográficas: 41°05'N 06°45'W

Área: 50.744 ha

Altitudes: 150-771 m

Critérios

B2 (*Ciconia nigra*, *Neophron percnopterus*, *Gyps fulvus*, *Hieraaetus fasciatus*, *Oenanthe leucura*)

C2 (*Hieraaetus fasciatus*)

C6 (*Ciconia nigra*, *Neophron percnopterus*, *Gyps fulvus*, *Aquila chrysaetos*, *Hieraaetus fasciatus*, *Falco peregrinus*, *Bubo bubo*, *Oenanthe leucura*, *Pyrhocorax pyrrhocorax*)

Descrição do sítio

O sítio é constituído por dois vales fronteiriços, o do Rio Douro e o do seu afluente o Rio Águeda. Por razões geomorfológicas esses vales são profundamente encaixados com escarpas rochosas, essencialmente graníticas, constituindo enclaves microclimáticos com escassa presença humana. As encostas que outrora estavam plantadas com olival, amendoal e vinha, estão maioritariamente cobertas por extensos bosques dominados pela azinheira, sobreiro ou zimbro e por matos de giesta e esteva. A restante porção do sítio corresponde a planaltos com marcado aproveitamento agro-silvo-pecuário, destacando-se a alternância de parcelas cerealíferas, vinhedos, lameiros, bosques e matos.

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de folha caduca; floresta com espécies de folha persistente), Matos (matos; matos esclerófilos), Zonas húmidas (águas paradas doces; cursos de água), Áreas rochosas (falésias/fragas rochosas), Zonas artificiais (terra arada; campos e pomares perenes

Uso do solo: Agricultura, Pesca/aquacultura, Caça, Conservação da natureza e investigação, Turismo/recreio, Gestão de recursos hídricos

Importância ornitológica

As fragas rochosas constituem um habitat de nidificação excepcional para aves de rapina e outras aves planadoras, que encontram na zona planáltica adjacente, onde se desenvolve a actividade agro-pecuária, o seu habitat de alimentação. Também importante para aves características de matos mediterrânicos e pseudo-estepárias.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
---------	-------	-----	-----	-----	-------	-----------

<i>Ciconia nigra</i> Cegonha-preta	N	2001	15	16	A	B2, C6
<i>Ciconia ciconia</i> Cegonha-branca	N	2002	15	16	A	C6
<i>Milvus migrans</i> Milhafre-preto	N	2001	20	-	A	C6
<i>Milvus milvus</i> Milhafre-real	R	2001	10	20	A	C6
<i>Neophron percnopterus</i> Britango	N	2001	74	76	A	B2, C6
<i>Gyps fulvus</i> Grifo	R	2001	357	375	A	B2, C6
<i>Circus gallicus</i> Águia-cobreira	N	2001	1	5	A	C6
<i>Aquila chrysaetos</i> Águia-real	R	2001	17	18	A	C6
<i>Hieraaetus fasciatus</i> Águia-perdigueira	R	2001	13	16	A	B2, C2, C6
<i>Hieraaetus pennatus</i> Águia-calçada	N	2001	10	20	A	B2, C6
<i>Falco peregrinus</i> Falcão-peregrino	R	2001	15	25	B	C6
<i>Burhinus oedipnes</i> Alcaravão	N	2002	Pouco comum		-	C6
<i>Tetrax tetrax</i> Sisão	N	2002	10	20	B	C6
<i>Bubo bubo</i> Bufo-real	R	2001	11	50	B	C6
<i>Oenanthe leucura</i> Chasco-preto	R	-	frequente		D	B2, C6
<i>Pyrrhocorax pyrrhocorax</i> Gralha-de-bico-vermelho	R	-	100	200	B	C6

Protecção legal

Nacional: Parque Natural do Douro Internacional (Decreto Regulamentar nº 8/98 de 11 de Maio, 85.146 ha, inclui toda a IBA); ZPE Douro Internacional e Vale do Rio Águeda (PTZPE0038, Decreto-Lei nº 384-B/99, de 23 de Setembro; 50.744 ha coincidentes com a IBA); SIC proposta Douro Internacional (PTCON0022, Resolução de Conselho de Ministros nº 142/97, de 28 de Agosto; 36.187 ha, inclui 33.756 ha da IBA).

Internacional: ZPE Douro Internacional e Vale do Rio Águeda; candidatura SIC Douro Internacional.

Conservação

Não existe plano de ordenamento ou de gestão para o Parque Natural ou sítios da Rede Natura 2000. A área mantém um reduzido nível de perturbações humanas devido à sua inacessibilidade, embora exista a nível localizado alguma perturbação das aves rupícolas por barcos de turismo. O crescente abandono dos cultivos e do pastoreio e, simultaneamente, a ocorrência de incêndios, tende a reduzir a disponibilidade alimentar para as grandes aves de rapina.

Ameaças: Abandono/redução da gestão do terreno (B), Queimadas e incêndios (B), Perturbação (B), Infraestruturas (C), Recreio/turismo (C)

Referências

Araújo, Neves & Rufino (1994), Monteiro (1995), Monteiro *et al.* (1996, 1998, 2001), Berliner (1996), SNPRCN (1992), Berliner, Pacheco & Monteiro (2001), Fráguas (1999)

VALE DO CÔA

Código: PT006

Centro: Vila Nova de Foz Côa, Figueira de Castelo Rodrigo, Pinhel, Meda (Guarda)

Coordenadas geográficas: 40°53'N 07°04'W

Área: 23.727 ha

Altitudes: 130-652 m

Critérios

B2 (*Neophron percnopterus*, *Gyps fulvus*, *Hieraaetus fasciatus*, *Oenanthe leucura*)

C6 (*Ciconia nigra*, *Neophron percnopterus*, *Gyps fulvus*, *Aquila chrysaetos*, *Hieraaetus fasciatus*, *Bubo bubo*, *Oenanthe leucura*)

Descrição do sítio

O sítio localiza-se na região da Beira Alta e compreende a porção terminal da bacia hidrográfica do Rio Côa e corresponde em termos genéricos a um vale de orientação Sul-Norte, com vertentes declivosas e por vezes escarpadas, onde surgem afloramentos rochosos de granito e xisto. Nessas áreas o coberto vegetal é dominado por matos de giesta branca onde surgem maciços dispersos de azinheira, enquanto que nas zonas mais termófilas ocorre o piorno-amarelo. A ocupação agrícola desses terrenos baseia-se no cultivo da oliveira e da amendoeira, mas assume pouca expressão territorial. Na faixa geográfica que rodeia a bacia, os terrenos assumem pendentes mais suaves, por vezes planaltos, onde a pastorícia de ovelhas e cabras está bem representada e à qual se associam extensas áreas abertas de pastagem, alternando com matos variados e bosques degradados de azinheira e de sobreiro.

Habitats: Matos (matos esclerófilos), Zonas húmidas (cursos de água), Áreas rochosas (falésias/fragas rochosas), Zonas artificiais (terra arada; campos e pomares perenes)

Uso do solo: Agricultura; Caça, Turismo/recreio, Gestão de recursos hídricos

Importância ornitológica

O Vale do Côa constitui uma área importante para a avifauna rupícola a nível nacional, sendo de destacar a população nidificante de Britango, que corresponde a um dos mais importantes núcleos do nosso país. A área assume relevância para a Águia-real e Águia-perdigueira com densidades de nidificação elevadas, e também para o Chasco-preto que é frequente nas zonas mais áridas da IBA. Salienta-se ainda a ocorrência e abundância de diversos passeriformes como a Toutinegra-tomilheira, a Toutinegra-de-bigodes, ou a Toutinegra-dos-valados, associados às vastas superfícies de matos.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Ciconia nigra</i> Cegonha-preta	N	2001	1	1	A	C6
<i>Milvus migrans</i> Milhafre-preto	N	2001	10	20	A	C6
<i>Milvus milvus</i> Milhafre-real	R	2001	1	5	A	C6
<i>Neophron percnopterus</i> Britango	N	2001	6	8	A	B2, C6
<i>Gyps fulvus</i> Grifo	R	2001	15	20	A	B2, C6
<i>Aquila chrysaetos</i> Águia-real	R	2001	4	4	A	C6
<i>Hieraaetus fasciatus</i> Águia-perdigueira	R	2001	2	2	A	B2, C6
<i>Tetrax tetrax</i> Sisão	N	2002	5	10	B	C6
<i>Burhinus oedicnemus</i> Alcaravão	N	2002	Pouco comum		D	C6
<i>Bubo bubo</i> Bufo-real	R	2001	5	10	B	C6
<i>Oenanthe leucura</i> Chasco-preto	R	2001	Frequente		-	B2, C6
<i>Monticola solitarius</i> Melro-azul	R	2002	Comum		D	B2, C6

Protecção legal

Nacional: ZPE Vale do Rio Côa (PTZPE0039; Decreto-Lei n° 384-B/99, de 23 de Setembro; 20.628 ha coincidentes com a IBA); Parque Arqueológico do Vale do Côa (Decreto-Lei n° 117/97 de 14 de Maio)

Internacional: ZPE Vale do Rio Côa, Sítio Património Mundial (UNESCO)

Conservação

Não há qualquer plano de ordenamento ou de gestão de conservação da natureza para o sítio da Rede Natura 2000. Encontra-se em fase adiantada o plano de ordenamento do Parque Arqueológico do Vale do Côa, que incluirá medidas de protecção e gestão de habitats importantes para as aves. Existem planos para construir algumas barragens de grandes dimensões, com consequente alagamento da parte meridional do sítio. A área tem sofrido uma degradação progressiva dos habitats de alimentação das aves rupícolas quer pela destruição do seu coberto vegetal (matos e bosquetes) por queimadas e incêndios associadas ao mancio pastoril e também devido ao abandono da agricultura tradicional (cerealicultura). Mantêm-se em níveis preocupantes as práticas ilegais de caça (abate, veneno) e pesca (uso de explosivos).

Ameaças: Queimadas e incêndios (A); Construção de barragens ou diques (B), Abandono/redução da gestão do terreno (B); Perturbação (B); Infra-estruturas (B)

Referências

SNPRCN (1992), Araújo, Neves & Rufino (1994), Monteiro (1995), Berliner (1996, 2001), Instituto do Ambiente e Desenvolvimento (1999)

RIA DE AVEIRO

Código: PT007

Centro: Ovar, Estarreja, Murtosa, Aveiro, Albergaria-a-Velha, Ílhavo, Vagos, Águeda, Oliveira do Bairro (Aveiro), Mira (Coimbra)

Coordenadas geográficas: 40°42'N 08°40'W

Área: 51.378 ha

Altitudes: 0-79 m

Critérios

A4i (*Recurvirostra avosetta*, *Charadrius hiaticula*, *Charadrius alexandrinus*)

B1i (*Recurvirostra avosetta*, *Charadrius hiaticula*, *Charadrius alexandrinus*)

B2 (*Ardea purpurea*, *Recurvirostra avosetta*)

B3 (*Calidris alpina*, *Charadrius alexandrinus*)

C2 (*Calidris alpina*, *Recurvirostra avosetta*)

C3 (*Calidris alpina*, *Charadrius alexandrinus*)

C6 (*Ixobrychus minutus*, *Ardea purpurea*, *Circus aeruginosus*, *Himantopus himantopus*, *Recurvirostra avosetta*, *Sterna albifrons*)

Descrição do sítio

Uma das zonas húmidas mais extensas de Portugal, a Ria de Aveiro um complexo sistema lagunar, que inclui águas estuarinas, sapais e salinas, zonas palustres de água doce e áreas de foresta aluvial associadas ao Rio Vouga e seus principais afluentes na sua foz. Inclui-se ainda uma área de águas marinhas adjacentes à costa, até uma profundidade de 20 metros.

Habitats: Florestas e matas (floresta de coníferas; floresta aluvial), Prados (prados húmidos), Zonas húmidas (rios com marés; bancos de vasa ou areia; sapais; dunas e praias; lagoas costeiras; vegetação ribeirinha), Áreas marinhas (mar), Zonas artificiais (terra arada; plantações florestais)

Uso do solo: Agricultura, Pesca/aquacultura, Silvicultura, Caça, Militar, Conservação da natureza e investigação, Turismo/recreio, Urbano/industrial/transportes

Importância ornitológica

As zonas palustres de água doce e estuarinas são importantes para muitas espécies de aves aquáticas. A Ria de Aveiro tem regularmente mais de 20.000 aves aquáticas invernantes, destacando-se a presença de grandes números de aves limícolas, especialmente o Pilrito-de-peito-preto e o Borrelho-de-coleira-interrompida. Na zona marinha registam-se por vezes grandes números de Negrola.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Ixobrychus minutus</i> Garçote	N	-	Frequente		-	C6
<i>Ardea purpurea</i> Garça-vermelha	N	2002	150	200	A	B2, C6
<i>Circus aeruginosus</i> Águia-sapeira	R	1999	13	13	A	C6
<i>Circus aeruginosus</i> Águia-sapeira	I	1999	47i	50i	A	C6
<i>Himantopus himantopus</i> Pernilongo	N	1996	50	100	A	C6
<i>Recurvirostra avosetta</i> Alfaiate	I	2002	800	1.800	A	A4i, B1i, B2, C2, C6
<i>Charadrius hiaticula</i> Borrelho-grande-de-coleira	I	2002	860i	1.800i	A	A4i, B1i
<i>Charadrius alexandrinus</i> Borrelho-de-coleira-interrompida	I	2002	660i	6.000i	A	A4i, B1i, C3
<i>Charadrius alexandrinus</i> Borrelho-de-coleira-interrompida	N	1995	comum		-	B3
<i>Calidris alpina</i> Pilrito-de-peito-preto	I	2002	7.800i	10.700i	A	B3, C3
<i>Sterna albifrons</i> Chilreta	N	1996	10	15	A	C6

Protecção legal

Nacional: Reserva Natural das Dunas de São Jacinto (Decreto-lei nº 41/79 de 6 de Março, reclassificada pelo Decreto Regulamentar nº 46/97 de 17 de Novembro, 681 ha, totalmente incluídos na IBA); ZPE Ria de Aveiro (PTZPE0004; Decreto-Lei nº 384-B/99, de 23 de Setembro; 52.720 ha coincidentes com a IBA).

Internacional: ZPE Ria de Aveiro

Conservação

Não existe qualquer plano de ordenamento ou de gestão para conservação da natureza no sítio da rede Natura 2000 ou na pequena área de Reserva Natural das Dunas de São Jacinto. A área é vasta e sujeita a ameaças importantes. A dragagem constante do canal que conduz à barra tem aumentado a amplitude de marés no sistema lagunar e o caudal de água. Estes dois efeitos combinados provocam uma maior erosão dos sedimentos e têm impacto na qualidade do sistema lagunar e da disponibilidade alimentar das aves aquáticas. A drenagem e a conversão de zonas húmidas para utilização de terrenos para a agricultura reduzem a área de floresta aluvial e a diversidade da paisagem. As salinas têm sido destruídas por erosão e têm sido gradualmente convertidas em tanques de aquacultura. A invasão de acácias introduzidas tem provocado competição com a vegetação autóctone.

Ameaças: Intensificação agrícola (A), Aquacultura e pesca (A), Introdução de espécies exóticas (C), Construção de barragens ou diques (A), Dragagens e canalização (A), Industrialização/urbanização (B), Infra-estruturas (B)

Referências

Rosa *et al.* (2001c, *in press*)

SERRA DA MALCATA

Código: PT008

Centro: Penamacor (Castelo Branco), Sabugal (Guarda)

Coordenadas geográficas: 40°15'N 07°02'W

Área: 16.361 ha

Altitudes: 425-1.078 m

Critérios

A3 (*Caprimulgus ruficollis*, *Oenanthe hispanica*, *Sylvia conspicillata*, *Sylvia malenocaphala*, *Sylvia cantillans*, *Sturnus unicolor*)

C6 (*Aegypius monachus*, *Circus gallicus*, *Circus pygargus*, *Hieraetus pennatus*, *Bubo bubo*, *Coracias garrulus*)

Descrição do sítio

A Serra da Malcata caracteriza-se pela suavidade dos seus cumes, contrastando com as vertentes íngremes, por vezes escarpadas, e os vales encaixados. A cota mais elevada situa-se no Alto da Machoca, com 1.078 metros. A Serra da Malcata é fundamentalmente coberta por matos extensos e plantações de coníferas, existindo um contraste visível entre as vertentes norte e sul, sendo as primeiras de características climáticas mais frias e continentais, enquanto que as segundas são mais quentes e mediterrânicas. A paisagem é valorizada pela existência de inúmeras linhas de água, com destaque para o Rio Côa, a Ribeira de Meimoa e a Ribeira de Bazágueda, que formam vales com galerias ripícolas entre os cumes da serra.

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de folha caduca; floresta com espécies de folha persistente), Matos (matos esclerófilos), Zonas húmidas (águas paradas doces; cursos de água; vegetação ribeirinha), Áreas rochosas (falésias/fragas rochosas), Zonas artificiais (terra arada; campos e pomares perenes; plantações florestais)

Uso do solo: Agricultura, Pesca/aquacultura, Silvicultura, Caça, Conservação da natureza e investigação, Turismo/recreio, Gestão de recursos hídricos

Importância ornitológica

O sítio tem importância para aves de rapina nidificantes, sendo um dos dois sítios conhecidos onde já se verificou a nidificação de Abutre-preto. É interessante no seu conjunto por representar uma comunidade de passeriformes de sistemas mediterrânicos.

Espécie	Épo ca	Ano	Min	Máx	Rig or	Critérios
<i>Aegypius monachus</i> Abutre-preto	R	1998	0	1	A	C6
<i>Circetus gallicus</i> Águia-cobreira	N	1998	2	4	A	C6
<i>Circus pygargus</i> Águia-caçadeira	N	1998	4	5	A	C6
<i>Hieraetus pennatus</i> Águia-calçada	N	1998	3	4	A	C6
<i>Bubo bubo</i> Bufo-real	R	1998	1	2	B	C6
<i>Coracias garrulus</i> Rolieiro	N	1998	1	2	B	C6
<i>Caprimulgus ruficollis</i> Noitibó-de-nuca-vermelha	N	1998	Raro		-	A3
<i>Oenanthe hispanica</i> Chasco-ruivo	N	1998	Pouco comum		-	A3
<i>Sylvia conspicillata</i> Toutinegra-tomilheira	N	1998	Pouco comum		-	A3
<i>Sylvia melanocephala</i> Toutinegra-dos-valados	R	1998	Comum		-	A3
<i>Sylvia undata</i> Toutinegra-do-mato	R	1998	Abundante		-	C6
<i>Sylvia cantillans</i> Toutinegra-de-bigodes	N	1998	Abundante		-	A3
<i>Sturnus unicolor</i> Estorninho-preto	R	1998	Comum		-	A3

Protecção legal

Nacional: Reserva Natural da Serra da Malcata (Decreto-lei nº 294/81 de 16 de Outubro, reclassificado pelo Decreto Regulamentar nº 28/99 de 30 de Novembro; 16.348 ha, dos quais 15.523 ha se sobrepõem à IBA); ZPE Serra da Malcata (PTZPE0007; Decreto-Lei nº 384-B/99, de 23 de Setembro; 16.361 ha coincidentes com a IBA); SIC proposta Malcata (Resolução de Conselho de Ministros nº 142/97, de 28 de Agosto; 79.079 ha que incluem 15.931 ha da IBA).

Internacional: ZPE Serra da Malcata; candidatura SIC Malcata; Reserva Biogenética (Conselho da Europa)

Conservação

Não existe qualquer plano de ordenamento ou de gestão para conservação da natureza na Reserva Natural ou para o sítio de rede Natura 2000. A principal ameaça ao sítio consiste na florestação com espécies de pinheiros exóticas. Existe perturbação causada por caça furtiva, e verifica-se também uma crescente pressão turística (passeios e desportos radicais)

Ameaças: Florestação (B), Queimadas e incêndios (B), Construção de barragens ou diques (C), Desflorestação (comercial) (B), Perturbação (C), Apanha de lenha (C), Gestão silvícola intensiva (C), Recreio/turismo (C)

Referências

Silva (1998)

PAUL DE TAIPAL

Código: PT009

Centro: Montemor-o-Velho (Coimbra)

Coordenadas geográficas: 40°11'N 08°41'W

Área: 233 ha

Altitudes: 3-25 m

Critérios

A4i (*Bubulcus ibis*, *Anas chapeata*)

B1i (*Bubulcus ibis*, *Anas chapeata*)

C3 (*Anas chapeata*)

C6 (*Ixobrychus minutus*, *Egretta garzetta*, *Ardea purpurea*, *Platalea leucorodia*, *Ciconia ciconia*, *Milvus migrans*, *Circus aeruginosus*, *Himantopus himantopus*, *Luscinia svecica*)

Descrição do sítio

Pequeno paul densamente coberto de vegetação aquática, localizado no vale do Baixo Mondego, a oeste de Coimbra. É uma parte importante de um conjunto de zonas húmidas no vale do Mondego, que inclui outras Zonas Importantes para a Avifauna: Paul de Arzila (PT010) e Paul de Madriz (PT011). O paul encontra-se permanentemente alagado desde as obras no vale do Mondego, quando o cultivo do arroz e a drenagem foram abandonados. O coberto vegetal é constituído por bunho e caniço. O estrato arbóreo é formado por salgueiros e amieiros. O paul apresenta diversas zonas de água livre, embora haja tendência para o aparecimento de caniço.

Habitats: Zonas húmidas (águas paradas doces; vegetação ribeirinha)

Uso do solo: Silvicultura; Conservação da natureza e investigação.

Importância ornitológica

Este sítio tem importância pela diversidade de aves aquáticas, sobretudo de patos invernantes, onde se destaca a presença de efectivos importantes de Pato-colhereiro a nível nacional. O paul é também bastante importante pela passagem outonal de passeriformes migradores, de que são exemplo o Rouxinol-dos-caniços, a Felosa-dos-juncos, o Rouxinol-grande-dos-caniços, a Cigarrinha-ruiva, a Cigarrinha-malhada, a Felosa-poliglota, a Felosa-musical e o Pisco-de-peito-azul. Tem um registo de presença de mais de 125 espécies de aves.

	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Ixobrychus minutus</i> Garçote	N	2001	10	10	A	C6
<i>Platalea leucorodia</i> Colhereiro	P	2001	4i	10i	A	C6
<i>Bubulcus ibis</i> Carraceiro	R	1999	1500	6000	A	A4i, B1i
<i>Egretta garzetta</i> Garça-branca	R	1996	100	120	A	C6
<i>Ardea purpurea</i> Garça-vermelha	N	2001	5	6	A	C6
<i>Ciconia ciconia</i> Cegonha-branca	N	2001	6	10	A	C6
<i>Milvus migrans</i> Milhafre-preto	N	1996	Comum		-	C6
<i>Circus aeruginosus</i> Águia-sapeira	R	1996	2	5	A	C6
<i>Himantopus himantopus</i> Pernilongo	N	1996	Comum		-	C6
<i>Luscinia svecica</i> Pisco-de-peito-azul	I	1996	Frequente		-	C6

Protecção legal

Nacional: ZPE Paul do Taipal (PTZPE0040, Decreto-Lei n° 384-B/99 de 23 de Setembro; 233 ha coincidentes com a IBA).

Internacional: ZPE Paul do Taipal; Sítio Ramsar (7PT012, 2001, 233 ha, coincidentes com a IBA).

Conservação

Não existe qualquer plano de gestão para conservação da natureza para a Zona de Protecção Especial ou sítio Ramsar. No entanto, os terrenos incluídos na área são propriedade do Estado, por intermédio do Instituto da Conservação da Natureza. Verifica-se alguma perturbação no local, devido à proximidade da estrada e da construção do nó de portagem da auto-estrada. Existe também perturbação associada a pesca furtiva dentro do paul e a caça fora dos limites do sítio.

Ameaças: Perturbação (U).

Referências

Costa & Guedes (1996), Farinha *et al.* (2001), Tenreiro (2002a,b)

PAUL DE ARZILA

Código: PT010

Centro: Coimbra, Montemor-o-Velho e Condeixa-a-Nova (Coimbra)

Coordenadas geográficas: 40°10'N 08°33'W

Área: 482 ha

Altitudes: 9-15 m

Critérios

C6 (*Ixobrychus minutus*, *Ardea purpurea*, *Milvus migrans*)

Descrição do sítio

Pequeno paul com água doce situado na margem esquerda do Rio Mondego; compreende uma parte central de paul, com cerca de 150 ha, e uma área envolvente que funciona como barreira de protecção. Caracterizado por um extenso caniçal com tabua, bunho, junção e caniço, é atravessado por três valas e encontra-se alagado durante quase todo o ano, devido à existência de diversas exsurgências e ao facto de as cotas a montante serem mais baixas 2 a 3 metros do que a jusante. O paul é rodeado por uma área de pinhal, e situa-se numa região densamente povoada. É uma parte importante de um conjunto de zonas húmidas no vale do Mondego, que inclui outras Zonas Importantes para a Avifauna: Paul de Taipal (PT009) e Paul de Madriz (PT011).

Habitats: Zonas húmidas (águas paradas doces; vegetação ribeirinha), Zonas artificiais (plantações florestais)

Uso do solo: Silvicultura, Conservação da natureza e investigação

Importância ornitológica

Este sítio tem efectivos nidificantes interessantes para duas garças: o Garçote e a Garça-vermelha, e para o Milhafre-preto. É também importante pela passagem outonal de passeriformes migradores transarianos, destacando-se a Felosa-dos-juncos, a Felosa-poliglota e a Felosa-musical.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Ixobrychus minutus</i> Garçote	N	2001	8	8	A	C6
<i>Ardea purpurea</i> Garça-vermelha	N	2001	1	2	A	C6
<i>Milvus migrans</i> Milhafre-preto	N	1996	Comum		-	C6

Protecção legal

Nacional: Reserva Natural do Paul de Arzila (Decreto-lei n° 219/88 de 27 de Junho reclassificado pelo Decreto Regulamentar n° 45/97 de 17 de Novembro; 580 ha, inclui 315 ha da IBA); ZPE Paul de Arzila (PTZPE0005; Decreto-Lei n° 384-B/99 de 23 de Setembro; 482 ha coincidentes com a IBA); SIC Paul de Arzila (PTCON0005, Resolução de Conselho de Ministros n° 142/97, de 28 de Agosto; 666 ha, 459 ha coincidentes com a IBA).

Internacional: ZPE Paul de Arzila; SIC Paul de Arzila; Sítio Ramsar (7PT003, 1996; 585 ha, inclui a IBA); Reserva Biogenética (Conselho da Europa).

Conservação

Não existe qualquer plano de gestão para conservação da natureza para a Zona de Protecção Especial ou o sítio Ramsar. No entanto, cerca de 18% dos terrenos incluídos na área são propriedade do Estado, por intermédio do Instituto da Conservação da Natureza. Existem planos para construir uma estrada nos limites do sítio. A poluição química, agrícola (herbicidas e insecticidas) e industrial (efluentes de duas unidades fabris), a drenagem, o corte da vegetação natural, a substituição de povoamentos florestais por plantação de eucaliptos, a eutroficação, a presença da infestante *Myriophyllum verticillatum* nas valas e ainda a caça e a pesca furtivas são ameaças a ter em conta.

Ameaças: Introdução de espécies exóticas (B), Perturbação (C), Infra-estruturas (B); Drenagem (B).

Referências

Costa & Guedes (1996), Farinha *et al.* (2001), Tenreiro (2002a)

SERRA DE PENHA GARCIA E CAMPINA DE TOULÕES

Código: PT012

Centro: Idanha-a-Nova (Castelo Branco)

Coordenadas geográficas: 40°01'N 06°57'W

Área: 15.733 ha

Altitudes: 200-407 m

Critérios

A1 (*Otis tarda*)

B2 (*Ciconia nigra*, *Neophron percnopterus*, *Gyps fulvus*, *Hieraaetus fasciatus*, *Monticola solitarius*)

C1 (*Otis tarda*)

C6 (*Ciconia nigra*, *Elanus caeruleus*, *Milvus migrans*, *Milvus milvus*, *Neophron percnopterus*, *Gyps fulvus*, *Aegypius monachus*, *Circus gallicus*, *Circus pygargus*, *Aquila chrysaetos*, *Hieraaetus pennatus*, *Hieraaetus fasciatus*, *Falco peregrinus*, *Otis tarda*, *Burbinus oediconemus*, *Pterocles orientalis*, *Bubo bubo*, *Coracias garrulus*, *Melanocorypha calandra*, *Calandrella brachydactyla*, *Oenanthe leucura*, *Monticola solitarius*, *Sylvia undata*)

Descrição do sítio

Área situada na Beira Baixa, no concelho de Idanha-a-Nova que se caracteriza por uma elevada diversidade de habitats que englobam desde áreas planas tipicamente estepárias, zonas abertas com montado de azinho e sobre e áreas de matagal mediterrânico a sul, a uma zona serrana, a norte, rica em afloramentos quartzíferos, matos mediterrânicos, sobreirais e pinhais, que se estende de este para oeste. A serra possui ainda a particularidade de, devido à sua orientação, ter zonas de grande insolação, viradas a sul, e zonas menos expostas aos raios solares a norte, o que lhe confere uma elevada diversidade de habitats, com especificidades curiosas como o facto de os piscos-de-peito-ruivo apenas nidificarem nas vertentes viradas a norte. O habitat estepário, cada vez mais escasso na região, está aqui ainda bem representado, embora sujeito a uma degradação crescente.

Habitats: florestas e matas (floresta com espécies de folha persistente; floresta de coníferas), matos (matos; matos esclerófilos), zonas húmidas (águas paradas doces; cursos de água; vegetação ribeirinha), áreas rochosas (falésias/fragas rochosas), zonas artificiais (terra arada; plantações florestais; campos e pomares perenes).

Uso do solo: agricultura, silvicultura, caça, turismo/recreio.

Importância ornitológica

Este sítio é caracterizado por apresentar uma grande diversidade de espécies, entre as quais algumas típicas dos dois habitats distintos que a caracterizam, estepário e rupícola. Foram até ao momento recenseadas cerca de 125 espécies nesta área, das quais cerca de 90 serão nidificantes. Este sítio é importante a nível regional para a nidificação de diversas espécies de ameaçadas, com destaque para as aves de rapina como o Britango, o Grifo, a Águia-real, a Águia-perdigueira e o Falcão-peregrino. Verifica-se aliás uma elevada diversidade específica de aves de rapina, podendo ser encontradas aqui 18 espécies das cerca de 24 que ocorrem regularmente em território nacional. A zona estepária é importante para a Cegonha-preta, a Abetarda, o Sisão, o Cortiçol-de-barriga-preta e o Alcarvão.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Ciconia nigra</i> Cegonha-preta	N	1997	5	6	A	B2, C6
<i>Elanus caeruleus</i> Peneireiro-cinzento	R	2000	2	4	A	C6
<i>Milvus migrans</i> Milhafre-preto	N	2001	8	15	B	C6
<i>Milvus milvus</i> Milhafre-real	R	2001	1	2	A	C6
<i>Neophron percnopterus</i> Britango	N	2002	2	2	A	B2, C6
<i>Gyps fulvus</i> Grifo	R	2002	10	10	A	B2, C6
<i>Aegypius monachus</i> Abutre-preto	U	2000	Frequente		-	C6
<i>Circaetus gallicus</i> Águia-cobreira	N	2001	4	10	B	C6
<i>Circus pygargus</i> Águia-caçadeira	N	2001	1	2	A	C6
<i>Aquila chrysaetos</i> Águia-real	R	2002	1	1	A	C6
<i>Hieraaetus pennatus</i> Águia-calçada	N	2001	4	10	B	C6
<i>Hieraaetus fasciatus</i> Águia-perdigueira	R	2001	1	1	A	B2, C6
<i>Falco peregrinus</i> Falcão-peregrino	R	2002	1	1	A	C6
<i>Otis tarda</i> * Abetarda	U	1999	10i	20i	C	A1, C1, C6
<i>Burhinus oedicnemus</i> Alcaravão	N	1996	20	50	B	C6
<i>Pterocles orientalis</i> Cortiçol-de-barriga-preta	N	2001	Pouco frequente		-	C6
<i>Bubo bubo</i> Bufo-real	R	2001	5	8	B	C6
<i>Coracias garrulus</i> Rolieiro	N	1996	1	5	B	C6
<i>Calandrella brachydactyla</i> Calhandrinha	N	2001	Comum		-	C6
<i>Melanocorypha calandra</i> Calhandra-real	N	1996	Comum		-	C6
<i>Oenanthe leucura</i> Chasco-preto	R	1999	Pouco comum		-	C6
<i>Monticola solitarius</i> Melro-azul	R	2001	15	50	B	B2, C6
<i>Sylvia undata</i> Toutinegra-do-mato	R	2001	Comum		-	C6

*em declínio acentuado enquanto nidificante, provavelmente extinta em 2000.

Protecção legal

Nacional: nenhuma.

Internacional: nenhuma.

Conservação

A intensificação da agricultura, designadamente pelos regadios, está a reduzir a extensão de habitats estepários. Por outro lado, há muitos terrenos a serem abandonados, com a consequente regeneração dos matos e o aparecimento de vários projectos de florestação com azinheira, que também contribuem para a redução e a fragmentação dos habitats estepários. De acordo com alguns habitantes locais, a caça ilegal de Abetarda pode ter tido também uma influência significativa na acentuada regressão desta espécie na região.

Os locais de nidificação das espécies rupícolas mais ameaçadas são perturbadas por passeios turísticos, fotografia de natureza e actividade cinegética. Este último caso é especialmente grave pela ocorrência de controlo ilegal de predadores, com consequente morte de aves de rapina. Verificaram-se recentemente pilhagens de ninhos de Grifo e de Águia-calçada. Por outro lado, os habitats nas zonas serranas estão a ser substancialmente degradados pela expansão da plantação de eucaliptos.

Ameaças: Intensificação agrícola (B); abandono/redução da gestão do terreno (A); florestação (A), queimadas e incêndios (C); Caça (B); perturbação (A); recreio/turismo (B), outras (B).

Referências

Pacheco *et al.* (1999), Rosa *et al.* (1999), Rosa *et al.* (2001a,b)

TEJO INTERNACIONAL

Código: PT013

Centro: Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Vila Velha de Ródão (Castelo Branco)

Coordenadas geográficas: 39°43'N 07°15'W

Área: 25.764 ha

Altitudes: 150-319 m

Critérios

A3

A4i (*Ciconia nigra*)

B1i (*Ciconia nigra*)

B2 (*Ciconia nigra*, *Neophron percnopterus*, *Gyps fulvus*, *Hieraaetus pennatus*, *Hieraaetus fasciatus*, *Oenanthe leucura*)

C6 (*Ciconia nigra*, *Milvus migrans*, *Milvus milvus*, *Neophron percnopterus*, *Gyps fulvus*, *Aegypius monachus*, *Circus gallicus*, *Aquila chrysaetos*, *Hieraaetus pennatus*, *Hieraaetus fasciatus*, *Pterocles alchata*, *Bubo bubo*, *Caprimulgus ruficollis*, *Melanocorypha calandra*, *Calandrella brachydactyla*, *Oenanthe leucura*)

Descrição do sítio

O sítio compreende os vales internacionais do Rio Tejo e do Rio Erges, e dos seus afluentes em território português, que se caracterizam por encostas bastante inclinadas com escarpas e abundante matagal mediterrânico. No topo das encostas encontram-se zonas aplanadas, cobertas por montado de azinho, terrenos de cultivo, pastagens e matos esclerófilos. No seu conjunto, este sítio engloba uma grande diversidade de habitats, que suportam uma elevada diversidade animal e vegetal altamente representativa da região mediterrânica. O leito do rio é actualmente mais largo do que há 25 anos atrás, devido à construção de uma grande barragem a jusante, e permite agora a passagem de embarcações de pesca e de recreio.

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de folha persistente), Matos (matos esclerófilos), Zonas húmidas (cursos de água; vegetação ribeirinha), Áreas rochosas (falésias/fragas rochosas), Zonas artificiais (terra arada; campos e pomares perenes; plantações florestais)

Uso do solo: Agricultura, Pesca/aquacultura, Silvicultura, Caça, Conservação da natureza e investigação, Turismo/recreio, Gestão de recursos hídricos

Importância ornitológica

A área caracteriza-se por uma elevada diversidade de espécies, com especial relevância para as tipicamente rupícolas, que nidificam nas encostas escarpadas do vale do Rio Tejo e afluentes, e algumas espécies estepárias, nas áreas de planalto contíguas às encostas. Este sítio suporta o maior efectivo populacional de Cegonha-preta a nível das IBAs nacionais e uma proporção significativa das grandes águias e abutres. É assinalada a presença de um efectivo considerável de Abutre-preto. Sendo o único local onde a nidificação foi confirmada recentemente em território português. É também o único sítio em Portugal onde ainda se pode encontrar a Ganga, espécie que se considerava como provavelmente extinta no país.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Crítérios
<i>Ciconia nigra</i> Cegonha-preta	N	2002	18	19	A	A4i, B1i, B2, C6
<i>Elanus caeruleus</i> Peneireiro-cinzento	R	2002	1	5	B	C6
<i>Milvus migrans</i> Milhafre-preto	N	2001	6	10	B	C6
<i>Milvus milvus</i> Milhafre-real	N	2001	1	1	A	C6
<i>Neophron percnopterus</i> Britango	N	2002	20	22	A	B2, C6
<i>Gyps fulvus</i> Grifo	R	1999	110	112	A	B2, C6
<i>Aegypius monachus</i> Abutre-preto	R	2002	1	1	A	C6
<i>Circaetus gallicus</i> Águia-cobreira	N	2001	5	10	B	C6
<i>Aquila chrysaetos</i> Águia-real	R	2002	6	7	A	C6
<i>Hieraaetus pennatus</i> Águia-calçada	N	2001	11	20	B	B2, C6
<i>Hieraaetus fasciatus</i> Águia-perdigueira	R	2002	5	7	A	B2, C6
<i>Bubo bubo</i> Bufo-real	R	2001	6	10	B	C6
<i>Pterocles alchata</i> Ganga	R	2002	3	6	A	C6
<i>Caprimulgus ruficollis</i> Noitibó-de-nuca-vermelha	N	2002	10	100	B	C6
<i>Melanocorypha calandra</i> Calhandra-real	R	2002	Comum		-	C6
<i>Calandrella brachydactyla</i> Calhandrinha	R	2002	Frequente		-	C6
<i>Oenanthe leucura</i> Chasco-preto	R	-	Pouco comum		-	B2, C6
<i>Monticola solitarius</i> Melro-azul	R	2002	80	200	B	C6
<i>Sylvia conspicillata</i> Toutinegra-tomilheira	N	2002	Pouco frequente		-	C6

Protecção legal

Nacional: Parque Natural do Tejo Internacional (PTZPE0042; Decreto Regulamentar nº 9/2000 de 18 de Agosto; 23.441 ha, 16.627 ha coincidentes com a IBA); ZPE Tejo Internacional, Erges e Ponsul (PTZPE00042; Decreto-Lei nº 384-B/99 de 23 de Setembro alterado pelo Decreto-lei nº 141/2002 de 2 de Maio; 25.761 ha coincidentes com a IBA).

Internacional: ZPE Tejo Internacional, Erges e Ponsul

Conservação

As espécies rupícolas mais ameaçadas são perturbadas durante a época de nidificação por embarcações de pesca e de recreio, que navegam ilegalmente, pela pesca desportiva a partir das margens, e por outras actividades lúdicas e de recreio (por exemplo passeios turísticos e fotografia de natureza). Recentemente, tem-se verificado o abandono das práticas agrícolas tradicionais, o que deverá contribuir para uma degradação da qualidade do habitat da qual resultam as baixas produtividades de algumas espécies (por exemplo o Britango, a Águia-perdigueira e a Águia-real). Continua a registar-se a morte de aves de rapina por envenenamento resultante do controlo ilegal de predadores e, pontualmente, o abate a tiro e a pilhagem de ninhos.

Ameaças: Florestação (B), Aquacultura e pesca (C), Perturbação (C), Infra-estruturas (C), Recreio/turismo (C), Outras (C).

Referências

Pacheco & Monteiro (1999), Pacheco *et al.* (1999), Rosa *et al.* (1999), Berliner *et al.* (2001), Rosa *et al.* (2001a,b)

BERLENGA E FARILHÕES

Código: PT014

Centro: Peniche (Leiria)

Coordenadas geográficas: 39°27'N 09°31'W

Área: 9.560 ha (104 ha de área terrestre)

Altitudes: 0-94 m

Critérios

A4ii (*Oceanodroma castro*)

A4iii

B1ii (*Oceanodroma castro*)

B2 (*Oceanodroma castro*)

C2 (*Oceanodroma castro*)

C4

C6 (*Calonectris diomedea*, *Oceanodroma castro*, *Falco peregrinus*)

Descrição do sítio

Pequeno arquipélago, o único do género ao largo da costa continental portuguesa. Localiza-se a cerca de 8 km de Peniche, sendo composto por três grupos de ilhéus: uma ilha principal (Berlenga Grande) e os ilhéus rochosos das Estelas e dos Farilhões. A ilha Berlenga tem cerca de 2,5 km² e é visitada por turistas e pescadores com muita frequência. Tem um planalto de contorno recortado, com acentuado declive nas encostas periféricas ou tombando a pique sobre o mar.

Habitats: Zonas húmidas (praias de calhau), Áreas marinhas (mar; baías e zonas costeiras), Áreas rochosas (falésias/fragas rochosas; ilhéus rochosos), Vegetação exótica

Uso do solo: Pesca/aquacultura, Militar, Conservação da natureza e investigação, Turismo/recreio

Importância ornitológica

É a única colónia de Roquinho da Europa continental. A Berlenga marca ao mesmo tempo o limite sul da distribuição da população nidificante do Airo, com cerca de 45 aves (eram 6.000 em 1939) e o limite norte da distribuição da população nidificante da Cagarra. Merece ainda destaque a nidificação do Falcão-peregrino.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Calonectris diomedea</i> Cagarra	N	2002	117	220	A	C6
<i>Oceanodroma castro</i> Roquinho	N	1995	200	400	A	A4ii, B1ii, B2, C2, C6
<i>Falco peregrinus</i> Falcão-peregrino	R	1995	2	2	A	C6

Protecção legal

Nacional: Reserva Natural das Berlengas (Decreto-lei n° 264/81 de 3 de Setembro reclassificado pelo Decreto Regulamentar n° 30/98 de 23 de Dezembro; 9.560 ha coincidentes com a IBA); ZPE Ilhas Berlengas (PTZPE0009; Decreto-Lei n° 384-B/99, de 23 de Setembro; 9.560 ha coincidentes com a IBA); SIC proposta Arquipélago da Berlenga (Resolução de Conselho de Ministros n° 142/97, de 28 de Agosto; 96 ha totalmente incluídos na IBA).

Internacional: ZPE Ilhas Berlengas; candidatura SIC Arquipélago da Berlenga.; Reserva Biogenética (Conselho da Europa)

Conservação

Não existe qualquer plano de ordenamento ou de gestão em termos de conservação da natureza para a Reserva Natural ou para o sítio Natura 2000. Os numerosos turistas e pescadores que visitam a ilha Berlenga causam perturbação às aves nidificantes. A introdução e expansão do chorão teve impactos significativos sobre a vegetação da ilha. A sobrepopulação de ratazanas e de Gaivota-de-patas-amarelas afecta as populações de outras aves marinhas nidificantes.

Ameaças: Introdução de espécies exóticas (B), Perturbação (C), Recreio/turismo (A)

Referências

Lecoq (2002)

PAUL DO BOQUILOBO

Código: PT015

Alentejo: Golegã (Santarém)

Coordenadas geográficas: 39°22'N 08°32'W

Área: 432 ha

Altitudes: 12-22 m

Critérios

B1i (*Platalea leucorodia*)

B2 (*Platalea leucorodia*)

C2 (*Platalea leucorodia*)

C6 (*Ixobrychus minutus*, *Nycticorax nycticorax*, *Ardeola ralloides*, *Egretta garzetta*, *Ardea purpurea*, *Platalea leucorodia*, *Mihus migrans*, *Himantopus himantopus*, *Chlidonias hybridus*)

Descrição do sítio

Paul com água doce, dominado por floresta aluvial e outra vegetação aquática emergente, localizado em plena planície ribatejana. O paul apresenta várias valas, formando uma malha que, em conjunto com o rio Almonda, é responsável por uma elevada variação do nível de água ao longo do ano. O ciclo da água no paul permite o cultivo das zonas periféricas, enquanto que o centro do paul permanece alagado durante a maior parte do tempo. Estas zonas mais interiores contêm extensas galerias de freixos e salgueiros. Nas zonas de maior encharcamento destacam-se manchas de golfão e espadana, e em menor escala de caniço e de bunho. Este sítio localiza-se muito perto da Golegã, uma cidade em grande desenvolvimento.

Habitats: Florestas e matas (floresta aluvial), Zonas húmidas (águas paradas doces; cursos de água; vegetação ribeirinha), Zonas artificiais (terra arada), Vegetação exótica

Uso do solo: Agricultura, Conservação da natureza e investigação, Gestão de recursos hídricos

Importância ornitológica

Tem uma das maiores colónias de garças na Península Ibérica, e números interessantes de efectivos nidificantes de Colhereiro *Platalea leucorodia*, de Milhafre-preto *Mihus migrans* e de Gaivina-dos-pauis *Chlidonias hybridus*. Importante ainda a nível nacional pela concentração de patos invernantes.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Ixobrychus minutus</i> Garçote	N	1996	comum		-	C6
<i>Nycticorax nycticorax</i> Goraz	N	1996	30	100	A	C6
<i>Ardeola ralloides</i> Papa-ratos	N	1995	rara		-	C6
<i>Egretta garzetta</i> Garça-branca	N	1996	200	400	B	C6
<i>Ardea purpurea</i> Garça-vermelha	N	1995	6	12	A	B2, C6
<i>Platalea leucorodia</i> Colhereiro	N	1995	20	30	A	B1i, B2, C2, C6
<i>Mihus migrans</i> Milhafre-preto	N	1996	comum		-	C6
<i>Chlidonias hybridus</i> Gaivina-dos-pauis	N	1996	40	120	A	C6

Protecção legal

Nacional: Reserva Natural do Paul do Boquilobo (Decreto-lei n° 198/80 de 24 de Junho, reclassificada pelo Decreto Regulamentar n° 49/97 de 20 de Novembro; 529 ha, inclui 369 ha da IBA); ZPE Paul do Boquilobo (PTZPE0008; Decreto-Lei n° 384-B/99, de 23 de Setembro; 432 ha coincidentes com a IBA).

Internacional: ZPE Paul do Boquilobo; Sítio Ramsar (7PT005, 1996, 529 ha, inclui 369 ha da IBA). Reserva da Biosfera (Programa *Man and Biosphere*/UNESCO)

Conservação

A introdução e expansão do jacinto-de-água (*Eichhornia crassipes*) tem causado problemas ecológicos. O sítio está ainda sujeito à pressão de agricultores que querem intensificar as práticas agrícolas e aumentar a área de cultivo com drenagem de zona húmida. As descargas de efluentes e a expansão urbana da Golegã são outros problemas importantes. Entre outros problemas encontram-se também: poluição química resultante de efluentes domésticos e também de actividade industrial (esta última é proveniente das várias unidades que lançam os seus efluentes numa das valas de drenagem); caça furtiva; derrube do montado envolvente para plantação de eucaliptos e outras culturas (ex.: milho e girassol).

Ameaças: Abandono/redução da gestão do terreno (B), Introdução de espécies exóticas (A), Drenagem (A), Industrialização/urbanização (B), Fenómenos naturais (B)

Referências

Costa & Guedes (1996), Farinha *et al.* (2001)

CABEÇÃO

Código: PT016

Alentejo: Mora, Aviz, Ponte de Sor (Évora)

Coordenadas geográficas: 39°06'N 08°01'W

Área: 48.606 ha

Altitudes: 100-200 m

Critérios

B1ii (*Hieraaetus pennatus*)

B2 (*Elanus caeruleus*, *Circaetus gallicus*, *Hieraaetus pennatus*);

C2 (*Hieraaetus pennatus*);

C6 (*Ixobrychus minutus*, *Ciconia nigra*, *Pernis apivorus*, *Elanus caeruleus*, *Milvus migrans*, *Circaetus gallicus*, *Hieraaetus pennatus*);

Descrição do sítio

Este sítio é constituído na sua maior parte por uma extensa área de montado de sobreiro (*Quercus suber*), gerido para a exploração da cortiça e com utilização do sub-coberto para pastorícia e culturas agrícolas e forrageiras. Em menor grau existem montados de azinho (*Quercus rotundifolia*) e áreas limpas de cultura arvense de sequeiro e de regadio. Estão presentes ainda matos esclerófitos. A área abrange uma zona de planalto levemente ondulada onde a Ribeira de Seda constitui um considerável vale aplanado cujas cotas variam entre os 79 e os 87 metros de altitude. Este sítio inclui ainda as albufeiras de Montargil e do Maranhão, pequenos açudes e as Ribeiras de Seda, Sor, Almadafe e Raia.

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de folha persistente; ecótono com plantação em linha), Matos (matos esclerófilos), Zonas húmidas (águas paradas doces; cursos de água; vegetação ribeirinha), Zonas artificiais (terra arada; campos e pomares perenes; plantações florestais)

Uso do solo: Agricultura, Silvicultura, Caça, Pesca/aquacultura, Conservação da natureza e investigação, Turismo/recreio, Urbano/industrial/transportes, Gestão de recursos hídricos

Importância ornitológica

Sítio importante especialmente pelo número e abundância de espécies de aves de rapina nidificantes. Nidificam no sítio 11 espécies de aves de presa e a densidade global poderá rondar os 60-80 casais/100 Km². Adicionalmente, são avistados com alguma regularidade indivíduos de Águia-perdigueira *Hieraaetus fasciatus*, todo o ano, e de Águia-pesqueira *Pandion haliaetus* (1-2), Tartaranhão-azulado *Circus cyaneus* (≥ 2 -3) e Águia-sapeira *Circus aeruginosus* (1-2) no Inverno; ocasionalmente Águia-real *Aquila chrysaetos*.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Ixobrychus minutus</i> Garçote	N	1999	comum		-	C6
<i>Ciconia nigra</i> Cegonha-negra	N	2001	1	2	B	C6
<i>Pernis apivorus</i> Bútio-vespeiro	N	2001	7	10	B	C6
<i>Elanus caeruleus</i> Peneireiro-cinzento	R	2001	6	8	B	B2, C6
<i>Milvus migrans</i> Milhafre-preto	N	2001	8	10	B	C6
<i>Circaetus gallicus</i> Águia-cobreira	N	2001	8	10	A	B2, C6
<i>Hieraaetus pennatus</i> Águia-calçada	N	2001	36	40	A	B1ii, B2, C2, C6

Protecção legal

Nacional: SIC proposta Cabeção (PTCON0029; Resolução de Conselho de Ministros n° 142/97 de 28 de Agosto; 48.607 ha coincidentes com a IBA).

Internacional: candidatura SIC Cabeção.

Conservação

Não existe qualquer plano de ordenamento ou de gestão de conservação da natureza para o sítio Natura 2000. Entre as ameaças à 'saúde' dos povoamentos florestais contam-se a degradação do coberto, doenças nas árvores e a degradação das características do solo.

Ameaças: Florestação (C), Intensificação agrícola (B), Perturbação (C), Fenómenos naturais (C), Cortes florestais selectivos (C)

Referências

Onofre & Palma (1986), Onofre (1996), Cruz *et al.* (1998), Onofre *et al.* (1999), Palma *et al.* (1999)

ALTER DO CHÃO

Código: PT017

Alentejo: Alter do Chão (Portalegre)

Coordenadas geográficas: 39°10'N 07°40'W

Área: 1.317 ha

Altitudes: 200-300 m

Critérios

A1 (*Tetrax tetrax*)

C1 (*Tetrax tetrax*)

Descrição do sítio

Área aberta de planície com culturas cerealíferas de trigo e pastagens, com povoamentos esparsos de montado de azinho (*Quercus ilex*).

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de folha persistente), Zonas artificiais (terra arada; campos e pomares perenes)

Uso do solo: Agricultura, Silvicultura

Importância ornitológica

Área significativa para o Sisão *Tetrax tetrax*, mas também importante pela presença de Abetarda *Otis tarda* e Águia-caçadeira *Circus pygargus*.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Tetrax tetrax</i> Sisão	R	1996	100i	150i	A	A1, C1

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: nenhuma

Conservação

As aves são perturbadas pelo crescente tráfego rodoviário e pelos aviões utilizados para fins agrícolas.

Ameaças: Abandono/redução da gestão do terreno (A), Perturbação (B)

MONFORTE

Código: PT018

Alentejo: Monforte (Portalegre)

Coordenadas geográficas: 39°04'N 07°30'W

Área: 1.593 ha

Altitudes: 250-350 m

Critérios

A1 (*Tetrax tetrax*)

B2 (*Elanus caeruleus*)

B3 (*Circus pygargus*)

C1 (*Tetrax tetrax*)

C6 (*Elanus caeruleus*)

Descrição do sítio

Área de planície aberta, utilizada para agricultura cerealífera extensiva e pastoreio, com alguns povoamentos de montados de azinheiras e olivais. Existem também áreas de pousios utilizadas para pastoreio..

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de folha persistente), Zonas artificiais (terra arada; campos e pomares perenes)

Uso do solo: Agricultura, Silvicultura

Importância ornitológica

Área muito importante para a conservação de um conjunto de espécies com estatuto de conservação desfavorável, especialmente avifauna estepária. Para além das espécies referidas na tabela abaixo, destaca-se também a presença da Abetarda *Otis tarda* e do Alcaravão *Burhinus oedicephalus*.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Elanus caeruleus</i> Peneireiro-cinzento	R	1996	6	6	A	B2
<i>Circus pygargus</i> Águia-caçadeira	N	1996	comum		-	B3
<i>Tetrax tetrax</i> Sisão	R	1996	80	100	A	A1, C1

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: nenhuma

Conservação

A intensificação agrícola ocorre em escala moderada, aumentando a pressão humana na área, e o crescente tráfego nas estradas desta área têm impacto de perturbação sobre as populações de aves estepárias.

Ameaças: Florestação (A), Intensificação agrícola (A), Construção de barragens ou diques (B), Perturbação (B)

CAMPO MAIOR

Código: PT019

Alentejo: Campo Maior (Portalegre)

Coordenadas geográficas: 38°59'N 07°00'W

Área: 9.575 ha

Altitudes: 190-341 m

Critérios

A1 (*Falco naumanni*, *Tetrax tetrax*, *Otis tarda*)

A4i (*Grus grus*)

B1i (*Grus grus*)

B2 (*Falco naumanni*, *Grus grus*, *Tetrax tetrax*, *Otis tarda*, *Burhinus oedicnemus*)

B3 (*Circus pygargus*)

C1 (*Falco naumanni*, *Tetrax tetrax*, *Otis tarda*)

C2 (*Grus grus*)

C6 (*Circus pygargus*, *Falco naumanni*, *Grus grus*, *Tetrax tetrax*, *Otis tarda*, *Burhinus oedicnemus*)

Descrição do sítio

Área de planície aberta com culturas cerealíferas extensivas de cereal (principalmente trigo) em rotação com melão, girassol e tomate. Apresenta ainda zonas de montado e pousios utilizadas para pastoreio. Casario disperso e densidade humana reduzida. A zona é atravessada pelo rio Xévorá.

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de folha persistente), Zonas húmidas (cursos de água); Zonas artificiais (terra arada)

Uso do solo: Agricultura, Silvicultura

Importância ornitológica

É uma área importante sobretudo para muitas aves estepárias e em especial para aves de rapina.

Destaque para a nidificação da Abetarda *Otis tarda* e para a invernada do Grou *Grus grus*, sendo para esta espécie um dos principais sítios em Portugal.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Circus pygargus</i> Águia-caçadeira	N	1996	15	20	A	B3, C6
<i>Falco naumanni</i> Francelho	N	1996	14	18	A	A1, B2, C1, C6
<i>Grus grus</i> Grou	I	1996	800	1.000	A	A4i, B1i, B2, C2, C6
<i>Tetrax tetrax</i> Sisão	R	1996	200	250	A	A1, B2, C1, C6
<i>Otis tarda</i> Abetarda	R	1996	90	100	A	A1, B2, C1, C6
<i>Burhinus oedicnemus</i> Alcaravão	N	1996	20	30	B	B2, C6

Protecção legal

Nacional: ZPE Campo Maior (PTZPE0043; Decreto-Lei n° 384-B/99 de 23 de Setembro; 9.575 ha coincidentes com a IBA); SIC proposta Caia (PTCON0030; Decreto-Lei n° 142/1997 de 28 de Agosto; 31.115 ha que incluem a IBA);

Internacional: ZPE Campo Maior; candidatura SIC Caia.

Conservação

Não existe qualquer plano de ordenamento ou de gestão em termos de conservação da natureza para o sítio Natura 2000. A construção da barragem de Abrilongo e os projectos de reconversão de agricultura extensiva em regadios afectam enormemente o habitat estepário. As aves são perturbadas pelo tráfego automóvel crescente nas estradas que atravessam o sítio.

Ameaças: Abandono/redução da gestão do terreno (C), Florestação (B), Intensificação agrícola (A), Construção de barragens ou diques (B), Canalização (A), Infraestruturas (B)

VILA FERNANDO/VEIROS

Código: PT020

Alentejo: Elvas, Estremoz (Portalegre)

Coordenadas geográficas: 38°55'N 07°23'W

Área: 7.487 ha

Altitudes: 250-470 m

Critérios

A1 (*Tetrax tetrax*, *Otis tarda*)

B2 (*Elanus caeruleus*, *Otis tarda*, *Burhinus oedipnemus*)

C1 (*Tetrax tetrax*, *Otis tarda*)

C6 (*Milvus milvus*, *Otis tarda*, *Burhinus oedipnemus*, *Coracias garrulus*, *Melanocorypha calandra*)

Descrição do sítio

Área de planície aberta, utilizada para agricultura cerealífera extensiva, com algumas manchas de montados de azinho. Esta área é utilizada sobretudo para agricultura e pastoreio, existindo somente algumas habitações dispersas. O sítio é constituído por duas áreas diferentes, a área de Vila Fernando e a área de Veiros, que distam cerca de 10 km. Parte deste sítio era designado no primeiro inventário IBA como 'Planícies de Elvas'.

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de folha persistente), Zonas artificiais (terra arada)

Uso do solo: Agricultura, Silvicultura, Caça

Importância ornitológica

Área muito importante para a conservação de um conjunto de espécies com estatuto de conservação desfavorável, especialmente avifauna estepária. Área muito importante para a conservação da Abetarda *Otis tarda*. A nível nacional tem mais de 1% da população nidificante de Águia-caçadeira *Circus pygargus*, com 8 a 10 casais. Ambas as áreas, de Vila Fernando e de Veiros, são usadas pela mesma população de Abetarda. Está ainda referenciado o Cortiçol-de-barriga-preta *Pterocles orientalis* nesta IBA.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Elanus caeruleus</i> Peneireiro-cinzento	R	1994	6	6	A	B2
<i>Milvus milvus</i> Milhafre-real	R	2002	14i	14i	A	C6
<i>Tetrax tetrax</i> Sisão	R	1996	80	100	A	A1, C1
<i>Otis tarda</i> Abetarda	R	1996	40	45	A	A1, B2, C1, C6
<i>Burhinus oedipnemus</i> Alcaravão	N	1994	15	20	A	B2, C6
<i>Coracias garrulus</i> Rolieiro	N	1996	comum		-	C6
<i>Melanocorypha calandra</i> Calhanda-real	N	1996	abundante		-	C6

Protecção legal

Nacional: SIC proposta Caia (PTCON0030; Resolução de Conselho de Ministros nº 142/97 de 28 de Agosto; 31.115 ha, inclui a IBA)

Internacional: candidatura SIC Caia

Conservação

Não existe qualquer plano de ordenamento ou de gestão de conservação da natureza para o sítio Natura 2000. A intensificação agrícola e a reconversão da agricultura cerealífera extensiva em áreas florestadas constituem as principais ameaças, assim como o crescente tráfego nas estradas desta área, que são causa de perturbação para as aves nidificantes.

Ameaças: Abandono/redução da gestão do terreno (A), Florestação (B), Construção de barragens ou diques (B), Perturbação (U)

Referências

Pinto & Hellmich (1996)

ESTUÁRIO DO TEJO

Código: PT021

Lisboa: Loures, Vila Franca de Xira (Lisboa), Montijo, Alcochete e Seixal (Setúbal); Alentejo:

Benavente (Santarém)

Coordenadas geográficas: 38°49'N 08°56'W

Área: 45.071 ha

Altitudes: 0-43 m

Critérios

A1 (*Tetrax tetrax*)

A4i (*Ardea purpurea*, *Platalea leucorodia*, *Phoenicopterus ruber*, *Anser anser*, *Anas crecca*, *Recurvirostra avosetta*, *Glareola pratincola*, *Pluvialis squatarola*, *Charadrius alexandrinus*, *Calidris alpina*, *Limosa limosa*)

A4iii

B1i (*Ardea purpurea*, *Platalea leucorodia*, *Phoenicopterus ruber*, *Anser anser*, *Anas penelope*, *Anas crecca*, *Recurvirostra avosetta*, *Glareola pratincola*, *Pluvialis squatarola*, *Charadrius alexandrinus*, *Calidris alpina*, *Limosa limosa*)

B2 (*Ardea purpurea*, *Ciconia ciconia*, *Elanus caeruleus*, *Recurvirostra avosetta*, *Charadrius alexandrinus*, *Glareola pratincola*, *Calidris alpina*, *Limosa limosa*)

C1 (*Tetrax tetrax*)

C2 (*Phoenicopterus ruber*, *Himantopus himantopus*, *Recurvirostra avosetta*, *Glareola pratincola*)

C3 (*Anser anser*, *Anas penelope*, *Anas crecca*, *Pluvialis squatarola*, *Charadrius alexandrinus*, *Calidris alpina*, *Limosa limosa*)

C4

C6 (*Ixobrychus minutus*, *Ardea purpurea*, *Platalea leucorodia*, *Ciconia ciconia*, *Phoenicopterus ruber*, *Elanus caeruleus*, *Circus aeruginosus*, *Circus pygargus*, *Hieraaetus pennatus*, *Tetrax tetrax*, *Himantopus himantopus*, *Recurvirostra avosetta*, *Glareola pratincola*, *Sterna albifrons*, *Luscinia svecica*, *Melanocorypha calandria*, *Calandrella brachydactyla*)

Descrição do sítio

É a maior zona húmida e o maior estuário de Portugal, e uma das mais importantes da Europa, tanto no que se refere à sua extensão como aos seus valores naturais. A área definida nesta IBA inclui as zonas central e superior do estuário e o vale de um pequeno afluente – a Ribeira das Enguias. Tem grandes extensões de bancos de vasa e sapais, consequência dos declives suaves das suas margens e da amplitude da maré, com cerca de 4 metros nas marés vivas. Nas margens existem ainda importantes áreas de salinas e arrozais, assim como uma área extensa de lezírias para agricultura e criação de gado bovino. A cidade de Lisboa e os grandes centros urbanos da sua área metropolitana ficam localizados na foz deste estuário, pelo que existe uma enorme pressão urbanística, com mais de dois milhões de pessoas vivendo na região.

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de folha persistente), Zonas húmidas (rios com marés; bancos de vasa ou areia; sapais; águas paradas salobras ou salgadas; cursos de água; vegetação ribeirinha), Zonas artificiais (terra arada; plantações florestais).

Uso do solo: Agricultura, Pesca/aquacultura, Silvicultura, Caça, Conservação da natureza e investigação, Urbano/industrial/transportes, Gestão de recursos hídricos

Importância ornitológica

O Estuário do Tejo alberga regularmente mais de 100.000 aves aquáticas invernantes, e é o local mais importante do país para a invernada de patos, limícolas, do Flamingo (*Phoenicopterus ruber*) e gaivotas. Existem também concentrações importantes de aves aquáticas nidificantes. Os caniçais da parte superior do estuário são importantes para a passagem outonal de passeriformes migradores transarianos. A população invernante de Sisão (*Tetrax tetrax*) tem significado a nível nacional, tendo quase atingido 1% da população invernante na Europa. Das cerca de 200 espécies de ocorrência regular, 46 encontram-se incluídas no anexo I da Directiva 79/409/CEE.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Crítérios
<i>Ixobrychus minutus</i> Garçote	N	2001	Raro		-	C6
<i>Egretta garzetta</i> Garça-branca	R	2002	Comum		-	C6
<i>Ardea purpurea</i> Garça-vermelha	N	2000	150	200	A	A4i, B1i, B2, C6
<i>Platalea leucorodia</i> Colhereiro	I	2002	90i	190i	A	A4i, B1i, C6
<i>Ciconia ciconia</i> Cegonha-branca	R	2001	50	100	B	B2, C6
<i>Phoenicopterus ruber</i> Flamingo	I	2002	450i	6.000i	A	A4i, B1i, C2, C6
<i>Anser anser</i> Ganso-bravo	I	2002	2.500i	4.350i	A	A4i, B1i, C3
<i>Anas penelope</i> Piadeira	I	2002	2.100i	9.950i	A	A4i, B1i, C3
<i>Anas crecca</i> Marrequinha	I	2002	4.800i	25.500i	A	A4i, B1i, C3
<i>Elanus caeruleus</i> Peneireiro-cinzento	R	1996	6	10	B	B2, C6
<i>Circus aeruginosus</i> Águia-sapeira	N	2001	29	32	A	C6
<i>Circus aeruginosus</i> Águia-sapeira	I	1999	142i	165i	A	C6
<i>Circus pygargus</i> Águia-caçadeira	N	2001	2	3	A	C6
<i>Hieraaetus pennatus</i> Águia-calçada	N	1996	5	10	C	C6
<i>Tetrax tetrax</i> Sisão	I	2001	140	150	B	A1, C1, C6
<i>Himantopus himantopus</i> Pernilongo	N	1996	500	750	A	C6
<i>Recurvirostra avosetta</i> Alfaiate	I	2002	3.950i	8.600i	A	A4i, B1i, B2, C2, C6
<i>Glareola pratincola</i> Perdiz-do-mar	N	2000	100	250	B	A4i, B1i, B2, C2, C6
<i>Pluvialis squatarola</i> Tarambola-cinzenta	I	2002	1.200i	3.150i	A	A4i, B1i, C3
<i>Charadrius alexandrinus</i> Borrelho-de-coleira-interrompida	I	2002	640i	2.500i	A	A4i, B1i, C3
<i>Charadrius alexandrinus</i> Borrelho-de-coleira-interrompida	N	2002	150	200	B	B2
<i>Calidris alpina</i> Pilrito-de-peito-preto	I	2002	6.000i	23.500i	A	A4i, B1i, B2, C3
<i>Limosa limosa</i> Milherango	I	2002	30.000i	80.000i	A	A4i, B1i, B2, C3
<i>Sterna albifrons</i> Chilreta	N	2002	12	19	A	C6
<i>Caprimulgus europaeus</i> Noitibó-cinzento	N	2001	comum		-	C6
<i>Luscinia svecica</i> Pisco-de-peito-azul	I	2001	frequente		-	C6
<i>Melanocorypha calandra</i> Calhandra-real	R	-	frequente		-	C6
<i>Calandrella brachydactyla</i> Calhandrinha	N	-	comum		-	C6

Protecção legal

Nacional: Reserva Natural do Estuário do Tejo (Decreto-lei nº 565/76 de 19 de Julho; 14.192 ha, totalmente incluídos na IBA); ZPE Estuário do Tejo (PTZPE0010; Decreto-Lei nº 280/94, de 5 de Novembro; 45.071 ha coincidentes com a IBA); SIC proposta Estuário do Tejo (PTCON0009; Resolução de Conselho de Ministros nº 142/97, de 28 de Agosto; 44.609 ha, inclui 43.624 ha da IBA).

Internacional: ZPE Estuário do Tejo; SIC Estuário do Tejo; Sítio Ramsar (7PT001; 1980; 14.560 ha totalmente incluídos na IBA).

Conservação

Existe um regulamento, denominado de plano de gestão, para a ZPE Estuário do Tejo, e está em processo de elaboração o plano de ordenamento da Reserva Natural do Estuário do Tejo. Existe perturbação moderada para as aves devido à grande pressão demográfica e também à pulverização de agro-químicos nos arrozais durante a época de nidificação. A introdução e expansão do Jacinto-de-água (*Eichhornia crassipes*) está a afectar o equilíbrio da vegetação natural ao longo das numerosas valas e a reduzir a área de água exposta. Têm-se desenvolvido ou tentado desenvolver diversas construções na área de ZPE, com consequente perda de valores naturais e aumento da perturbação por diminuição da zona tampão (ex: centro de estágio do Sporting, urbanizações do Passil e do Alto dos Moinhos, centro comercial Designer Village).

Ameaças: Intensificação agrícola (B), Aquacultura e pesca (B), Introdução de espécies exóticas (A), Perturbação (B), Dragagens e canalização (C), Industrialização/urbanização (A), Infraestruturas (A)

Referências

Costa & Guedes (1996), Farinha *et al.* (2001)

ESTUÁRIO DO SADO

Código: PT023

Lisboa: Setúbal, Palmela (Setúbal); Alentejo: Alcácer do Sal, Grândola (Setúbal)

Coordenadas geográficas: 38°27'N 08°43'W

Área: 24.632 ha

Altitudes: 0-54 m

Critérios

A4i (*Phoenicopterus ruber*, *Recurvirostra avosetta*, *Charadrius hiaticula*, *Calidris alpina*, *Limosa limosa*)

A4iii

B1i (*Phalacrocorax carbo*, *Phoenicopterus ruber*, *Recurvirostra avosetta*, *Charadrius hiaticula*, *Calidris alpina*, *Limosa limosa*)

B2 (*Ardea purpurea*, *Recurvirostra avosetta*, *Calidris alpina*)

C2 (*Phoenicopterus ruber*, *Recurvirostra avosetta*)

C3 (*Phalacrocorax carbo*, *Charadrius hiaticula*, *Calidris alpina*, *Limosa limosa*)

C4

C6 (*Ixobrychus minutus*, *Egretta garzetta*, *Ardea purpurea*, *Ciconia ciconia*, *Phoenicopterus ruber*, *Circus aeruginosus*, *Porphyrion porphyrio*, *Himantopus himantopus*, *Recurvirostra avosetta*, *Sterna albifrons*)

Descrição do sítio

É um estuário extenso, com áreas significativas de bancos de vasa e sapais, a cerca de 50 km de Lisboa, sendo Setúbal a sua cidade principal mais próxima. O estuário encontra-se separado do mar por um longo cordão dunar – península de Tróia, e pode considerar-se constituído por duas regiões principais: a baía central de Setúbal e Marateca e o canal de Alcácer, este último com maior influência de água doce do rio Sado. A parte interior do estuário encontra-se rodeada de arrozais e caniçais, enquanto que a parte norte é densamente habitada e industrializada. Em redor do estuário abundam ainda as salinas e os arrozais, muitos dos quais transformados em pisciculturas. Na margem a nascente inclui-se na área uma zona muito extensa de montado de sobro, com algumas lagoas de água doce.

Habitats: Florestas e matas (floresta mista; floresta com espécies de folha persistente), Matos (matos esclerófilos), Zonas húmidas (rios com marés; bancos de vasa ou areia; sapais; dunas e praias; águas paradas doces; cursos de água; vegetação ribeirinha), Zonas artificiais (terra arada; plantações florestais; outras zonas urbanas ou industriais)

Uso do solo: Agricultura, Pesca/aquacultura, Silvicultura, Caça, Conservação da natureza e investigação, Turismo/recreio, Urbano/industrial/transportes

Importância ornitológica

O Estuário do Sado alberga regularmente mais de 20.000 aves aquáticas invernantes, especialmente limícolas. Existem também números importantes de espécies de aves aquáticas nidificantes, nomeadamente a Garça-vermelha (*Ardea purpurea*), o Pernilongo (*Himantopus himantopus*) e a Chilreita (*Sterna albifrons*). Os arrozais constituem áreas importantes para a alimentação de garças da colónia existente na IBA próxima do Açude da Murta (PT0024). A IBA, na sua área de montados de sobro (*Quercus suber*) é utilizada por pombos-torcazes (*Columba palumbus*) como refúgio na época de invernada, podendo-se contar aí mais de 500.000 aves.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Crítérios
<i>Phalacrocorax carbo</i> Corvo-marinho	I	2002	1.430i	2.600i	A	B1i, C3
<i>Ixobrychus minutus</i> Garçote	N	2001	frequente		-	C6
<i>Egretta garzetta</i> Garça-branca	I	2002	comum		-	C6
<i>Ardea purpurea</i> Garça-vermelha	N	2002	17	20	A	B2, C6
<i>Ciconia ciconia</i> Cegonha-branca	R	2002	50	70	A	C6
<i>Phoenicopterus ruber</i> Flamingo	I	2002	700i	2.950i	A	A4i, B1i, C2, C6
<i>Circus aeruginosus</i> Águia-sapeira	R	1996	5	6	B	C6
<i>Porphyrio porphyrio</i> Camão	R	2001	1	3	B	C6
<i>Himantopus himantopus</i> Pernilongo	I	2002	220i	450i	A	C6
<i>Himantopus himantopus</i> Pernilongo	N	1996	200	800	A	C6
<i>Recurvirostra avosetta</i> Alfiate	I	2002	1.230i	4.150i	A	A4i, B1i, B2, C2, C6
<i>Charadrius hiaticula</i> Borrelho-grande-de-coleira	I	2002	340i	950i	A	A4i, B1i, C3
<i>Calidris alpina</i> Pilrito-de-peito-preto	I	2002	10.900i	18.000i	A	A4i, B1i, B2, C3
<i>Limosa limosa</i> Milherango	I	2002	2.000i	11.000i	A	A4i, B1i, C3
<i>Sterna albifrons</i> Chilreta	N	1996	50	100	A	C6

Protecção legal

Nacional: Reserva Natural do Estuário do Sado (Decreto-lei nº 430/80 de 1 de Outubro; 23.971 ha que incluem 20.011 ha da IBA); ZPE Estuário do Sado (PTZPE0011; Decreto-Lei nº 384-B/99 de 23 de Setembro; 24.633 ha coincidentes com a IBA); candidatura SIC Estuário do Sado (PTCON0011; Resolução de Conselho de Ministros nº 142/97, de 28 de Agosto; 30.986 ha, inclui 23.343 ha da IBA).

Internacional: ZPE Estuário do Sado; candidatura SIC Estuário do Sado; Sítio Ramsar (1996; 25.588 ha, inclui toda a IBA).

Conservação

Não existe qualquer plano de gestão para a Reserva Natural ou para o sítio Natura 2000 mas está actualmente em preparação o plano de ordenamento da Reserva Natural. Cerca de 30% das áreas de salina foram recentemente transformadas em explorações de piscicultura. Existem planos para levar a cabo dragagens de grande envergadura na foz do rio Sado, o que pode transformar a dinâmica dos sedimentos do estuário e ter consequências nos recursos alimentares de muitas aves aquáticas. Para além destas ameaças, é ainda de ter em conta: grandes projectos de desenvolvimento industrial e turístico; construção clandestina; alteração das margens e degradação de habitats para aves; poluição industrial, urbana e agrícola; poluição térmica; caça e sobre-exploração dos recursos bentónicos.

Ameaças: Intensificação agrícola (C), Aquacultura e pesca (A), Dragagens e canalização (B), Alterações no nível freático (C), Industrialização/urbanização (B), Infraestruturas (C), Fenómenos naturais (C), Recreio/turismo (C)

Referências

Costa & Guedes (1996), Farinha *et al.* (2001)

AÇUDE DA MURTA

Código: PT024

Alentejo: Alcácer do Sal (Setúbal)

Coordenadas geográficas: 38°23'N 08°42'W

Área: 497 ha

Altitudes: 9-31 m

Critérios

A4i (*Bubulcus ibis*, *Egretta garzetta*)

B1i (*Bubulcus ibis*, *Egretta garzetta*)

C2 (*Egretta garzetta*)

C3 (*Bubulcus ibis*)

C6 (*Ixobrychus minutus*, *Egretta garzetta*, *Ardea purpurea*)

Descrição do sítio

É um pequeno açude com nascente natural, utilizado para irrigar os campos de arroz na margem Sul da IBA do Estuário do Sado (PT0023). No interior do açude existe vegetação aquática abundante, nomeadamente salgueiros (*Salix* sp.) e caniço (*Phragmites australis*), sendo rodeado por dunas plantadas com pinhal (*Pinus pinea* e *P. pinaster*).

Habitats: Matos (matos; matos esclerófilos), Zonas húmidas (águas paradas doces; vegetação ribeirinha), Zonas artificiais (plantações florestais)

Uso do solo: Silvicultura, Gestão de recursos hídricos

Importância ornitológica

Este sítio é importante especialmente pela colónia de garças, mas também pela presença de 1 casal nidificante de Águia-calçada (*Hieraaetus pennatus*). O sítio tem ainda números significativos de patos invernantes, completando o Estuário do Sado. Uma mancha de caniçal relativamente pequena apresenta boas concentrações de passeriformes em passagem migratória.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Ixobrychus minutus</i> Garçote	N	2001	comum		-	C6
<i>Bubulcus ibis</i> Carraceiro	R	2001	600	1.000	A	A4i, B1i, C3
<i>Egretta garzetta</i> Garça-branca	R	2001	600	1.000	A	A4i, B1i, C2, C6
<i>Ardea purpurea</i> Garça-vermelha	N	2001	5	6	A	C6

Protecção legal

Nacional: ZPE Açude da Murta (Decreto-Lei n° 384-B/99, de 23 de Setembro; 498 ha coincidentes com a IBA); SIC Comporta/Costa da Galé (Resolução de Conselho de Ministros n° 142/97 de 28 de Agosto; 32.051 ha, inclui toda a IBA).

Internacional: ZPE Açude da Murta; SIC Comporta/Costa da Galé; Sítio Ramsar (7PT007 Estuário do Sado; 1996; 25.588 ha, inclui a IBA)

Conservação

Existe caça ilegal durante a época de Outono/Inverno, e uma entrada não controlada de visitantes, que causam perturbação na colónia de garças. Em alguns anos, a água do açude atinge níveis muito reduzidos pela irrigação dos arrozais, o que permite aos predadores alcançar os ninhos das garças.

Ameaças: Perturbação (C), Exploração não sustentável (C), Outras (B)

Referências

Costa & Guedes (1996), Farinha *et al.* (2001)

PLANÍCIE DE ÉVORA

Código: PT025

Alentejo: Évora, Viana do Alentejo (Évora)

Coordenadas geográficas: 38°29'N 07°53'W

Área: 53.134 ha

Altitudes: 220-270 m

Critérios

A1 (*Falco naumanni*, *Tetrax tetrax*, *Otis tarda*)

B1i (*Platalea leucorodia*)

B2 (*Platalea leucorodia*, *Elanus caeruleus*, *Falco naumanni*, *Grus grus*, *Tetrax tetrax*)

C1 (*Falco naumanni*, *Tetrax tetrax*, *Otis tarda*)

C6 (*Platalea leucorodia*, *Falco naumanni*, *Milvus milvus*, *Glareola pratincola*, *Grus grus*, *Tetrax tetrax*, *Pterocles orientalis*, *Melanocorypha calandra*)

Descrição do sítio

Área agrícola aberta, integrada na extensa planície a sul de Évora, proporcionada pela fácil degradação do substrato rochoso, onde predominam séries cristofílicas de idade indeterminada. Usada essencialmente para cultivo extensivo de cereais, com predominância para o trigo, e outras culturas, como o girassol, o feijão e o melão. A área é bordejada por povoamentos puros ou misto de montado de azinho e sobre e olivais. Os pousios são usados para pastoreio, bovino e ovino.

Habitats: Zonas artificiais (terra arada; campos e pomares perenes; plantações florestais)

Uso do solo: Agricultura, Silvicultura, Caça.

Importância ornitológica

Importante pela nidificação de espécies de aves estepárias e pela invernada de Grou (*Grus grus*). Para além das espécies referidas na tabela regista-se a presença de um núcleo interessante de Águia-caçadeira *Circus pygargus*, com cerca de 10 casais nidificantes, e do Alcaravão *Burhinus oedipnemus*.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Platalea leucorodia</i>	N	2001	50	60	A	B1i, B2, C6
<i>Milvus migrans</i>	N	2001	comum			C6
<i>Elanus caeruleus</i> Peneireiro-cinzento	R	2001	comum		-	B2
<i>Falco naumanni</i> Francelho	N	2000	12	15	A	A1, B2, C1, C6
<i>Glareola pratincola</i>	N	2001	comum			C6
<i>Grus grus</i> Grou	I	1996	200	300	A	B2, C6
<i>Tetrax tetrax</i> Sisão	R	1996	200	250	A	A1, B2, C1, C6
<i>Otis tarda</i> Abetarda	R	1996	25	40	A	A1, C1
<i>Pterocles orientalis</i>	R	2001	15	20	B	C6
<i>Melanocorypha calandra</i> Calhanda-real	R	1996	comum		-	C6

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: nenhuma

Conservação

Entre as principais ameaças contam-se as práticas cinegéticas como factor de forte perturbação; abates ilegais e florestações com espécies de crescimento rápido; e atravessamento com linhas de transporte de energia. O tráfego automóvel nas estradas causa perturbação significativa nas aves nidificantes. Os habitats actualmente existentes são mantidos à custa de práticas agrícolas tradicionais, mas a fragilidade da economia rural poderá levar os agricultores locais a alterar o uso do solo.

Ameaças: Abandono/redução da gestão do terreno (A), Intensificação agrícola (A), Construção de barragens ou diques (B), Perturbação (B).

Referências

Claro (1984, 2000), Cruz (1991, 1996a, 1996b, 1999), Rocha *et al.* (1997), Cruz *et al.* (1997, 1998)

CUBA

Código: PT026

Alentejo: Cuba (Beja)

Coordenadas geográficas: 39°02'N 07°12'W

Área: 5.049 ha

Altitudes: 150-230 m

Critérios

A1 (*Falco naumanni*, *Otis tarda*, *Tetrax tetrax*)

B2 (*Burhinus oedicnemus*, *Falco naumanni*, *Otis tarda*, *Melanocorypha calandra*)

C1 (*Falco naumanni*, *Otis tarda*, *Tetrax tetrax*)

C6 (*Circus pygargus*, *Falco naumanni*)

Descrição do sítio

Área de planície no Baixo Alentejo, com culturas cerealíferas e algumas zonas de montado esparso.

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de folha persistente), Zonas artificiais (terra arada; outras zonas urbanas ou industriais)

Uso do solo: Agricultura, Silvicultura, Caça

Importância ornitológica

É uma área importante sobretudo para aves estepárias. Inclui cerca de 10% da população nacional de Francelho *Falco naumanni* e 5% da população de Abetarda *Otis tarda*, durante a fase pós-nupcial. O Alcaravão *Burhinus oedicnemus* é frequente na área.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Circus pygargus</i> Águia-caçadeira	N	1996	11	50	B	C6
<i>Falco naumanni</i> Francelho	N	2001	20	30	A	A1, B2, C1, C6
<i>Tetrax tetrax</i> Sisão	R	1996	comum		-	A1, C1
<i>Otis tarda</i> Abetarda	R	1999	30	50	A	A1, B2, C1, C2
<i>Melanocorypha calandra</i> Calhandra-real	N	1994	Comum		B	B2

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: nenhuma

Conservação

A área encontra-se sem estatuto de conservação e dentro do perímetro de rega previsto para o empreendimento de Alqueva. A construção de uma linha eléctrica de alta tensão, também proveniente de Alqueva, pode ter impactos nas populações de aves.

Ameaças: Intensificação agrícola (A); Infraestruturas (A).

MOURÃO MOURA E BARRANCOS

Código: PT027

Alentejo: Mourão, Moura, Barrancos, Serpa (Beja)

Coordenadas geográficas: 38°08'N 07°10'W

Área: 80.564 ha

Altitudes: 150-535 m

Critérios

A1 (*Tetrax tetrax*, *Otis tarda*)

A4i (*Grus grus*)

B1i (*Grus grus*)

B2 (*Ciconia nigra*, *Ciconia ciconia*, *Elanus caeruleus*, *Circus gallicus*, *Hieraaetus pennatus*, *Grus grus*, *Tetrax tetrax*, *Otis tarda*, *Burhinus oedipnemos*, *Bubo bubo*)

B3 (*Circus pygargus*)

C1 (*Tetrax tetrax*, *Otis tarda*)

C2 (*Grus grus*)

C6 (*Ciconia nigra*, *Ciconia ciconia*, *Elanus caeruleus*, *Milvus migrans*, *Circus pygargus*, *Circus gallicus*, *Aquila adalberti*, *Aquila chrysaetos*, *Hieraaetus pennatus*, *Grus grus*, *Tetrax tetrax*, *Otis tarda*, *Burhinus oedipnemos*, *Glareola pratincola*, *Pterocles orientalis*, *Bubo bubo*)

Descrição do sítio

Este sítio apresenta um mosaico de habitats de zonas abertas com culturas de cereais não intensivas, pastagens permanentes, montados de azinho (*Quercus ilex*) e de sobro (*Quercus suber*). Os cursos de água, com destaque para o rio Ardila, têm margens com vegetação aquática e algumas fragas xistosas. No sítio é frequente o pastoreio, ovino e bovino, e existem propriedades relativamente pequenas com oliveiras e vinhas. O casario existente é disperso.

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de folha persistente), Prados (estepe/prados secos calcários), Zonas húmidas (cursos de água; vegetação ribeirinha), Zonas artificiais (terra arada; campos e pomares perenes)

Uso do solo: Agricultura, Silvicultura

Importância ornitológica

É uma área importante sobretudo para muitas aves estepárias e em especial para aves de rapina. É também o sítio mais importante para a hibernação do Grou *Grus grus* em Portugal.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Ciconia nigra</i> Cegonha-preta	N	1996	5	8	A	B2, C6
<i>Ciconia ciconia</i> Cegonha-branca	N	1996	60	100	A	B2, C6
<i>Elanus caeruleus</i> Peneireiro-cinzento	R	1996	6	10	B	B2, C6
<i>Milvus migrans</i> Milhafre-preto	N	1996	8	15	B	C6
<i>Circus gallicus</i> Águia-cobreira	N	1996	8	15	A	B2, C6
<i>Circus pygargus</i> Águia-caçadeira	N	1996	20	40	B	B3, C6
<i>Aquila adalberti</i> Águia-imperial	V	1996	2	4	-	C6
<i>Aquila chrysaetos</i> Águia-real	R	1996	3	3	A	C6
<i>Hieraaetus pennatus</i> Águia-calçada	N	1996	10	15	A	B2, C6
<i>Grus grus</i> Grou	I	1996	500	1.500	A	A4i, B1i, B2, C2, C6
<i>Tetrax tetrax</i> Sisão	R	1996	250	1.930*	A	A1, B2, C1, C6
<i>Otis tarda</i> Abetarda	R	1996	80	100	A	A1, B2, C1, C6
<i>Burhinus oedipnemos</i> Alcaravão	R	1996	100	250	A	B2, C6
<i>Glareola pratincola</i> Perdiz-do-mar	N	1996	6	10	B	C6
<i>Pterocles orientalis</i> Cortiço-de-barriga-preta	R	1996	11	50	B	C6
<i>Bubo bubo</i> Bufo-real	R	1996	6	10	B	B2, C6

*1.930 machos reprodutores (Moreira *et al.* 2000)

Protecção legal

Nacional: ZPE Mourão/Moura/Barrancos (PTZPE0045; Decreto-Lei n° 384-B/99, de 23 de Setembro; 80.564 ha coincidentes com a IBA; limites alterados pelo Decreto-lei n° 141/2002 de 20 de Maio; 77.631 ha, incluídos na IBA); SIC proposta Moura/Barrancos (PTCON0053; Decreto-Lei n° 76/2000 de 5 de Julho; 43.309 ha em parte incluídos na IBA);

Internacional: ZPE Mourão/Moura/Barrancos; candidatura SIC Moura/Barrancos.

Conservação

Não existe qualquer plano de ordenamento ou de gestão em termos de conservação da natureza para o sítio Natura 2000. As aves são perturbadas pelo tráfego automóvel crescente nas estradas que atravessam o sítio. Tendência para a reconversão de áreas com agricultura cerealífera extensiva em regadios e áreas florestadas. Os limites da ZPE foram recentemente alterados e diminuídos, permitindo o desenvolvimento de projectos turísticos. A SPEA está a desenvolver um projecto LIFE para a conservação do Sisão nesta área.

Ameaças: Abandono/redução da gestão do terreno (C), Florestação (B), Intensificação agrícola (B), Construção de barragens ou diques (A), Desflorestação (comercial) (B), Perturbação (C), Dragagens e canalização (C), Industrialização/urbanização (A), Infraestruturas (A), Recreio/turismo (C)

Referências

Moreira *et al.* 2000

LAGOAS DE SANTO ANDRÉ E DA SANCHÁ

Código: PT028

Alentejo: Santiago do Cacém e Sines (Beja)

Coordenadas geográficas: 38°04'N 08°49'W

Área: 2.672 ha

Altitudes: 0-48 m

Critérios

A4i (*Netta rufina*)

B1i (*Netta rufina*)

B2 (*Ardea purpurea*)

C3 (*Netta rufina*)

C6 (*Ixobrychus minutus*, *Ardea purpurea*, *Circus aeruginosus*, *Porphyrio porphyrio*, *Himantopus himantopus*, *Sterna albifrons*)

Descrição do sítio

O sítio estende-se ao longo de uma faixa litoral e inclui duas lagoas costeiras – a Lagoa de Santo André e a Lagoa da Sancha - e um sistema de pequenas lagoas de água doce formadas em depressões dunares. As Lagoas de Santo André e da Sancha são exemplos representativos de lagoas costeiras de tipo mediterrânico, um dos tipos de zonas húmidas mais vulneráveis. A Lagoa de Santo André ocupa uma área aproximada de 500 ha, e é constituída pelo ‘corpo central’ da lagoa, com cerca de 150 ha, e por uma sucessão de pequenas lagoas, designadas por ‘poços’. A Lagoa da Sancha é uma lagoa costeira de dimensões mais reduzidas (15 ha). A vegetação das lagoas inclui manchas extensas de caniçais e juncais. Inserido no sistema dunar Tróia - Sines, o cordão dunar desta área estendendo-se ao longo de todo o litoral, para lá do qual praticamente toda a área é ocupada por pinhais extensos e mistos de *Pinus pinea* e *Pinus pinaster*.

Habitats: zonas húmidas (dunas e praias; lagoas costeiras; cursos de água; vegetação ribeirinha); artificial (plantações florestais); matos (matos esclerófilos)

Uso do solo: agricultura; pesca/aquacultura; turismo/recreio; urbano/industrial/transportes; gestão de recursos hídricos

Importância ornitológica

A Lagoa de Santo André é uma das zonas húmidas nacionais mais importantes para as aves, destacando-se a ocorrência do Pato-de-bico-vermelho *Netta rufina*, sendo este o local mais importante do país quanto à presença e nidificação desta espécie, e também a presença de núcleos significativos nidificantes de Chilreta *Sterna albifrons*, de Pernilongo *Himantopus himantopus* e do Camão *Porphyrio porphyrio*, esta última uma espécie recente no sítio. O Galeirão *Fulica atra* apresenta aqui números muito elevados em relação à totalidade das zonas húmidas nacionais (máximo de cerca de 10.000 aves). A zona possui ainda grande valor para a passagem de passeriformes migradores transarianos, ciconiformes e limícolas. Na Lagoa da Sancha destaca-se a existência de uma relativamente numerosa colónia de Garças-vermelhas *Ardea purpurea*, e da nidificação do Pato-de-bico-vermelho.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Ixobrychus minutus</i> Garçote	N	2001	frequente		-	C6
<i>Ardea purpurea</i> Garça-vermelha	N	2000	9	26	A	B2, C6
<i>Netta rufina</i> Pato-de-bico-vermelho	I	1996	450	1.015	A	A4i, B1i, C3
<i>Circus aeruginosus</i> Águia-sapeira	N	1999	1	2	A	C6
<i>Circus aeruginosus</i> Águia-sapeira	I	1999	12i	22i	A	C6
<i>Porphyrio porphyrio</i> Camão	R	2001	2	3	B	C6
<i>Himantopus himantopus</i> Pernilongo	R	2001	10	20	B	C6
<i>Sterna albifrons</i> Chilreta	N	2001	1	35	A	C6

Protecção legal

Nacional: Reserva Natural das Lagoas de Santo André e Sancha (Decreto Regulamentar nº 10/2000 de 22 de Agosto; 5.370 ha; inclui toda a IBA); ZPE Lagoa de Santo André (PTZPE0013; Decreto-Lei nº 384-B/99, de 23 de Setembro; 2.164 ha totalmente incluídos na IBA); ZPE Lagoa da Sancha (PTZPE0014; Decreto-Lei nº 384-B/99, de 23 de Setembro; 408 ha totalmente incluídos na IBA); SIC proposta Comporta/Costa da Galé (PTCON0034; Resolução de Conselho de Ministros nº 142/97 de 28 de Agosto; 32.051 ha, inclui toda a IBA).

Internacional: ZPE Lagoa de Santo André; ZPE Lagoa da Sancha; candidatura SIC Comporta/Costa da Galé; Sítio Ramsar (7PT008; 1996; limites coincidentes com a IBA).

Conservação

Existe uma proposta de plano de gestão que contudo não foi discutida publicamente. Em termos de evolução natural dos sistemas de lagoas costeiras, há uma tendência para a eutroficação que é agravada pelas práticas agrícolas, pelo que é necessário abrir anualmente a lagoa de Santo André ao mar. As práticas locais de pesca, com armação de redes em quase toda a superfície da lagoa, é motivo de preocupação, e a perturbação por tursitas e banhistas faz-se sentir na época de nidificação de espécies como a Chilreta *Sterna albifrons*.

Ameaças: agricultura/pesca (B); introdução de espécies exóticas (C); perturbação (B); industrialização/urbanização (B); infra-estruturas (B); recreio/turismo (B)

Referências

Catry (1993a, 1993b, 1993c), Catry & Araújo (1996), Costa & Guedes (1996), Costa *et al.* (2000), Farinha *et al.* (2001), Rosa *et al.* (2001), Catry *et al.* (2002)

CASTRO VERDE

Código: PT029

Alentejo: Aljustrel, Almodovar, Beja, Castro Verde, Mértola, Ourique (Beja)

Coordenadas geográficas: 37°45'N 08°00'W

Área: 79.066 ha

Altitudes: 160-289 m

Critérios

A1 (*Falco naumanni*, *Tetrax tetrax*, *Otis tarda*)

B1ii (*Falco naumanni*)

B2 (*Ciconia ciconia*, *Elanus caeruleus*, *Falco naumanni*, *Grus grus*, *Tetrax tetrax*, *Otis tarda*, *Burbinus oedicephalus*, *Pterocles orientalis*, *Coracias garrulus*)

B3 (*Circus pygargus*)

C1 (*Falco naumanni*, *Tetrax tetrax*, *Otis tarda*)

C2 (*Falco naumanni*, *Tetrax tetrax*, *Otis tarda*)

C6 (*Ciconia ciconia*, *Elanus caeruleus*, *Milvus migrans*, *Circus pygargus*, *Falco naumanni*, *Grus grus*, *Tetrax tetrax*, *Otis tarda*, *Burbinus oedicephalus*, *Glareola pratensis*, *Pterocles orientalis*, *Coracias garrulus*, *Melanocorypha calandra*, *Calandrella brachydactyla*)

Descrição do sítio

Planície aberta usada para cultivos não intensivos de cereais, sobretudo trigo, com montados dispersos de azinho. Devido à pobreza dos solos, os campos são cultivados por rotação, com os pousios a serem utilizados para pastoreio, de gado ovino e bovino. Existe algum casario disperso.

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de folha persistente), Zonas artificiais (terra arada)

Uso do solo: Agricultura, Silvicultura, Caça, Conservação da natureza e investigação, Turismo/Recreio

Importância ornitológica

Área com enorme importância para aves estepárias nidificantes, com especial destaque para a Abetarda *Otis tarda* e o Francelho *Falco naumanni* – sendo o local mais importante no país para estas duas espécies. É um dos locais da Europa com maior densidade de machos reprodutores de Sísão e provavelmente a área do país onde ocorrem maiores concentrações de Cortiçol-de-barriga-negra (recentemente foi observado um bando de 150 indivíduos). A comunidade de aves invernantes é bastante diversificada, sendo de realçar a ocorrência em números elevados de Tarambola-dourada *Pluvialis apricaria*, Abibe *Vanellus vanellus*, Petinha-dos-prados *Anthus pratensis* e Cotovia *Alauda arvensis*. É também uma das principais áreas de ocorrência de Milhafre-real *Milvus milvus*, Tartaranhão-azulado *Circus cyaneus* e Esmerilhão *Falco columbarius* durante o Inverno.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Ciconia ciconia</i> Cegonha-branca	N	1996	120	180	B	B2, C6
<i>Elanus caeruleus</i> Peneireiro-cinzento	R	1996	8	10	A	B2, C6
<i>Milvus migrans</i> Milhafre-preto	N	1996	6	10	B	C6
<i>Hieraaetus fasciatus</i> Águia-perdigueira	N	2001	1	3	A	C6
<i>Circus pygargus</i> Águia-caçadeira	N	1996	50	80	B	B3, C6
<i>Falco naumanni</i> Francelho	N	2001	167	167	A	A1, B1ii, B2, C1, C2, C6
<i>Grus grus</i> Grou	I	2000	80	140	A	B2, C6
<i>Tetrax tetrax</i> Sisão	R	1999	360	2400	A	A1, B2, C1, C2, C6
<i>Otis tarda</i> Abetarda	R	1999	800	800	A	A1, B2, C1, C2, C6
<i>Burhinus oedicnemus</i> Alcaravão	N	1996	100	150	B	B2, C6
<i>Glareola pratincola</i> Perdiz-do-mar	N	2001	frequente		-	C6
<i>Pterocles orientalis</i> Cortiçol-de-barriga-preta	N	1996	20	40	B	C6
<i>Coracias garrulus</i> Rolieiro	N	1996	40	60	A	C6
<i>Melanocorypha calandra</i> Calhandra-real	N	1999	400	8500	A	C6
<i>Calandrella brachydactyla</i> Calhandrinha	R	2001	comum		-	C6

Protecção legal

Nacional: ZPE Castro Verde (PTZPE0046; Decreto-Lei nº 384-B/99 de 23 de Setembro; 79.066 ha coincidentes com a IBA).

Internacional: ZPE Castro Verde.

Conservação

Não existe qualquer plano de ordenamento ou de gestão em termos de conservação da natureza para a ZPE, mas foi definido um Plano Zonal com medidas agroambientais favoráveis para a manutenção das espécies estepárias. Está a decorrer um projecto LIFE, gerido pela Liga para a Protecção da Natureza, para a conservação do Francelho. Existe perturbação às aves nidificantes pelo aumento do tráfego automóvel nas estradas da região, e pelos aviões que pulverizam campos com químicos. A fragilidade da economia rural pode levar os agricultores à alteração do uso do solo. A continuação de práticas tradicionais agrícolas é considerada vital para a conservação das espécies de aves estepárias.

Ameaças: Abandono/redução da gestão do terreno (B), Florestação (A), Intensificação agrícola (B), Perturbação (C), Infraestruturas (B)

Referências

Moreira (1999), Rocha *et al.* (2002)

RIO GUADIANA

Código: PT030

Alentejo: Beja, Mértola, Serpa (Beja); Algarve: Alcoutim (Faro)

Coordenadas geográficas: 37°42'N 07°39'W

Área: 76.578 ha

Altitudes: 170-310 m

Critérios

A1 (*Falco naumanni*, *Tetrax tetrax*)

B2 (*Ciconia nigra*, *Ciconia ciconia*, *Hieraetus fasciatus*, *Elanus caeruleus*, *Falco naumanni*, *Grus grus*, *Tetrax tetrax*, *Bubo bubo*, *Coracias garrulus*)

C1 (*Falco naumanni*, *Tetrax tetrax*)

C6 (*Ciconia nigra*, *Ciconia ciconia*, *Elanus caeruleus*, *Mihus migrans*, *Aquila chrysaetos*, *Neophron percnopterus*, *Aegypius monachus*, *Circus pygargus*, *Hieraetus fasciatus*, *Falco naumanni*, *Tetrax tetrax*, *Grus grus*, *Pterocles orientalis*, *Melanocorypha calandra*)

Descrição do sítio

Este sítio inclui um troço do rio Guadiana e alguns cursos de água afluentes, perto da fronteira sudeste com Espanha. Relativamente às unidades de paisagem, pode-se dividir a área em planícies ondulantes, elevações quartzíticas e vales do rio Guadiana e afluentes. O vale do Guadiana apresenta no seu troço superior vales escarpados, com fragas e matagais mediterrânicos. Nos cursos de água afluentes (ribeira de Terges e Cobres, Oeiras, Carreiras e Vascão) desenvolve-se uma vegetação ribeirinha diversificada, bem adaptada ao regime torrencial dos caudais. Por vezes, em locais de acumulação de água, encontram-se matas ribeirinhas. Na área restante predominam as charnecas de cistáceas (*Cistus ladanifer* e *Cistus monspeliensis*), os montados de azinho e a estepe cerealífera, onde se pratica uma agricultura extensiva de carácter tradicional. Recentemente os pinhais têm vindo a assumir relevância, fruto das florestações que tem vindo a ser realizadas ao abrigo de fundos comunitários.

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de folha persistente), Matos (matos esclerófilos), Zonas húmidas (cursos de água; vegetação ribeirinha), Zonas artificiais (terra arada; campos e pomares perenes)

Uso do solo: Agricultura, Pesca/aquacultura, Silvicultura, Caça, Conservação da natureza e investigação, Turismo/recreio

Importância ornitológica

É uma área importante sobretudo para aves de rapina nidificantes, em especial aves rupícolas, mas também para aves estepárias e aves aquáticas. Inclui cerca de 18% da população nacional de Francelho-das-torres *Falco naumanni* e mais de 1% do efectivo populacional nacional de Águia-cobreira (*Circus gallicus*), isto é, 1 a 5 casais. Quanto às aves estepárias é de destacar a presença de um núcleo reprodutor de *Otis tarda* e a ocorrência de uma importante população de Cortiçol-de-barriga-negra *Pterocles orientalis*. De realçar ainda as elevadas densidades verificadas de *Bubo bubo*, associado ao rio Guadiana e seus afluentes.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
---------	-------	-----	-----	-----	-------	-----------

<i>Ciconia nigra</i> Cegonha-preta	N	1996	2	5	A	B2, C6
<i>Ciconia ciconia</i> Cegonha-branca	R	1996	51	100	A	B2, C6
<i>Elanus caeruleus</i> Peneireiro-cinzento	R	2001	10	20	B	B2, C6
<i>Milvus migrans</i> Milhafre-preto	N	1996	1	5	B	C6
<i>Aegypius monachus</i> Abutre-preto	V	1996	Frequente		-	C6
<i>Circus pygargus</i> Águia-caçadeira	N	1996	11	50	B	C6
<i>Aquila chrysaetos</i> Águia-real	R	2001	1	1	A	C6
<i>Hieraaetus fasciatus</i> Águia-perdigueira	R	2001	3	5	A	B2, C6
<i>Falco naumanni</i> Francelho	N	2001	48	49	A	A1, B2, C1, C6
<i>Grus grus</i> Grou	I	1996	101	250	A	B2, C6
<i>Tetrax tetrax</i> Sisão	R	1996	101i	250i	A	A1, B2, C1, C6
<i>Pterocles orientalis</i> Cortiçol-de-barriga-preta	R	1996	80i	120i	B	C6

Protecção legal

Nacional: Parque Natural do Vale do Guadiana (Decreto Regulamentar n° 28/95 de 18 de Novembro; 69.733 ha, incluídos na IBA); ZPE Vale Guadiana (PTZPE0047; Decreto-Lei n° 384-B/99, de 23 de Setembro; 76.578 ha coincidentes com a IBA); SIC proposta Guadiana (PTCON0036; Resolução do Conselho de Ministros n° 142/97 de 28 de Agosto; 39.257 ha em parte incluídos na IBA);

Internacional: ZPE Vale Guadiana; candidatura SIC Guadiana.

Conservação

Não existe qualquer plano de ordenamento ou de gestão em termos de conservação da natureza para o Parque Natural ou o sítio Natura 2000. O Plano de Ordenamento do Parque Natural do Vale do Guadiana está actualmente a ser concebido. A Florestação de áreas agrícolas ao abrigo de regulamentos comunitários tem levado à perda de habitats estepários, com consequente regressão das populações das aves que deles dependem. A par com a florestação, o abandono actual e gradual da agricultura, que leva à expansão das áreas de matos, constitui outra ameaça aos habitats estepários. Existem planos para construir uma barragem a jusante, e a construção da barragem de Alqueva tem efeitos no caudal do rio Guadiana neste troço. A forte pressão cinegética que ocorre na região, tem motivado perseguição directa a algumas espécies de aves de presa, pela competição que exercem sobre as peças de caça. Por outro lado, a grande densidade de caçadores nas áreas de regime livre, tem motivado a mortalidade de espécies como a Abetarda.

Ameaças: Florestação de áreas agrícolas (A), Abandono/redução da gestão do terreno (A), Construção de barragens ou diques (B), Perturbação (B), Apanha de lenha (C)

Referências

Cardoso & Carrapato (2002), Rocha *et al.* (2002)

COSTA SUDOESTE

Código: PT031

Alentejo: Odemira (Beja), Sines (Setúbal); Algarve: Aljezur, Vila do Bispo (Faro)

Coordenadas geográficas: 37°22'N 08°50'W

Área: 74.562 ha

Altitudes: 0-217 m

Critérios

B1iii (*Gyps fulvus*)

C2 (*Gyps fulvus*, *Neophron percnopterus*, *Hieraetus pennatus*)

C3 (*Accipiter nisus*)

C6 (*Ciconia ciconia*, *Circus gallicus*, *Falco peregrinus*, *Anthus campestris*, *Monticola solitarius*, *Pyrrocorax pyrrhcorax*)

Descrição do sítio

Este sítio abrange toda a faixa costeira atlântica entre S. Torpes e o Burgau. Alternam aí as zonas arenosas e dunas, as arribas e barrancos, pequenos ilhéus e rochedos. Existem alguns cursos de água onde se incluem estuários, rios e ribeiros. Dos principais cursos de água que desagüam nesta costa atlântica destacam-se o Rio Mira e a Ribeira de Odeceixe. O território desta IBA pode ser subdividido em três grandes áreas: o planalto litoral, situado entre S. Torpes e Vila do Bispo, de constituição essencialmente arenosa e que representa o território mais extenso e contínuo; as serras litorais, que marginam a oriente o grande planalto; e o barrocal, que se inicia na costa de S. Vicente e se estende para leste, numa sucessão de pequenas colinas calcárias.

Habitats: Florestas e matas (floresta mista; floresta com espécies de folha persistente), Matos (matos esclerófilos; charnecas), Zonas húmidas (rios com marés; sapais; dunas e praias; praias de calhau; águas paradas doces; cursos de água), Áreas marinhas (mar; baías e zonas costeiras), Áreas rochosas (falésias/fragas rochosas; ilhéus rochosos; áreas com cascalho), Zonas artificiais (terra arada; campos e pomares perenes; plantações florestais; outras zonas urbanas ou industriais)

Uso do solo: Agricultura, Pesca/aquacultura, Silvicultura, Caça, Conservação da natureza e investigação, Turismo/recreio, Urbano/industrial/transportes

Importância ornitológica

É importante como área de nidificação de espécies de aves rupícolas, como o Falcão-peregrino. É também uma zona de passagem migratória para aves planadoras e passeriformes migradores transarianos. Última área de cria na Península Ibérica da Águia-pesqueira, recentemente extinta. É curiosa a nidificação de Cegonha-branca em falésias e ilhéus rochosos, o que constitui caso único na Europa. Fora do período reprodutor as zonas de planalto agrícola adjacentes à costa são importantes para algumas espécies estepárias, com realce para o Sisão, a Abetarda e o Alcaravão.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Ciconia ciconia</i> Cegonha-branca	R	2002	64	-	A	C6
<i>Gyps fulvus</i> Grifo	P	2001	200i	400i	B	B1iii, C2
<i>Neophron percnopterus</i> Britango	P	2001	20i	100i	B	C2
<i>Accipiter nisus</i> Gavião	P	2001	500i	1000i	B	C3
<i>Circaetus gallicus</i> Águia-cobreira	N	1996	Frequente		-	C6
<i>Hieraaetus pennatus</i> Águia-calçada	P	2001	300i	800i	B	C2
<i>Falco peregrinus</i> Falcão-peregrino	N	1996	Frequente		-	C6
<i>Anthus campestris</i> Petinha-dos-campos	R	2001	Comum		-	C6
<i>Galerida theklae</i> Cotovia-escura	R	2001	Frequente		-	C6
<i>Monticola solitarius</i> Melro-azul	R	2001	Comum		-	C6
<i>Pyrhocorax pyrrhocorax</i> Gralha-de-bico-vermelho	R	1996	10	20	B	C6

Protecção legal

Nacional: Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina (Decreto Regulamentar n° 26/95 de 21 de Setembro; 60.624 ha de área terrestre incluídos na IBA); ZPE Costa Sudoeste (PTZPE0015; Decreto-Lei n° 384-B/99 de 23 de Setembro; 74.562 ha coincidentes com a IBA); SIC proposta Costa Sudoeste (PTCON0012; Decreto-Lei n° 142/1997 de 28 de Agosto; 118.267 ha que incluem a IBA);

Internacional: ZPE Costa Sudoeste; candidatura SIC Costa Sudoeste; Reserva Biogenética (Conselho da Europa) Ponta de Sagres.

Conservação

Existe um Plano de Ordenamento do Parque Natural (Decreto Regulamentar n° 33/95 de 11 de Dezembro), que se encontra em revisão, mas não existe plano de gestão em termos de conservação da natureza para o Parque Natural ou o sítio da rede Natura 2000. A pressão urbanística e turística faz-se sentir em alguns pontos da costa e verifica-se cada vez mais perturbação directa sobre as aves, tanto por visitantes como por pescadores profissionais e desportivos. Na zona de planalto a intensificação agrícola é factor de ameaça aos habitats existentes. O fenómeno de erosão costeira afecta a área, embora de forma pouco significativa.

Ameaças: Abandono/redução da gestão do terreno (B), Florestação (B), Intensificação agrícola (B), Aquacultura e pesca (C), Introdução de espécies exóticas (C), Perturbação (A), Industrialização/urbanização (A), Fenómenos naturais (C), Recreio/turismo (A)

Bibliografia

Palma & Beja (1994), Beja *et al.* (1996), Tomé *et al.* (1998), Catry (2002)

LEIXÃO DA GAIVOTA

Código: PT032

Algarve: Lagoa (Faro)

Coordenadas geográficas: 37°06'N 08°30'

Área: 0,16 ha

Altitudes: 0-23 m

Critérios

C6 (*Egretta garzetta*)

Descrição do sítio

Pequeno ilhéu rochoso localizado perto da costa, a cerca de 250 metros a sudeste da ponta de Altar, junto à foz do Rio Arade. O ilhéu, ou leixão, tem uma área bastante pequena e tem as margens escarpadas até uma altitude de 23 metros. O seu topo é relativamente plano, com algum mato disperso.

Habitats: Áreas rochosas (ilhéus rochosos)

Uso do solo: Sem utilização.

Importância ornitológica

Sítio isolado ocupado por uma colónia nidificante de Garça-branca e de Carraceiro, sendo um dos locais mais importantes do Algarve para este efeito.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Egretta garzetta</i> Garça-branca	N	-	10	150	B	C6

Protecção legal

Nacional: ZPE Leixão da Gaivota (PTZPE0016; Decreto-Lei nº 384-B/99, de 23 de Setembro; 0,16 ha coincidentes com a IBA).

Internacional: ZPE Leixão da Gaivota.

Conservação

O ilhéu em si não é visitado nem sofre perturbação. Contudo, o grau de desenvolvimento urbanístico e turístico na costa algarvia, sobretudo no estuário do Rio Arade, ameaça as áreas de alimentação destas aves.

Ameaças: Industrialização/urbanização (A), Infraestruturas (A), Recreio/turismo (U).

RIA FORMOSA

Código: PT033
Algarve: Faro, Loulé, Olhão, Tavira, Vila Real de Santo António (Faro)
Coordenadas geográficas: 37°01'N 07°49'W
Área: 23.296 ha
Altitudes: 0-39 m

Critérios

- A4i (*Platalea leucorodia*, *Phoenicopterus ruber*, *Anas penelope*, *Recurvirostra avosetta*, *Charadrius hiaticula*, *Charadrius alexandrinus*, *Pluvialis squatarola*, *Calidris alpina*, *Limosa lapponica*, *Arenaria interpres*)
A4iii
B1i (*Platalea leucorodia*, *Phoenicopterus ruber*, *Anas penelope*, *Recurvirostra avosetta*, *Charadrius hiaticula*, *Charadrius alexandrinus*, *Pluvialis squatarola*, *Calidris alpina*, *Limosa lapponica*, *Arenaria interpres*)
B2 (*Platalea leucorodia*, *Recurvirostra avosetta*, *Glareola pratincola*, *Charadrius alexandrinus*, *Calidris alpina*, *Limosa lapponica*)
C2 (*Platalea leucorodia*, *Phoenicopterus ruber*, *Recurvirostra avosetta*, *Limosa lapponica*, *Sterna albifrons*)
C3 (*Anas penelope*, *Charadrius hiaticula*, *Charadrius alexandrinus*, *Pluvialis squatarola*, *Calidris alpina*, *Limosa lapponica*, *Arenaria interpres*)
C4
C6 (*Ixobrychus minutus*, *Ciconia ciconia*, *Platalea leucorodia*, *Phoenicopterus ruber*, *Himantopus himantopus*, *Recurvirostra avosetta*, *Glareola pratincola*, *Sterna albifrons*, *Porphyrio porphyrio*)

Descrição do sítio

A Ria Formosa corresponde a um sistema lagunar que se estende por cerca de 60 km, desde o Ancão até à Manta Rota. Nesta vasta zona húmida existe uma grande variedade de habitats aquáticos e terrestres: sapais, restingas, bancos de areia e de vasa, dunas, salinas, pisciculturas, lagoas de água doce e salobra, cursos de água, vegetação ripícola, áreas agrícolas, matas e pinhais. Este facto revela-se na grande diversidade faunística e florística que aí se pode encontrar. A laguna encontra-se protegida do mar por uma linha descontínua de dunas estreitas, as quais formam cinco ilhas-barreira e duas penínsulas. Cerca de 3.600 ha estão permanentemente inundados.

Habitats: Florestas e matas (floresta de coníferas), Matos (matos esclerófilos), Zonas húmidas (rios com marés; bancos de vasa ou areia; sapais; dunas e praias; lagoas costeiras; águas paradas doces; águas paradas salobras ou salgadas; cursos de água; vegetação ribeirinha), Zonas artificiais (terra arada; campos e pomares perenes; plantações florestais; outras zonas urbanas ou industriais)

Uso do solo: Agricultura, Pesca/aquacultura, Silvicultura, Caça, Militar, Conservação da natureza e investigação, Turismo/recreio, Urbano/industrial/transportes

Importância ornitológica

Sítio extremamente importante para aves aquáticas, especialmente para as espécies nidificantes nos cordões dunares – o Borrelho-de-coleira-interrompida e a Chilreta –, e para as limícolas e os patos invernantes. Alberga regularmente mais de 20.000 aves aquáticas durante a época de invernada. As áreas de caniçal dentro da IBA são importantes para a passagem de passeriformes migradores durante a migração outonal.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Ixobrychus minutus</i> Garçote	N	2002	Frequente		-	C6
<i>Ciconia ciconia</i> Cegonha-branca	R	2002	50	-	B	C6
<i>Platalea leucorodia</i> Colhereiro	I	1996	150i	350i	A	A4i, B1i, B2, C2, C6
<i>Phoenicopterus ruber</i> Flamingo	I	2000	100i	350i	A	A4i, B1i, C2, C6
<i>Anas penelope</i> Piadeira	I	2001	4.700i	7.850i	A	A4i, B1i, C3
<i>Porphyrio porphyrio</i> Camão	R	2002	21	24	A	C6
<i>Himantopus himantopus</i> Pernilongo	I	1996	350i	400i	A	C6
<i>Recurvirostra avosetta</i> Alfiate	N	2002	218	247	A	C6
<i>Recurvirostra avosetta</i> Alfiate	I	1996	650i	750i	A	A4i, B1i, B2, C2, C6
<i>Glareola pratincola</i> Perdiz-do-mar	N	1996	25	45	A	B2, C6
<i>Charadrius hiaticula</i> Borrelho-grande-de-coleira	I	1996	2.000i	4.500i	A	A4i, B1i, C3
<i>Charadrius alexandrinus</i> Borrelho-de-coleira-interrompida	R	1996	800i	1.200i	A	A4i, B1i, B2, C3
<i>Charadrius alexandrinus</i> Borrelho-de-coleira-interrompida	I	-	2.000i	4.000i	-	A4i, B1i, C3
<i>Pluvialis squatarola</i> Tarambola-cinzenta	I	1996	1.700i	3.000i	A	A4i, B1i, C3
<i>Calidris alpina</i> Pilrito-de-peito-preto	I	1996	12.000i	22.500i	A	A4i, B1i, B2, C3
<i>Limosa lapponica</i> Fuselo	I	1996	1.900i	4.200i	A	A4i, B1i, B2, C3
<i>Arenaria interpres</i> Rola-do-mar	I	-	500i	1.000i	-	A4i, B1i, C3
<i>Arenaria interpres</i> Rola-do-mar	P	1996	700i	1.200i	A	A4i, B1i, C3
<i>Sterna albifrons</i> Chilreta	N	1996	200	300	A	C6

Protecção legal

Nacional: Parque Natural da Ria Formosa (Decreto nº 373/87 de 9 de Dezembro; 17.664 ha, incluídos na IBA); ZPE Ria Formosa (PTZPE0017; Decreto-Lei nº 384-B/99 de 23 de Setembro; 23.295 ha coincidentes com a IBA); SIC proposta Ria Formosa/Castro Marim (PTCON0013; Resolução de Conselho de Ministros nº 142/97 de 28 de Agosto; 17.520 ha, inclui a IBA).
Internacional: ZPE Ria Formosa; candidatura SIC Ria Formosa/Castro Marim; Sítio Ramsar (7PT002; 1980; 16.003 ha incluídos na IBA).

Conservação

Existe um plano de ordenamento para o Parque Natural (Decreto Regulamentar nº 2/91 de 24 de Janeiro), o qual está neste momento em revisão, mas não existe qualquer plano de gestão para o Parque Natural ou para o sítio da rede Natura 2000. O grande afluxo de turistas em plena época de nidificação das aves que nidificam nas praias e dunas causa uma enorme perturbação. A intensificação da agricultura a montante aumenta os efluentes de produtos químicos e nutrientes para a zona lagunar. Os invertebrados (poliquetas, bivalves) são explorados e capturados na zona entre-marés, o que reduz significativamente a disponibilidade alimentar para muitas espécies de aves aquáticas, resultando ainda em elevados níveis de perturbação. O sítio e a sua envolvente são habitados por dezenas de milhares de pessoas, pressão essa que aumenta significativamente nos meses de Verão, com os muitos turistas que aí acedem. A qualidade da água é afectada por despejos de esgotos não tratados e também são comuns despejos de lixos e entulhos ao longo da área.

Ameaças: Abandono/redução da gestão do terreno (A), Intensificação agrícola (B), Aquacultura e pesca (A), Queimadas e incêndios (C), Perturbação (A), Drenagem (B), Modificação dos aquíferos (B), Industrialização/urbanização (A), Fenómenos naturais (B), Recreio/turismo (A), Exploração não sustentável (A), Outras (C).

Bibliografia

Calado (1989), Ramos (1989), Batty (1992), Encarnação (1992, 1995), Farinha & Trindade (1994), Pinto (1995), Grade (1996), Costa & Guedes (1996), Costa & Rufino (1997)

CASTRO MARIM

Código: PT034

Algarve: Castro Marim, Vila Real de Santo António (Faro)

Coordenadas geográficas: 37°12'N 07°26'W

Área: 2.147 ha

Altitudes: 0-42 m

Critérios

A4i (*Platalea leucorodia*, *Phoenicopterus ruber*, *Himantopus himantopus*)

B1i (*Platalea leucorodia*, *Phoenicopterus ruber*, *Himantopus himantopus*)

B2 (*Ciconia ciconia*, *Recurvirostra avosetta*, *Sterna albifrons*)

C2 (*Platalea leucorodia*, *Phoenicopterus ruber*, *Himantopus himantopus*)

C6 (*Ciconia ciconia*, *Tetrax tetrax*, *Himantopus himantopus*, *Recurvirostra avosetta*, *Glareola pratincola*, *Sterna albifrons*, *Larus audouinii*, *Melanocorypha calandra*)

Descrição do sítio

O sítio corresponde ao lado português do estuário do Rio Guadiana, no limite sudeste de Portugal. Para além das áreas de sapal, a maior parte do terreno é constituído por salinas e pastagens que resultaram da transformação das áreas naturais de sapal.

Habitats: Zonas húmidas (rios com marés; bancos de vasa ou areia; sapais; águas paradas salobras ou salgadas), Zonas artificiais (terra arada; campos e pomares perenes; plantações florestais)

Uso do solo: Agricultura, Pesca/aquacultura, Conservação da natureza e investigação, Turismo/recreio, Gestão de recursos hídricos

Importância ornitológica

Castro Marim acolhe números significativos de aves aquáticas, nidificantes, migradoras invernantes e em passagem migratória. Existem algumas espécies estepárias em áreas de sapal alterado, como são os casos do Sisão, do Alcaravão, da Perdiz-do-mar e da Calhandra-real. Nestas mesmas zonas de sapal é interessante notar a presença da Calhadrinha-das-marismas, que tem aqui o único local de nidificação conhecido em Portugal. Até inícios da década de 1990 o Francelho nidificava nesta zona, nas ruínas do velho castelo.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Ciconia ciconia</i> Cegonha-branca	R	1996	100i	150i	B	B2, C6
<i>Platalea leucorodia</i> Colhereiro	I/P	1996	200i	500i	B	A4i, B1i, C2
<i>Phoenicopterus ruber</i> Flamingo	I/P	2000	350i	1180i	A	A4i, B1i, C2
<i>Himantopus himantopus</i> Pernilongo	R	2001	200	200	A	A4i, B1i, C2, C6
<i>Recurvirostra avosetta</i> Alfaiate	N	2001	121	198	A	B2, C6
<i>Recurvirostra avosetta</i> Alfaiate	I	1996	400i	560i	A	B2, C6
<i>Glareola pratincola</i> Perdiz-do-mar	N	2002	Raro		-	C6
<i>Burhinus oedicnemus</i> Alcaravão	N	2002	Comum		-	C6
<i>Burhinus oedicnemus</i> Alcaravão	I	2002	200i	300i	A	C6
<i>Sterna albifrons</i> Chilreta	N	2001	50	90	A	B2, C6
<i>Larus audouinii</i> Gaivota de Audouin	N	2002	8	12	A	C6
<i>Tetrax tetrax</i> Sisão	N	2002	10i	20i	A	C6
<i>Tetrax tetrax</i> Sisão	I	2002	90i	100i	A	C6
<i>Galerida theklae</i> Cotovia-escura	R	2001	Frequente		-	C6
<i>Melanocorypha calandra</i> Calhandra-real	N	1996	Raro		-	C6

Protecção legal

Nacional: Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e de Vila Real de Santo António (Decreto n.º 162/75 de 27 de Março; 2.089 ha, inclui 1.876 ha da IBA); ZPE Sapal de Castro Marim

(PTZPE0018; Decreto-Lei nº 384-B/99, de 23 de Setembro; 2.147 ha, coincidente com a IBA); SIC proposta Ria Formosa/Castro Marim (PTCON0013; Resolução de Conselho de Ministros nº 142/97 de 28 de Agosto; 17.520 ha, inclui a IBA)..

Internacional: ZPE Sapal de Castro Marim; SIC Ria Formosa/Castro Marim; Sítio Ramsar (7PT010; 1996; 2.235 ha, inclui a IBA).

Conservação

Existe uma proposta de plano de gestão para a Reserva Natural, que contudo não foi discutida publicamente. Tal como todas as áreas litorais do sotavento algarvio, a área é bastante perturbada pelos muitos turistas que a visitam e existe muita pressão urbanística em redor. Foram terminados em 2002 dois projectos de conservação levados a cabo pela SPEA, o primeiro sobre as populações de limícolas nidificantes nas salinas e o segundo sobre as populações de aves dos sapais secundarizados na Reserva Natural. Estes projectos visaram a definição de medidas de gestão para a conservação destas aves na área.

Ameaças: Aquacultura e pesca (B), Construção de barragens ou diques (C), *Groundwater abstraction* (B), Industrialização/urbanização (C), Recreio/turismo (C)

Bibliografia

Farinha & Trindade (1994), Mendes (1995), Costa & Rufino (1997), Leitão & Farinha (1998), Dias (1999), Costa *et al.* (2000), Leitão (2002a, 2002b)

LAGOA DOS SALGADOS

Código: PT035

Algarve: Silves e Albufeira (Faro)

Coordenadas geográficas: 37°06'N 08°20'W

Área: 149 ha

Altitudes: 2-16 m

Critérios

B1i (*Platalea leucorodia*)

B2 (*Platalea leucorodia*)

C6 (*Ixobrychus minutus*, *Ardea purpurea*, *Platalea leucorodia*, *Aythya nyroca*, *Himantopus himantopus*, *Porphyrio porphyrio*)

Descrição do sítio

O sítio corresponde a uma zona húmida de características palustres, formada por um corpo de água principal situado na confluência de duas ribeiras e por uma extensa área alagadiça que se projecta para noroeste do mesmo. A separação do meio marinho, é garantida pela presença de uma barreira arenosa contínua, cuja abertura só se verifica em ocasiões de elevada precipitação e pela intervenção humana. O espaço envolvente da margem norte e oeste da Lagoa dos Salgados é de domínio agrícola, sendo constituído por campos cerealíferos, pomares tradicionais de sequeiro (figueiras, amendoeiras e oliveiras) e várias pequenas vinhas. A este, a zona lagunar é delimitada por um campo de golfe, que alberga no seu interior vários lagos artificiais com vegetação palustre nas margens, e a sul, é limitado pelo robusto cordão dunar que se prolonga para oeste ao longo de 4 km. A vegetação predominante na zona húmida é de características halófitas, formada na sua maioria por extensas manchas de juncais e caniçais.

Habitats: zonas húmidas (dunas e praias; lagoas costeiras; cursos de água; vegetação ribeirinha); artificial (terra arada; campos e pomares perenes; outras zonas urbanas e industriais)

Uso do solo: agricultura; pesca/aquacultura; turismo/recreio; urbano/industrial/transportes

Importância ornitológica

A Lagoa dos Salgados constitui uma das únicas zonas húmidas de características palustres do Barlavento Algarvio. Já aqui foram recenseadas até ao momento cerca de 150 espécies, destacando-se o Camão e o Pernilongo. Em relação ao Camão, foram já contados 86 indivíduos fora da época de reprodução. A zona alberga uma valiosa comunidade de ardeídeos representada por sete espécies, das quais três são nidificantes (Garça-vermelha, Garçote e Garça-branca), duas migradoras (Goraz e Papa-ratos) e duas tipicamente invernantes (Garça-real e Carraceiro). É o único local nacional com registo de nidificação de Pêrra. Durante os períodos migratórios, a zona revela-se de grande valor para ciconiformes, especialmente para o Colhereiro, para várias espécies de limícolas e também passeriformes, em especial andorinhas que aqui se alimentam em bandos com milhares de indivíduos.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Ixobrychus minutus</i> Garçote	N	2001	4	6	B	C6
<i>Ardea purpurea</i> Garça-vermelha	N	2001	3	7	A	C6
<i>Platalea leucorodia</i> Colhereiro	P/I	2002	-	30	A	B1i, B2, C6
<i>Aythya nyroca</i> Pêrra	N	2002	1	2	A	B2, C6
<i>Himantopus himantopus</i> Pernilongo	R	2001	-	300	B	C6
<i>Porphyrio porphyrio</i> Camão	R	2000	6	10	B	C6

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: nenhuma

Conservação

Embora protegida no cordão dunar pelo Plano de Ordenamento da Orla Costeira de Burgau-Vilamoura e em Reserva Ecológica Nacional, existem projectos de implementação de um espaço de carácter essencialmente urbano-turístico que ameaçam o valor desta lagoa. A Lagoa dos Salgados sofre de fenómenos de eutrofização, acentuados neste sítio pelas descargas de efluentes de duas ETARs e escorrências provenientes das práticas agrícolas e do campo de golfe (assinalado em ‘outras’ no quadro de ameaças abaixo). A implantação desta estrutura de recreio em área inundável da lagoa, reduziu significativamente a sua capacidade de retenção, o que veio a traduzir-se no aumento da frequência de cheias nesta zona e, consequentemente, na abertura da barra. A intensa procura turística a que esta zona é sujeita no Verão, provoca uma considerável perturbação no sistema, nomeadamente pela circulação de veículos. Existem projectos por parte da Direcção Regional do Ambiente e Ordenamento do Território do Algarve (DRAOT) em parceria com a Universidade do Algarve, com vista a valorizar o património ambiental da lagoa, nomeadamente através da implementação de trilhos de natureza, colocação de painéis informativos, observatório de aves, etc.

Ameaças: Abandono/redução da gestão do terreno (C), Aquacultura e pesca (C), Perturbação (A), Drenagem (A), Industrialização/urbanização, Infra-estruturas (A), Recreio/turismo (A), Outras (A)

Bibliografia

Kelsh (1987), Bolton (1988), Ministro (2001), Ministro & Fernandes (2002)

BARRINHA DE ESMORIZ/LAGOA DE PARAMOS

Código: PT036

Norte: Espinho (Aveiro); Centro: Ovar (Aveiro)

Coordenadas geográficas: 40°58'N, 08°38'W

Área: 396 ha

Altitudes: 0-8m

Critérios

C6 (*Ixobrychus minutus*, *Ardea purpurea*, *Circus aeruginosus*, *Himantopus himantopus*, *Luscinia svecica*)

Descrição do sítio

A Barrinha de Esmoriz/Lagoa de Paramos é uma lagoa costeira de média dimensão, que apresenta uma cintura de vegetação ripícola bem desenvolvida e bancos de lodo, comunicando com o Atlântico através de um canal. Esta área é alimentada por águas de duas ribeiras - a vala de Silvalde, que tem a sua foz no lado norte da lagoa e a vala de Maceda, que desagua no seu lado sul - que devido ao cordão dunar litoral originam o corpo central da lagoa. Na zona envolvente da Barrinha de Esmoriz existem áreas de pinhal (a Sul), bosques ripícolas/húmidos (a Este e Sul), praia e dunas (a Oeste), campos agrícolas (a Norte, Leste e Sul), planície com vegetação rasteira/arbustiva (a Norte) e construções (a Norte, Este e Sul).

Habitats: Florestas e matas (floresta de coníferas, floresta aluvial, floresta com espécies de folhas persistente; Matos (matos esclerófilos); Prados (prados húmidos); Zona húmida (bancos de vasa ou areia, dunas e praias, lagoa costeira, águas paradas doces, águas paradas salobras, cursos de água, vegetação ribeirinha); Áreas marinhas (mar, zonas costeiras); Zonas artificiais (terra arada, campos e pomares perenes, zona urbana e industrial); Vegetação exótica.

Uso do solo: agricultura; pesca; militar; turismo/recreio; urbano/industrial/transportes; aeródromo.

Importância ornitológica

A Barrinha de Esmoriz/Lagoa de Paramos é a zona húmida mais significativa no litoral Norte de Portugal, entre a ria de Aveiro e o estuário do Rio Minho. Para além das espécies referidas na tabela, é de destacar a nidificação do Borrelho-de-coleira-interrompida e de passeriformes de canical como o Rouxinol-grande-dos-caniços e o Rouxinol-dos-caniços. A Barrinha tem grande importância para os passeriformes migradores transarianos, particularmente durante a migração outonal.

Espécie	Época	Ano	Min.	Max.	Rigor	Critérios
<i>Ixobrychus minutus</i> Garçote	N	1996	1	2	A	C6
<i>Ardea purpurea</i> Garça-vermelha	P	1996	1	21	A	C6
<i>Circus aeruginosus</i> Águia-sapeira	R	1999	1	4	A	C6
<i>Himantopus himantopus</i> Pernilongo	N	1996	2	21	A	C6
<i>Luscinia svecica</i> Pisco-de-peito-azul	I	1996	Comum		-	C6

Protecção legal

Nacional: SIC proposta Barrinha de Esmoriz (PTCON0018, Resolução de Conselho de Ministros n° 76/2000, de 5 de Julho; 396 ha, coincidentes com a IBA).

Internacional: candidatura SIC Barrinha de Esmoriz.

Conservação

Apesar de a Barrinha de Esmoriz estar integrada na segunda fase da Rede Natura 2000, não existe a nível oficial qualquer plano para a gestão da área numa óptica de conservação da natureza. Sendo a Barrinha de Esmoriz uma lagoa costeira, actualmente não se encontra sob a influência das marés. A comunicação com o mar não é permanente pois a abertura e fecho do canal dependem da acção do mar e/ou da intervenção humana. Em virtude deste facto, verificam-se flutuações importantes do nível de água, que prejudicam a reprodução das aves que nidificam na barrinha. Desde a construção

da ETAR de Esmoriz verificou-se uma significativa melhoria da qualidade da água da vala de Maceda (zona Sul). A situação na vala de Silvalde (lado Norte) mantém-se inalterada, continuando esta ribeira muito poluída, daí resultando a péssima qualidade da água na Barrinha de Esmoriz.

Ameaças: Abandono/redução da gestão do terreno (U); Introdução de espécies exóticas (B); Perturbação (C); Drenagem (A); Colmatção de zonas húmidas (U); Industrialização/urbanização (B); Infraestruturas - aeródromo (A); Recreio/turismo (B); Poluição (A).

Referências

Farinha & Trindade (1994), Lopes *et al.* (1996, 1998), Lobo *et al.* (1997), Loureiro & Pooley (1994), Loureiro & Sá (1988, 1995), Rosa *et al.* (2001)

PORTAS DE RÓDÃO E VALE MOURÃO

Código: PT037

Centro: Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão (Castelo Branco); Alentejo: Nisa (Portalegre)

Coordenadas geográficas: 39°42'N 07°44'W

Área: 4.215 ha

Altitudes: 150-618 m

Critérios

B2 (*Gyps fulvus*, *Monticola solitarius*)

C6 (*Ciconia nigra*, *Neophron percnopterus*, *Gyps fulvus*, *Hieraaetus fasciatus*, *Bubo bubo*, *Oenanthe leucura*)

Descrição do sítio

Serra com escarpas quartzíferas de grandes dimensões situada no limite este dos distritos de Castelo Branco e de Portalegre, atravessada pelo Rio Tejo e pelo Rio Ocreza em locais onde as águas escavaram vales profundos e escarpados de grande beleza. A vegetação é dominada por extensos pinhais de produção, embora ainda se encontrem áreas de matos mediterrânicos e hortas. Destaca-se ainda a existência de uma grande mancha de zimbros.

Habitats: matos (matos), zonas húmidas (cursos de água), áreas rochosas falésias/fragas rochosas), zonas artificiais (terra arada; plantações florestais).

Uso do solo: silvicultura, turismo/recreio, agricultura, pesca, outros.

Importância ornitológica

Este sítio alberga a maior colónia de Grifo exclusivamente em território nacional e também outras espécies rupícolas ameaçadas como a Cegonha-preta e a Águia-perdigueira. Ainda é possível encontrar o cada vez mais escasso Chasco-preto.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Ciconia nigra</i> Cegonha-preta	N	2001	4	5	A	C6
<i>Neophron percnopterus</i> Britango	N	2001	0	1	A	C6
<i>Gyps fulvus</i> Grifo	R	2001	53	55	A	B2, C6
<i>Hieraaetus pennatus</i> Águia-calçada	N	2001	3	5	B	C6
<i>Hieraaetus fasciatus</i> Águia-perdigueira	R	2001	1	1	A	C6
<i>Circaetus gallicus</i> Águia-cobreira	N	2001	3	5	B	C6
<i>Bubo bubo</i> Bufo-real	R	2001	3	6	A	C6
<i>Oenanthe leucura</i> Chasco-preto	R	2001	Pouco comum		-	C6
<i>Monticola solitarius</i> Melro-azul	R	2001	15	30	B	B2, C6

Protecção legal

Nacional: nenhuma.

Internacional: nenhuma.

Conservação

Verifica-se perturbação por passeios turísticos e actividades florestais, que são bastante intensas nesta área. O sobrevoio da zona das Portas de Ródão por aeronaves foi a causa de morte de algumas crias de Grifo em anos recentes. Também o uso ilegal de venenos para controlo de predadores parece ter sido a causa de morte de alguns grifos nos últimos anos. Os incêndios, frequentes nesta região, e a substituição das áreas de vegetação natural e áreas de cultivo tradicional (hortas, pomares e soutos) por silvicultura intensiva, têm contribuído consideravelmente para a degradação do habitat, tal como a proliferação de caminhos florestais que, nos últimos anos, se têm estendido inclusivamente às zonas escarpadas. Recentemente (em 2001/2002) realizaram-se obras de consolidação da via-férrea que implicaram destruição de ninhos e perturbação intensa na colónia de grifos e dos casais de Águia-perdigueira e de Bufo-real nas Portas de Ródão.

Ameaças: Queimadas e incêndios (A); Perturbação (A); Recreio/turismo (B), Outras (B).

Referências

Rosa *et al.* (1999, 2001a, 2001b)

SERRA DA ESTRELA

Código: PT038

Centro: Covilhã (Castelo Branco), Celorico da Beira, Gouveia, Guarda, Manteigas e Seia (Guarda)

Coordenadas geográficas: 40°25'N 07°33'W

Área: 99.870 ha

Altitudes: 300-1993 m

Critérios

C6 (*Ciconia nigra*, *Circus pygargus*, *Anthus campestris*, *Emberiza hortulana*)

Descrição do sítio

O maciço montanhoso da Serra da Estrela apresenta-se como um alto planalto inclinado para nordeste, profundamente recortado pelos vales dos rios e ribeiros que nele têm origem. Sendo essencialmente granítico – se bem que nele ocorram largas manchas de xisto – o aspecto mais marcante da paisagem do planalto superior é a presença dos afloramentos rochosos, sejam as vigorosas fragas, os rochedos e os penhascos, sejam os casos de blocos, sejam os depósitos de vertente ou de cascalheiras. A elevada altitude faz com que seja um dos locais de maior precipitação do país e condiciona um zonamento bem marcado da vegetação: um andar basal, até aos 900 metros, de influência mediterrânica, caracterizado por cultivo intenso; um andar intermédio, entre os 900 e os 1600 metros de altitude, domínio climático do carvalho negral, de existência residual, encontrando-se manchas de soutos e castiçais, giestais de giestas-brancas, urgueirais, piornais de piorno-dos-tintureiros e sargaçais, para além das matas artificiais de pinheiros, pseudotsugas, abetos e cedros, encontrando-se ainda campos de centeio; finalmente um andar superior, domínio dos zimbrais, cervunais e urzais, salientando-se as comunidades rupícolas de plantas endémicas e dos orófitos apenas representadas em Portugal na Serra da Estrela, e finalmente as comunidades lacustres das lagoas e charcas da parte superior.

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de folha caduca; floresta de coníferas; floresta mista; floresta com espécies de folha persistente; ecótono com plantação em linha), Matos (matos; matos esclerófilos), Prados (prados alpinos/subalpinos/boreais; prados húmidos), Zonas húmidas (águas paradas doces; cursos de água; vegetação ribeirinha; turfeiras), Áreas rochosas (falésias/fragas rochosas), Zonas artificiais (terra arada; plantações florestais), Vegetação exótica.

Uso do solo: Agricultura, Pesca/aquacultura, Silvicultura, Caça, Conservação da natureza e investigação, Turismo/recreio, Urbano/industrial/transportes, Gestão de recursos hídricos.

Importância ornitológica

Esta área alberga importantes populações de algumas espécies características de zonas de altitude, como a Petinha-dos-campos, o Melro-das-rochas, o Melro-d'água e a Sombria. A diversidade avifaunística acima dos 1.000 metros traduz-se na presença de cerca de 100 espécies durante o ciclo anual.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Ciconia nigra</i> Cegonha-preta	N	2001	2	3	A	C6
<i>Circus pygargus</i> Águia-caçadeira	N	2002	Frequente		-	C6
<i>Anthus campestris</i> Petinha-dos-campos	R	2002	Frequente		-	C6
<i>Emberiza hortulana</i> Sombria	R	2002	Comum		-	C6

Protecção legal

Nacional: Parque Natural da Serra da Estrela (Decreto-lei nº 557/76 de 16 de Julho, reclassificado pelo Decreto Regulamentar nº 50/97 de 20 de Novembro; 101.060 ha, inclui a IBA); SIC proposta Serra da Estrela (PTCON0014; Resolução de Conselho de Ministros nº 76/2000, de 5 de Julho; 88.291 ha totalmente incluídos na IBA).

Internacional: candidatura SIC Serra da Estrela; Reserva Biogenética (Conselho da Europa)

Conservação

Não existe qualquer plano de ordenamento ou de gestão para conservação da natureza no Parque Natural ou para o sítio de rede Natura 2000. As principais ameaças ao sítio consistem em fogos, pressão turística na Reserva Biogenética e perturbação por esquiadores, campismo selvagem e caminheiros.

Ameaças: Queimadas e incêndios (A), Construção de barragens ou diques (B), Perturbação (B), Canalização (B), Industrialização/urbanização (U), Infra-estruturas (B), Gestão silvícola intensiva (U), Fenómenos naturais (U), Recreio/turismo (A), Exploração não sustentável (U).

ESTUÁRIO DO MONDEGO

Código: PT039

Centro: Figueira da Foz (Coimbra)

Coordenadas geográficas: 40°08' N, 8°50' W

Área: 1.518 ha

Altitudes: 0-16m

Critérios

A4i (*Recurvirostra avosetta*)

B1i (*Recurvirostra avosetta*)

C3 (*Recurvirostra avosetta*)

C6 (*Phoenicopterus ruber*, *Pandion haliaetus*, *Circus aeruginosus*, *Recurvirostra avosetta*, *Himantopus himantopus*, *Sterna albifrons*, *Luscinia svecica*)

Descrição do sítio

O sítio localiza-se na foz do Rio Mondego. Nesta zona o rio divide-se em dois braços, rodeando uma ilha de aluvião (Ilha da Murraceira). Os dois braços (norte e sul) juntam-se novamente a cerca de 1 km da embocadura, em frente da cidade da Figueira da Foz. O sítio compreende a Ilha da Murraceira, a zona entre o braço sul e o Rio Pranto (afluente que desemboca no braço Sul) e a zona a sul do braço Sul do Rio Mondego. O braço Sul possui zonas intermareais, sapais e caniçais e juncais. A Ilha da Murraceira e a zona a sul do Braço Sul compreende sapais, salinas e aquaculturas. A zona entre o braço Sul e o Rio Pranto engloba sapais, caniçais e arrozais.

Habitats: Zonas húmidas (rios com marés; sapais).

Uso do solo: Agricultura; Caça; Pesca/aquacultura; Turismo/recreio; Gestão de recursos hídricos.

Importância ornitológica

Durante o Inverno e as migrações a zona possui um grande valor para aves limícolas, com relevância para o Alfiate, regularmente com mais de 700 indivíduos. Possui dois casais nidificantes de Águia-sapeira, e o número destas aves aumenta durante a época de internada. Apresenta um núcleo nidificante interessante de Pernilongo e de Chilreta. Muitos registos de Águia-pesqueira confirmam a importância desta zona como local de internada e passagem migratória para esta espécie. A Garça-vermelha também ocorre frequentemente nos arrozais durante a época de nidificação.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Critérios
<i>Ardea purpurea</i> Garça-vermelha	P	2002	Frequente		C6
<i>Phoenicopterus ruber</i> Flamingo	I	2002	-	140	C6
<i>Circus aeruginosus</i> Águia-sapeira	R	2000	2	2	C6
<i>Pandion haliaetus</i> Águia-pesqueira	I	2001	Frequente		C6
<i>Recurvirostra avosetta</i> Alfiate	I	2000	505	977	A4i, B1i, C3, C6
<i>Himantopus himantopus</i> Pernilongo	N	1999	39	274	C6
<i>Sterna albifrons</i> Chilreta	N	2002	4	4	C6
<i>Luscinia svecica</i> Pisco-de-peito-azul	I	2002	Frequente		C6

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: nenhuma

Conservação

A existência de um elevado fluxo de nutrientes provenientes dos campos agrícolas do vale do Baixo Mondego origina eutroficação das zonas intermareais, provocando o crescimento elevado de macro-algas. Existe uma gradual transformação das salinas activas em aquaculturas ou em salinas

abandonadas, o que se traduz por uma perda irreversível de habitat de alimentação e nidificação de aves limícolas. Tem sido registada caça furtiva a limícolas e a flamingos.

Ameaças: Aquacultura/pesca; Perturbação das aves.

Referências

Múrias (1997), Múrias *et al.* (1997), Lopes (1999), Rosa *et al.* (2001c), Catry (2002), Lopes *et al.* (2002)

LAGOA PEQUENA

Código: PT040

Lisboa: Sesimbra (Setúbal)

Coordenadas geográficas: 38°31'N 08°09'W

Área: 68 ha

Altitudes: 0-5 m

Critérios

C6 (*Ixobrychus minutus*, *Ardea purpurea*, *Egretta garzetta*, *Porphyrio porphyrio*, *Sterna sandvicensis*)

Descrição do sítio

A Lagoa Pequena é uma parte de uma lagoa costeira importante na costa da Península de Setúbal - a Lagoa de Albufeira. Inclui a lagoa mais pequena, mais interior, e uma extensa área palustre a montante, separada da lagoa por um dique e alimentada pelas ribeiras da Apostiça e da Ferraria. Nesta zona palustre domina o caniçal, alguns choupos e salgueiros e também algumas áreas abertas de água doce. Na zona envolvente é de referir a importante mancha florestal da Apostiça e da Ferraria, assim como o conjunto dunar e costeiro da Lagoa de Albufeira.

Habitats: Florestas e matas (floresta de coníferas), Zonas húmidas (lagoas costeiras; vegetação ribeirinha)

Uso do solo: Conservação da natureza e investigação

Importância ornitológica

Este sítio é importante durante todo o ciclo anual para espécies de aves aquáticas. Os caniçais que rodeiam a Lagoa de Albufeira são importantes para aves aquáticas nidificantes, especialmente para a Garça-vermelha (*Ardea purpurea*), Garçote (*Ixobrychus minutus*) e recentemente do Camão (*Porphyrio porphyrio*), mas também para um grande número de passeriformes durante a passagem outonal das suas migrações.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Ixobrychus minutus</i> Garçote	N	2000	frequente		-	C6
<i>Ardea purpurea</i> Garça-vermelha	N	2002	3	3	A	C6
<i>Egretta garzetta</i> Garça-branca	R	2000	comum		-	C6
<i>Porphyrio porphyrio</i> Camão	R	2002	1	1	A	C6
<i>Sterna sandvicensis</i> Garajau	P	1996	100i	1.000i	B	C6

Protecção legal

Nacional: ZPE Lagoa Pequena (PTZPE0049; Decreto-Lei n° 384-B/99, de 23 de Setembro; 68 ha coincidentes com a IBA); SIC proposta FERNÃO FERRO/Lagoa de Albufeira (PTCON0054; Resolução de Conselho de Ministros n° 142/97, de 28 de Agosto; 4.413 ha, inclui toda a IBA).

Internacional: ZPE Lagoa Pequena; candidatura SIC FERNÃO FERRO/Lagoa Pequena; Sítio Ramsar da Lagoa de Albufeira (7PT006; 1996; 1.995 ha, inclui toda a IBA).

Conservação

Não existe qualquer plano de ordenamento ou de gestão para a conservação da natureza para o sítio Natura 2000 ou sítio Ramsar. Contudo, os terrenos incluídos neste sítio são propriedade do Instituto da Conservação da Natureza e encontram-se vedados. Existe uma pressão urbanística e de recreio intensa nas imediações, e projectos de aldeamentos turísticos na envolvente. A qualidade da água é afectada pela descarga de duas ETARs a montante.

Ameaças: Industrialização/urbanização (C), Recreio/turismo (B) Outras (C)

Referências

Farinha *et al.*(2001)

CABO ESPICHEL

Código: PT041

Lisboa: Sesimbra (Setúbal)

Coordenadas geográficas: 38°25'N 09°11'W

Área: 3.415 ha

Altitudes: 0-175 m

Critérios

C6 (*Falco peregrinus*, *Sterna sandvicensis*, *Caprimulgus europaeus*, *Bubo bubo*)

Descrição do sítio

Este sítio, localizado entre Lisboa e Setúbal na costa ocidental, inclui uma faixa litoral de falésias rochosas, uma área terrestre de matos e campos abertos, assim como uma faixa de oceano. As falésias são altas e proporcionam bom habitat de nidificação para algumas espécies de aves. A costa ocidental é exposta a ventos e correntes marítimas, enquanto que a costa Sul é mais resguardada.

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de folha caduca; floresta de coníferas), Matos (matos esclerófilos), Áreas marinhas (mar), Áreas rochosas (falésias/fragas rochosas), Zonas artificiais (terra arada; outras zonas urbanas ou industriais)

Uso do solo: Agricultura, Pesca/aquacultura, Silvicultura, Caça, Conservação da natureza e investigação, Turismo/recreio, Urbano/industrial/transportes

Importância ornitológica

Este sítio é importante durante todo o ciclo anual para espécies de aves de rapina e para espécies de aves aquáticas. Os caniçais que rodeiam a Lagoa de Albufeira são também importantes para um grande número de passeriformes durante a passagem outonal das suas migrações.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Falco peregrinus</i> Falcão-peregrino	R	1996	2	3	A	C6
<i>Sterna sandvicensis</i> Garajau	P	1996	300	1.000	B	C6
<i>Caprimulgus europaeus</i> Noitibó-cinzento	N	2001	frequente		-	C6
<i>Bubo bubo</i> Bufo-real	R	2001	1	1	A	C6

Protecção legal

Nacional: ZPE Cabo Espichel (PTZPE0050; Decreto-Lei n° 384-B/99, de 23 de Setembro; 3.415 ha coincidentes com a IBA); SIC proposta Arrábida/Espichel (PTCON0010; Resolução de Conselho de Ministros n° 142/97 de 28 de Agosto; 20.663 ha, inclui a IBA).

Internacional: ZPE Cabo Espichel; candidatura SIC Arrábida/Espichel.

Conservação

Não existe qualquer plano de ordenamento ou de gestão para a conservação da natureza para o sítio Natura 2000. Verifica-se uma intensa e permanente pressão humana, exploração de inertes nas imediações, e projectos de loteamento turístico na envolvente.

Ameaças: Indústrias extractivas (C), Industrialização/urbanização (A), Recreio/turismo (A)

SALINAS DE ALVERCA E DO FORTE DA CASA

Código: PT042

Lisboa: Vila Franca de Xira (Lisboa)

Coordenadas geográficas: 38°52'N 09°02'W

Área: 218 ha

Altitudes: 0-5m

Critérios

B2 (*Glareola pratincola*)

C6 (*Ardea purpurea*, *Phoenicopterus ruber*, *Circus aeruginosus*, *Himantopus himantopus*, *Recurvirostra avosetta*, *Glareola pratincola*, *Sterna albifrons*)

Descrição do sítio

O sítio corresponde a dois complexos de salinas – as Salinas de Alverca e as Salinas do Forte da Casa –, e a terrenos agrícolas de exploração extensiva (que separam os dois complexos de salinas) e ao troço final da Ribeira da Verdelha. Localiza-se na margem Norte do Estuário do Tejo, constituindo o único refúgio para a avifauna em toda esta margem do rio. Na zona envolvente contrasta a área fortemente urbanizada e industrializada de Alverca com a Reserva Natural do Estuário do Tejo e as instalações da Força Aérea Portuguesa.. Além dos tanques de salinas de variadas dimensões e dos terrenos agrícolas, existe ainda um vasto conjunto de valas de drenagem e uma ribeira (ricos em vegetação ripícola) que conferem a todo este sistema uma importância excepcional. Actualmente as salinas encontram-se em estado de abandono, sendo por isso os níveis de água bastante variáveis e condicionados pelo regime da pluviosidade. A vegetação do interior dos tanques é composta principalmente por plantas aquáticas, nomeadamente por *Scirpus* sp., *Phragmites* sp., *Typha* sp. e *Arthrocnemum* sp.; nas suas margens encontra-se maioritariamente *Atriplex halimus* e, mais raramente, *Tamarix* sp. Nas valas de drenagem encontram-se densos povoamentos de *Phragmites* sp. e *Typha* sp. e, na Ribeira da Verdelha, povoamentos densos de *Arundo donax* e, em menor escala, *Populus alba* e *P. Nigra*, *Fraxinus* sp., *Alnus glutinosa* e *Rubus* sp.

Habitats: Zonas húmidas (água paradas doces; águas paradas salobras ou salgadas; cursos de água; vegetação ribeirinha); Artificial (terra arada, campos e pomares perenes; outras zonas urbanas ou industriais); Matos (matos esclerófilos)

Uso do solo: Agricultura; Caça, Militar, Turismo/recreio; Urbano/industrial/transportes, Gestão de recursos hídricos.

Importância ornitológica

As salinas de Alverca e do Forte da Casa constituem um dos locais de nidificação mais importantes para as aves aquáticas no Estuário do Tejo, destacando-se o Pernilongo *Himantopus himantopus* com um núcleo nidificante de várias centenas de casais. Aqui nidifica o Pato-de-bico-vermelho *Netta rufina*, sendo este o único local do estuário. De destacar ainda a nidificação de Águia-sapeira *Circus aeruginosus*, Alfiate *Recurvirostra avosetta*, Perdiz-do-mar *Glareola pratincola* e Chilreta *Sterna albifrons*. Nidificam em números significativos ao nível do estuário, o Garçote *Ixobrychus minutus*, a Frisada *Anas strepera* e o Galeirão *Fulica atra*. Toda a zona é muito importante como terreno de alimentação da Garça-vermelha *Ardea purpurea* e da Águia-sapeira *Circus aeruginosus* que nidificam dentro dos limites da RNET, sendo o estuário o local mais importante do país para a presença e nidificação destas espécies. Registe-se ainda a importância da área para grandes números de aves migradoras em passagem e invernada, sobretudo para aves limícolas e Passeriformes, que aí ocorrem em grande número e diversidade durante a Primavera, Outono e Inverno.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
---------	-------	-----	-----	-----	-------	-----------

<i>Ardea purpurea</i> Garça-vermelha	N	2001	comum		-	C6
<i>Phoenicopterus ruber</i> Flamingo	I	2000	-	100	A	C6
<i>Circus aeruginosus</i> Águia-sapeira	R	1998	Comum		-	C6
<i>Himantopus himantopus</i> Pernilongo	R	2001	200	700	A	C6
<i>Recurvirostra avosetta</i> Alfaiate	R	2001	10	100	B	C6
<i>Glareola pratincola</i> Perdiz-do-mar	N	2001	10	40	A	B2, C6
<i>Sterna albifrons</i> Chilreta	N	2000	frequente		-	C6

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: nenhuma.

Conservação

Parte da área estava abrangida pela Reserva Ecológica Nacional, estatuto que perdeu em processo de desafecção. Toda a zona encontra-se muito ameaçada pela construção de infraestruturas várias, nomeadamente uma ETAR e uma urbanização, bem como as respectivas vias de acesso. A total ausência de gestão e o estado avançado de abandono a que as salinas estão sujeitas, faz com que a área esteja muito aquém das suas potencialidades em termos avifaunísticos. Fontes de poluição industrial e doméstica são especialmente negativas, afectando de forma significativa valas e a Ribeira da Verdelha, bem como depósitos de entulho e lixo. Em toda a zona agrícola é permitida a caça o que constitui um importante factor de ameaça e perturbação para a comunidade de aves. A presença de veículos todo o terreno em áreas especialmente sensíveis (como o interior dos tanques) e de pessoas junto aos principais locais de nidificação, sobretudo durante o período reprodutor, pode ser especialmente negativa para algumas espécies.

Ameaças: Abandono/redução da gestão do terreno (B); Perturbação (B); Drenagem (B); Canalização (C); Colmatação de zonas húmidas (B); Industrialização/urbanização (A); Infra-estruturas (A)

REFERÊNCIAS

- Costa, L.T. & R.S. Guedes 1996. *Contagens de Anatídeos Invernantes em Portugal Continental. Invernos de 1993/94 a 1995/96*. Estudos de Conservação da Natureza 20, Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.
- Farinha, J.C., L. Costa, A. Trindade, P.R. Araújo & E.P. Silva 2001. *Zonas Húmidas Portuguesas de Importância Internacional*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.

CABRELA

Código: PT043

Alentejo: Alcácer do Sal (Setúbal), Montemor-o-Novo, Viana do Alentejo (Évora)

Coordenadas geográficas: 38°29'N 08°22'W

Área: 56.554 ha

Altitudes:

Critérios

A1 (*Tetrax tetrax*)

A3 (*Caprimulgus ruficollis*, *Oenanthe hispanica*, *Sylvia cantillans*, *Sylvia melanocephala*, *Sturnus unicolor*)

C1 (*Tetrax tetrax*)

C6 (*Hieraaetus fasciatus*, *Elanus caeruleus*, *Chlidonias hybridus*)

Descrição do sítio

O Sítio de Cabrela apresenta uma enorme diversidade de habitats ainda em bom estado de conservação, que se traduz numa riqueza específica muito elevada no que respeita à avifauna. Nesta área predominam os montados de sobreiro, de azinheira e montados mistos de azinheiras e sobreiros. Nas encostas acentuadamente declivosas existem azinhais e medronhais. As galerias ripícolas encontram-se, em geral, em bom estado de conservação, existindo ainda alguns açudes com vegetação aquática e ribeirinha bem desenvolvida.

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de folha persistente), Matos (matos esclerófilos), Zonas húmidas (cursos de água; águas doces paradas; vegetação ribeirinha), Zonas artificiais (terra arada)

Uso do solo: agricultura; pastorícia; subericultura; silvicultura; pesca; caça

Importância ornitológica

Nos açudes podem observar-se regularmente quase todas as espécies de aves aquáticas existentes no país, incluindo: o Mergulhão-de-poupa (*Podiceps cristatus*), o Garçote (*Ixobrychus minutus*), a Garça-vermelha (*Ardea purpurea*) e a Cegonha-preta (*Ciconia nigra*), para além das espécies referidas na Tabela. A comunidade de rapinas, diurnas e nocturnas, é igualmente ampla e importante em qualidade e quantidade. A grande diversidade de habitats permite uma boa representatividade das espécies características do bioma Mediterrânico. Nas áreas de estepe cerealífera o Sisão *Tetrax tetrax* ocorre em grande densidade durante o período reprodutor, e a Abetarda *Otis tarda* ocorre regularmente no período pós-reprodutor (pelo menos cerca de 10 indivíduos). Observações recentes de alguns Francelhos *Falco naumanni* durante o período reprodutor sugerem que a área poderá também ser importante para esta espécie globalmente ameaçada.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Hieraaetus fasciatus</i> Águia-perdigueira	N	2001	1	3	A	C6
<i>Elanus caeruleus</i> Peneireiro-cinzento	N	2001	8	10	A	C6
<i>Chlidonias hybridus</i> Gaivina-dos-pauis	N	2000	rara		-	C6
<i>Tetrax tetrax</i> Sisão	N	2002	100i	-	-	A1, C1
<i>Caprimulgus ruficollis</i> Noitibó-de-nuca-vermelha	N	2001	comum		-	A3
<i>Oenanthe hispanica</i> Chasco-ruivo	N	2001	Pouco comum		-	A3
<i>Sylvia cantillans</i> Toutinegra-tomilheira	N	2001	Pouco comum		-	A3
<i>Sylvia melanocephala</i> Toutinegra-dos-valados	R	2001	comum		-	A3
<i>Sturnus unicolor</i> Estorninho-preto	R	2001	comum		-	A3

Protecção legal

Nacional: SIC Cabrela (Resolução de Conselho de Ministros nº 142/97, de 28 de Agosto).

Internacional: SIC Cabrela.

Conservação

Não existe qualquer plano de gestão para o sítio Natura 2000, mas foi feita uma proposta de plano de gestão através de um projecto LIFE, sobretudo direccionada para os habitats e espécies de flora e fauna prioritárias.

Ameaças: agricultura; urbanização; perturbação; florestação intensiva; caça ilegal; turismo náutico.

ARRAIOLOS

Código: PT044

Alentejo: Arraiolos (Évora)

Coordenadas geográficas: 38°47'N 08°00'W

Área: 12.982 hectares

Altitudes: 163-353 m

Critérios

B1ii (*Hieraaetus pennatus*)

B2 (*Platalea leucorodia*, *Elanus caeruleus*, *Milvus migrans*, *Hieraaetus pennatus*)

C6 (*Platalea leucorodia*, *Hieraaetus pennatus*, *Circaetus gallicus*, *Milvus milvus*)

Descrição do sítio

Toda esta área, em termos paisagísticos, pode-se considerar homogénea, dominando os povoamentos de Quercíneas, apresentando uma elevada diversidade de biótopos. Sofre uma forte influência da actividade silvo-pastoril, que se enquadra numa perspectiva de uso múltiplo dos recursos e da paisagem. Este sítio inclui a Herdade da Mata e o Parque Africano (Herdade das Lages). Apresenta, na sua maioria, relevo suave deformado por factores de ordem estrutural ou litológica. O relevo acentua-se, de modo geral, de poente para nascente, e o ponto mais elevado situa-se na Serra da Laranjeira. Destaca-se ainda a Ribeira do Divor que atravessa toda a área.

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de folha persistente), Zonas húmidas (águas paradas doces; cursos de água; vegetação ribeirinha), Zonas artificiais (terra arada; campos e pomares perenes; plantações florestais), Vegetação exótica.

Uso do solo: Agricultura, Silvicultura e Caça.

Importância ornitológica

Importante pela nidificação, em elevadas densidades de espécies de aves de presa diurnas (*Milvus migrans*, *Buteo buteo*, Águia-caçadeira *Circus pygargus* e *Hieraaetus pennatus*) e nocturnas (*Tyto alba*, *Strix aluco* e *Asio otus*). Importante também para a nidificação de espécies de garças (*Ardea cinerea* e *Egretta garzetta*) e colhereiros (*Platalea leucorodia*). Suporta uma comunidade bastante interessante e diversificada de Passeriformes associada à Ribeira do Divor.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Platalea leucorodia</i> Colhereiro	N	1998	50	60	B	B1i, B2, C6
<i>Elanus caeruleus</i> Peneireiro-cinzento	R	1997	3	4	A	B2
<i>Milvus migrans</i> Milhafre-preto	N	1997	13	15	A	C6
<i>Milvus milvus</i> Milhafre-real	N	2000	1	2	A	C6
<i>Circaetus gallicus</i> Águia-cobreira	N	1997	2	3	A	C6
<i>Hieraaetus pennatus</i> Águia-calçada	N	1997	23	25	A	B1ii, B2

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: nenhuma

Conservação

Os habitats actualmente existentes são mantidos à custa de práticas agrícolas tradicionais, mas a fragilidade da economia rural poderá levar os agricultores locais a alterar o uso do solo. Práticas cinegéticas como factor de forte perturbação e abates ilegais, Florestações com espécies de crescimento rápido. Existe interesse, do ponto de vista autárquico, para a criação de uma área protegida na região.

Ameaças: Abandono/redução da gestão do terreno (B), Perturbação (B), Intensificação agrícola (B).

Referências

Costa & Guedes (1994), Cruz *et al.* (1992, 1993, 1998), Cruz (1999), Onofre *et al.* (1999), Onofre (*in press*)

ALBUFEIRA DO CAIA

Código: PT045

Alentejo: Arronches, Campo Maior e Elvas (Portalegre)

Coordenadas geográficas: 39°02'N 07°12'W

Área: 8.985 ha

Altitudes: 190-310 m

Critérios

A1 (*Tetrax tetrax*)

A4i (*Glareola pratincola*, *Larus fuscus*)

B1i (*Glareola pratincola*, *Larus fuscus*)

B2 (*Elanus caeruleus*, *Burhinus oedipnemus*, *Glareola pratincola*, *Tetrax tetrax*)

C1 (*Tetrax tetrax*)

C2 (*Glareola pratincola*)

C3 (*Larus fuscus*)

C6 (*Egretta garzetta*, *Pandion haliaetus*, *Burhinus oedipnemus*, *Glareola pratincola*, *Sterna albifrons*, *Chlidonias niger*)

Descrição do sítio

O sítio inclui a albufeira do Caia, um pequeno troço do rio Caia a jusante da barragem e a área envolvente limitada pelas estradas pavimentadas mais próximas. A albufeira do Caia é uma das maiores do Alentejo, com 1.970 ha de área inundada no nível de pleno armazenamento. As margens são pouco declivosas e geralmente apresentam pouca vegetação ripícola. Existem inúmeras ilhas, de dimensão variável e em diversos níveis de armazenamento. Enquadra-se numa paisagem onde predominam o montado de azinho, os campos cerealíferos e as pastagens, existindo também alguns olivais, culturas de regadio, pequenas áreas de mato e vegetação ripícola. Os afloramentos rochosos, principalmente de granito, são característicos de grande parte da zona.

Habitats: florestas e matas (floresta com espécies de folha persistente); zonas húmidas (águas doces paradas); zonas artificiais (terra arada).

Uso do solo: agricultura; silvicultura; turismo/recreio; gestão de recursos hídricos.

Importância ornitológica

A albufeira do Caia é uma das mais importantes a nível nacional para as aves aquáticas e, associada à zona envolvente, acolhe também populações significativas de algumas espécies estepárias. Destaca-se a nidificação de Perdiz-do-mar *Glareola pratincola*, Chilreia *Sterna albifrons*, Pernilongo *Himantopus himantopus* (60 a 70 casais em 2001), Pato-de-bico-vermelho *Netta rufina* (20 a 25 adultos em 1999) e, ocasionalmente, Gaivina-de-bico-preto *Gelochelidon nilotica* (mínimo de 12 adultos em 1999). No caso da Chilreia é o único local do interior onde se conhece a nidificação da espécie. Salienta-se também a nidificação de garças, com cinco espécies registadas. No Inverno registam-se concentrações importantes de anatídeos, Galeirões *Fulica atra*, Mergulhões-de-crista *Podiceps cristatus* e gaivotas; neste período e durante as migrações é frequente a ocorrência da Águia-pesqueira *Pandion haliaetus*. Possui também importância para a passagem de ciconiformes e limícolas, sendo frequente a presença do Colhereiro *Platalea leucorodia* e da Cegonha-preta *Ciconia nigra*. De forma associada à zona envolvente existem populações significativas de Alcaravão *Burhinus oedipnemus*, Águia-caçadeira *Circus pygargus*, Sisão *Tetrax tetrax* e, em menor medida, Abetarda *Otis tarda*. O Grou *Grus grus* ocorre principalmente na zona envolvente, mas ocasionalmente também pernoita na albufeira.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Crítérios
<i>Egretta garzetta</i> Garça-branca	N	1997	90	90	A	C6
<i>Elanus caeruleus</i> Peneireiro-cinzento	R	2001	comum		-	B2
<i>Pandion haliaetus</i> Águia-pesqueira	I	2001	frequente		-	C6
<i>Tetrax tetrax</i> Sisão	R	2001	160i	160i	B	A1, C1
<i>Burhinus oedicephalus</i> Alcaravão	I	2001	250i	250i	B	B2
<i>Burhinus oedicephalus</i> Alcaravão	N	2001	comum		-	B2, C6
<i>Glareola pratincola</i> Perdiz-do-mar	N	2001	87	93	A	A4i, B1i, B2, C2, C6
<i>Larus fuscus</i> Gaivota-d'asa-escura	I	2001	7.000i	9.000i	B	A4i, B1i, C3
<i>Sterna albifrons</i> Andorinha-do-mar-anã	N	1999	50	60	B	C6
<i>Chlidonias niger</i> Gaivina-preta	P	2001	comum		-	C6

Protecção legal

Nacional: SIC proposta Caia (PTCON0030; Resolução do Conselho de Ministros nº 142/97 de 28 de Agosto; 31.115 ha, inclui parte da IBA); SIC proposta São Mamede (PTCON0007; Resolução do Conselho de Ministros nº 142/97 de 28 de Agosto; 116.114 ha, inclui parte da IBA); Plano de Ordenamento da Albufeira do Caia (Despacho conjunto dos Ministérios do Planeamento e da Administração do Território e do Ambiente e Recursos Naturais, publicado no Diário da República nº 162/93, II Série, de 13/7).

Internacional: candidaturas SIC Caia e SIC São Mamede.

Conservação

Apesar de existir um plano de ordenamento para a albufeira e uma faixa de protecção de 500 m, a falta de fiscalização e de vontade política para o implementar permitem quase tudo. Os efluentes urbanos não tratados, o pastoreio na área inundável e a poluição difusa produzida pelas explorações agrícolas são as principais causas de degradação da qualidade da água. A perturbação causada por diversas actividades de lazer prejudica seriamente as aves, principalmente na época de reprodução. Uma parceria entre a SPEA e o PNSSM tem permitido realizar algumas medidas de gestão de habitat na albufeira, dirigidas especialmente à Perdiz-do-mar, à Andorinha-do-mar-anã e à Águia-pesqueira.

Ameaças: florestação (B); intensificação agrícola (B); perturbação (A); indústrias extractivas (C); recreio/turismo (A).

Referências

Farinha & Trindade (1994), Costa & Guedes (1996), Farrobo & Leitão (1997), Rufino (1998), Catry (2000)

REGUENGOS DE MONSARAZ

Código: PT046

Alentejo: Reguengos de Monsaraz, (Évora)

Coordenadas geográficas:

Área: 8.500 ha

Altitudes: 187-247 m

Critérios

A1 (*Tetrax tetrax*)

A4i (*Glareola pratincola*)

B1i (*Glareola pratincola*)

B2 (*Glareola pratincola*)

C1 (*Tetrax tetrax*)

C2 (*Glareola pratincola*)

C6 (*Glareola pratincola*, *Pterocles orientalis*)

Descrição do sítio

Área agrícola, essencialmente, aberta, integrada numa zona sem grandes variações de declive, a Sul de Reguengos de Monsaraz. Usada para cultivo extensivo de cereais, com predominância para o trigo, vitivinicultura e olivicultura. A área, a Oeste, é dominada por parte da Herdade do Esporão e suas zonas húmidas, onde se inclui linha de água e lagoa com vegetação ribeirinha bem representada e açude com ilhas e margens essencialmente nuas, em cascalho. A Este, a área é dominada por olivais antigos, áreas lavradas e pousios. Existem algumas manchas de povoamentos de montado de azinho, sobre e misto. Os pousios são usados para pastoreio, bovino e ovino.

Habitats: Matos (matos), Prados (estepe/prados secos calcários), Zonas húmidas (águas paradas doces; cursos de água; vegetação ribeirinha), Zonas artificiais (terra arada; campos e pomares perenes; plantações florestais)

Uso do solo: Agricultura, Caça, Turismo/recreio.

Importância ornitológica

A Ribeira da Caridade, na sua chegada ao açude do Esporão, constitui uma zona húmida importante para as aves, destacando-se a ocorrência de núcleos nidificantes de Pato-de-bico-vermelho *Netta rufina*, de Pernilongo *Himantopus himantopus*, ... *Gelochelidon nilotica*, e Frisada *Anas strepera*. A área Este possui, zonas de grande valor para a nidificação e alimentação de aves estepárias, nomeadamente de Perdiz-do-mar *Glareola pratincola* e de Cortiçol-de-barriga-preta *Pterocles orientalis*, bem como, na sua zona Norte, olivais antigos de grande importância para a nidificação de inúmeras espécies.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Tetrax tetrax</i> Sísão	R	2000	comum		A	A1, C1
<i>Glareola pratincola</i> Perdiz-do-mar	N	2000	40	150	A	A4i, B1i, B2, C2, C6
<i>Pterocles orientalis</i> Cortiçol-de-barriga-preta	R	2000	8	12	A	C6

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: nenhuma

Conservação

Os habitats actualmente existentes são mantidos à custa de práticas agrícolas tradicionais, mas a fragilidade da economia rural e a proximidade à área de influência do Projecto Alqueva poderá levar os agricultores locais a alterar o uso do solo. Na zona Este da área as práticas cinegéticas são factor de forte perturbação e abates ilegais. A expansão da viticultura, a registar-se, na zona Oeste, afectará o efeito de mosaico existente na área e poderá degradar a qualidade das águas nas zonas húmidas aí

existentes. Algumas das zonas húmidas apresentam fraca perturbação devido ao acesso controlado a essas áreas (Herdade do Esporão) ou devido à difícil acessibilidade.

Ameaças: Abandono/redução da gestão do terreno (A), Construção de barragens ou diques (B), Perturbação (B), Intensificação agrícola (A).

PONTA DA PIEDADE

Código: PT047

Algarve: Lagos (Faro)

Coordenadas geográficas: 37°05'N 08°42'W

Área: 727 ha

Altitudes: 0-109 m

Critérios

C6 (*Egretta garzetta*, *Falco peregrinus*)

Descrição do sítio

Zona litoral de falésias calcárias entre Burgau e Lagos. As falésias têm uma altura de 25 a 100 metros e existem diversos ilhéus, ou leixões, a pouca distância da linha de costa, na zona da Ponta da Piedade e de Lagos. As falésias são cortadas por praias de areia em alguns pontos da costa incluindo, por exemplo, as praias de Porto de Mós, de Dona Ana, do Pinhão, da Luz e da Salema.

Habitats: Zonas húmidas (dunas e praias), Matos (matos), Áreas marinhas (mar; baías e zonas costeiras), Áreas rochosas (falésias/fragas rochosas; ilhéus rochosos; grutas).

Uso do solo: Pesca/aquacultura, Turismo/recreio, Urbano/industrial/transportes

Importância ornitológica

Uma colónia de garças com garças-brancas e carraceiros ocupa alguns ilhéus na zona da Ponta da Piedade. As falésias são importantes pela nidificação de Falcão-peregrino, de Corvo, de Gralha-de-nuca-cinzenta e também por grandes números de andorinhões-reais e andorinhões-pálidos.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Egretta garzetta</i> Garça-branca	R	2002	18	48	A	C2, C6
<i>Falco peregrinus</i> Falcão-peregrino	R	2001	2	3	A	C6

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: nenhuma

Conservação

A área encontra-se protegida pelo Plano de Ordenamento da Orla Costeira de Burgau-Vilamoura, que condiciona as actividades na faixa costeira. Todo o litoral abrangido nesta área é bastante perturbado pelo grande número de turistas e visitantes que o procuram. Existe também perturbação por pescadores desportivos. A pressão urbanística para construção em todo o litoral é bastante forte.

Ameaças: Aquacultura e pesca (C), Perturbação (B), Industrialização/urbanização (A), Recreio/turismo (A)

Bibliografia

A Rocha (1997)

LUZIANES

Código: PT048

Alentejo: Odemira e Ourique (Beja)

Coordenadas geográficas: 38°06'N 07°53'W

Área: 33.021 ha

Altitudes: 190-383 m

Critérios

B2 (*Hieraaetus fasciatus*)

C6 (*Hieraaetus fasciatus*, *Circaetus gallicus*, *Lullula arborea*, *Galerida theklae*, *Sylvia undata*).

Descrição do sítio

Este sítio situa-se ao longo da faixa serrana no interior do alentejo litoral. Localizado na bacia hidrográfica do rio Mira, abrange cerca de metade da Albufeira de Santa Clara (zona montante), que se situa no curso principal deste rio. A vegetação desta área apresenta sinais de intervenção florestal recente com áreas significativas de eucaliptal *Eucalyptus globulus*, bem como, zonas de sobreiral e montado de sobreiro *Quercus suber*, de densidade e sub-coberto variável. Nos vales mais abertos dos afluentes do Mira e junto dos aglomerados urbanos existem áreas de agricultura extensiva associada ao pastoreio, que assumem alguma expressão na paisagem e conferem alguma carácter de descontinuidade nas manchas florestais. Nos enclaves mais húmidos e menos intervencionados surgem pequenas manchas, com baixa representatividade em área mas com grande valor de conservação, de Carvalho-cerquinho *Quercus faginea*.

Habitats: Florestas e Matas (floresta mista, floresta com espécies de folha persistente); Matos (matos, matos esclerófilos), Zonas Húmidas (cursos de água, águas paradas doces, vegetação ribeirinha), Zonas Artificiais (terra arada, plantações florestais)

Uso do solo: Agricultura, Pesca (desportiva), Silvicultura, Caça, Turismo/recreio.

Importância ornitológica

O sítio de Luzianes é uma área com características serranas, na transição entre a costa litoral alentejana e as planícies do interior, importante para a nidificação de aves florestais. Esta zona apresenta-se na continuidade de habitat propício existente nas Serras do Caldeirão, Monchique, Grândola e Cercal, sendo particularmente importante para a nidificação da população do sudoeste serrano português de Águia-perdigueira *Hieraaetus fasciatus* (segundo maior núcleo reprodutor desta espécie em Portugal). Situada na periferia nordeste deste núcleo populacional esta espécie explora neste sítio zonas limítrofes de habitat e portanto mais vulneráveis à pressão antrópica. De destacar, também, a presença de casais de Águia-cobreira *Circaetus gallicus* e Bufo-real *Bubo bubo*. Nas áreas mais abertas apresenta espécies mais características das zonas de planície, embora em baixas densidades, como o Penereiro-cinzento *Elanus caeruleus*, a Águia-caçadeira *Circus pygargus* ou o Sisão *Tetrax tetrax*. Pela sua localização geográfica na região Sudoeste do território este sítio aparenta ter algum valor nas rotas migratórias de algumas espécies planadoras e de passeriformes migradores transarianos.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Hieraaetus fasciatus</i> Águia-perdigueira	R	2001	3	5	A	B2, C6
<i>Circaetus gallicus</i> Águia-cobreira	N	2001	6	10	B	C6
<i>Galerida theklae</i> Cotovia-escura	R	2001	Frequente		-	C6
<i>Sylvia undata</i> Toutinegra-do-mato	R	2001	Comum		-	C6

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: nenhuma

Conservação

As práticas florestais são essencialmente vocacionadas para a produção de madeira ou de cortiça e não de uma forma mais ampla e diversificada, integrando outro tipo de produtos que tornem a exploração silvícola mais sustentada. A maior intervenção mecânica utilizada nas limpezas de mato para remoção do sub-coberto efectua-se de um modo indiscriminado e não selectivo provocando impactes negativos ao nível da flora, que tem repercussões óbvias na fauna e noutros recursos naturais como o solo e a água. Verifica-se uma necessidade de acompanhamento da actividade florestal e cinegética, sobretudo nas áreas e períodos mais críticos, delimitando zonas de refúgio nas áreas de maior sensibilidade. O aumento das actividades recreativas e de lazer, como as provas de todo-o-terreno, que não acautelam a passagem por áreas de maior sensibilidade durante o período de nidificação exigem também um maior acompanhamento.

Ameaças: Abandono/redução da gestão do terreno (U), Florestação (B), Queimadas e incêndios (A), Desflorestação (comercial) (A), Perturbação (B), Gestão Silvícola intensiva(A), Exploração não sustentável (U)

Referências

Rufino (1989), Palma (1993, 1994, 1995), Pais (1996), Real *et al.* (1997), Silva (1999), Inácio *et al.* (1999), Palma *et al.* (1999, 2001), Praxis (2001)

SERRAS DO ALVÃO E MARÃO

Código: PT049

Norte: Ribeira de Pena, Vila Pouca de Aguiar, Mondim de Basto, Vila Real, Santa Marta de Penaguião e Peso da Régua (Vila Real), Amarante e Baião (Porto)

Coordenadas geográficas: 41°21'N 07°49'W

Área: 58.788 ha

Altitudes: 50-1416 m

Critérios

C6 (*Circus cyaneus*, *Circus pygargus*, *Aquila chrysaetos*, *Falco peregrinus*, *Bubo bubo*, *Anthus campestris*, *Pyrhcorax pyrrhcorax*)

Descrição do sítio

Este sítio tem como elemento característico as Serras do Alvão e Marão, orientadas de NE-SO e com altitudes máximas de 1330m e de 1416m respectivamente. O sítio encontra-se delimitado longitudinalmente pelos vales dos rios Tâmega (O) e Corgo (E) e atinge a sua altitude mínima (50m) na foz do rio Corgo. Este sítio engloba uma grande diversidade de situações geomorfológicas e habitats naturais, nomeadamente charnecas húmidas atlânticas meridionais e formações herbáceas de zonas montanhosas, assim como freixiais, carvalhais galaico-portugueses, florestas-galerias de salgueiros e choupos e florestas de sobreiro.

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de folha caduca; floresta mista), Matos (matos; matos esclerófilos; charnecas), Prados (prados húmidos), Zonas húmidas (águas paradas doces; cursos de água, vegetação ribeirinha), Áreas rochosas (falésias/fragas rochosas), Zonas artificiais (terra arada; campos e pomares perenes; plantações florestais; zonas urbanas), Vegetação exótica (espécies de flora exótica infestantes).

Uso do solo: Agro-pecuária; Silvicultura; Caça; Pesca; Conservação da Natureza e Investigação, Turismo/Recreio; Urbano/Transportes

Importância ornitológica

Estas serras revestem-se de importância ornitológica por albergarem efectivos de espécies de aves de rapina de grande interesse. Apresentam-se também como área de valor para a passagem de passeriformes migradores transarianos. Encontram-se referenciadas para esta área 146 espécies de aves. As serras do Alvão e do Marão são importantes para a conservação da Águia-real, por albergar um casal isolado que se tem mantido estável, com reprodução regular. Esta área mantém um núcleo residente de Gralha-de-bico-vermelho que durante o Inverno vê aumentado o seu efectivo por aves que surgem nesta área para se alimentarem.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Circus cyaneus</i> Tartaranhão-cinzento	N	1998	rara		-	C6
<i>Circus pygargus</i> Tartaranhão-caçador	N	1996	comum		-	C6
<i>Aquila chrysaetos</i> Águia-real	R	2002	1	1	A	C6
<i>Falco peregrinus</i> Falcão-peregrino	R	2001	4	6	A	C6
<i>Bubo bubo</i> Bufo	R	2001	3	6	A	C6
<i>Anthus campestris</i> Petinha-dos-campos	N	2001	comum		-	C6
<i>Pyrhcorax pyrrhcorax</i> Gralha-de-bico-vermelho	R	2001	6i	15i	A	C6

Protecção legal

Nacional: Parque Natural do Alvão (Decreto-lei n° 237/83 de 8 de Junho; 7.239 ha, totalmente incluída na IBA); SIC proposta Alvão/Marão (PTCON0003, Resolução de Conselho de Ministros n° 142/97, de 28 de Agosto; 58.788 ha, limites coincidentes com a IBA).

Internacional: candidatura SICs Alvão/Marão

Conservação

Não existe plano de ordenamento ou de gestão em vigor para o Parque Natural ou sítios da Rede Natura 2000, no entanto existe uma proposta de Plano de Ordenamento do PN do Alvão, já discutida publicamente, mas em revisão de acordo com o novo enquadramento legal. Em termos de evolução natural do sistema, assiste-se à recuperação da sucessão clímax em algumas áreas, com regeneração do coberto vegetal natural, sobretudo carvalhais e das formações arbustivas/matos, como resposta ao abandono progressivo das actividades humanas. A área mantém-se ainda relativamente preservada, embora o abandono gradual da agricultura tenda a reduzir o valor natural e paisagístico. O desenvolvimento económico não sustentado e desenfreado é motivo de preocupação (rede viária, turismo e recreio, exploração de energias renováveis, silvicultura de monocultura). Deverão ser protegidos os habitats com enorme valor natural como as turfeiras, as florestas de vidoeiros, as matas de loureiros e alguns prados e charnecas naturais, os pauis da Campeã e as turfeiras do Alvão. A ausência de gestão dos bosques impede o desenvolvimento das áreas florestais com maior valor ecológico, devendo ser implementadas medidas de conservação dos carvalhais e desenvolvimento de planos de recuperação das manchas mais importantes para a fauna.

Ameaças: Redução da gestão do terreno/Abandono (C); Florestação (B); Intensificação agrícola e pecuária (C); Queimadas/Incêndios (B); Introdução de exóticas (B); Construção de barragens ou diques (B); Perturbação (B); Drenagem (B); Indústrias extractivas (B); Urbanização (B); Infraestruturas (B); Recreio/Turismo (B)

Referências

Paes de Faria (1988, 1995, 1998, 2001a, 2001b), Travassos & Paes de Faria (1995, 1999), Álvares *et al.* (1998), Travassos (1998), Palma *et al.* (1999), Travassos *et al.* (2001), Rosa *et al.* (2001)

SERRA DE MONCHIQUE

Código: PT050

Alentejo: Odemira (Beja); Algarve: Monchique, Silves, Lagos, Portimão e Aljezur (Faro)

Coordenadas geográficas: 37°21'N 08°34'

Área: 103.708 ha

Altitudes: 50 - 902 m

Critérios

B2 (*Hieraaetus fasciatus*, *Circaetus gallicus*)

C2 (*Hieraaetus fasciatus*)

C6 (*Hieraaetus fasciatus*, *Circaetus gallicus*, *Bubo bubo*, *Lullula arborea*, *Galerida theklae*, *Sylvia undata*).

Descrição do sítio

Este sítio abrange uma área rica em habitats naturais, dos quais se destacam os que estão associados a condições bioclimáticas e geológicas muito específicas. O núcleo central da Serra de Monchique, com condições microclimáticas particulares, mantém ainda, nos locais onde a degradação do coberto foi menos drástica, bosques formados por diversas espécies arbóreas, arbustivas e herbáceas com estrutura complexa e multi-estratificada, com uma grande riqueza florística que albergam relíquias paleomediterrânicas, boreo-subtropicais, atlânticas e importantes endemismos. Dada a biodiversidade que aqui se encontra, o ecossistema florestal de Monchique foi identificado como um dos *hot-spots forests* das florestas naturais europeias. Nas encostas e barrancos mesomediterrânicos hiper-húmidos da Serra de Monchique, surgem bosquetes relíquias residuais com carvalho de Monchique e titimalo de Monchique. Também existem áreas amplas deste sítio com plantações de eucaliptos. O sector central e os vales das principais ribeiras são habitados (povoamento linear que ocupa as várzeas fluviais), surgindo aqui algumas bolsas agrícolas, sobretudo de subsistência. Nas encostas mais sombrias existem povoamentos bem desenvolvidos de medronheiro, planta que é aproveitada localmente.

Habitats: Florestas e Matas (floresta mista, floresta com espécies de folha persistente); Matos (matos, matos esclerófilos), Zonas Húmidas (cursos de água, vegetação ribeirinha), Zonas Artificiais (terra arada, plantações florestais)

Uso do solo: Agricultura, Silvicultura, Caça, Turismo/recreio, Conservação da Natureza e investigação, Outros.

Importância ornitológica

Sítio de grande importância para aves de rapina diurnas e nocturnas, típicas de bosques mediterrânicos fechados de quercíneas e matagais. Antigo local de nidificação de Águia-real (último casal observado em 1994) e de Águia-imperial (último casal observado em meados dos anos 1980), este sítio constitui o núcleo principal da segunda população mais significativa de Águia-perdigueira em Portugal (sudoeste Serrano, apresentando aqui a particularidade única na Europa de ocupar habitats florestais, nidificando em árvores). A lenta expansão desta população nos últimos anos tem-se traduzido na instalação de novos casais nos locais com habitat adequado nas serras algarvias e do litoral alentejano, bem como em territórios situados no interior alentejano. Este local é também importante pela nidificação de Águia-cobreira. Verifica-se também a ocorrência de Bufo-real, que mantém locais de nidificação na área da Ribeira de Odelouca e possivelmente da Ribeira do Seixe e das Cercas. A ocorrência de Peneireiro-cinzento e de Milhafre-preto é ocasional. Pela sua localização geográfica na região sudoeste do território português este sítio aparenta ter algum valor como local de passagem migratória de algumas espécies planadoras e de passeriformes migradores transarianos.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Hieraaetus fasciatus</i> Águia-perdigueira	R	2001	10	12	A	B2, C2, C6
<i>Circaetus gallicus</i> Águia-cobreira	N	2001	20i	25i	B	B2, C6
<i>Bubo bubo</i> Bufo-real	R	2001	Raro		-	C6
<i>Galerida theklae</i> Cotovia-escura	R	2001	Comum		-	C6
<i>Lullula arborea</i> Cotovia-dos-bosques	R	2001	Comum		-	C6
<i>Sylvia undata</i> Toutinegra-do-mato	R	2001	Comum		-	C6

Protecção legal

Nacional: SIC proposta Monchique (PTCON0037; Resolução do Conselho de Ministros nº 142/97, de 28 de Agosto; 76.008 ha totalmente incluídos na IBA).

Internacional: candidatura SIC Monchique.

Conservação

A recente extinção de duas espécies de grandes aves de rapinas (Águia-real e Águia-imperial) nas serras algarvias poderá ter-se devido à escassez de presas e/ou à degradação do habitat, provocada quer pela expansão das actividades florestais quer pela ocorrência de grandes incêndios. As grandes aves de rapina dependem de territórios de caça extensos e necessitam de locais de nidificação pouco perturbados pelo Homem, evitando portanto as pequenas manchas de habitat favorável. Neste sítio, os locais de nidificação de grandes aves de rapina caracterizam-se por extensas áreas de matos com povoamentos de quercíneas (sobretudo sobreiro) de densidade variável, encontrando-se actualmente as melhores manchas de vegetação natural reduzidas a enclaves de dimensão variável. Dada a localização destas zonas em locais declivosos, cuja difícil acessibilidade diminui a aptidão silvícola, é possível, através de medidas de ordenamento florestal e cinegético, promover acções que contribuam para a melhorar as condições do habitat, evitando a sua degradação, e consequentemente assegurar a manutenção/incremento das populações existentes ou a recolonização das que desapareceram como nidificantes nesta área, que é vital como “fonte” de indivíduos desta população e de outras localizadas nas proximidades.

Ameaças: Abandono/redução da gestão do terreno (U), Florestação (B), Queimadas e incêndios (A), Desflorestação (comercial) (A), Perturbação (B), Gestão Silvícola intensiva (A), Exploração não sustentável (U), Construção de barragens (A).

Bibliografia

Rufino (1989), Palma (1993, 1994, 1995), Pais (1996), Alvares & Petrucci-Fonseca (1997), Real *et al.* (1997), Silva (1999), Inácio *et al.* (1999), Palma *et al.* (1999a,b, 2001), Praxis (2001)

SERRA DO CALDEIRÃO

Código: PT051

Alentejo: Ourique e Almodôvar (Beja); Algarve: São Brás de Alportel, Silves, Loulé e Tavira (Faro)

Coordenadas geográficas: 37°19'N 08°02'W

Área: 70.445 ha

Altitudes: 123-577 m

Critérios

B2 (*Hieraaetus fasciatus*)

C6 (*Hieraaetus fasciatus*, *Circaetus gallicus*, *Bubo bubo*, *Coracias garrulus*, *Galerida theklae*)

Descrição do sítio

A Serra do Caldeirão constitui um extenso maço montanhoso de formas suaves e arredondadas de xisto-grauvácico, onde nascem diversos cursos de água do Barlavento e Sotavento Algarvio, bem como do Baixo Alentejo. Extensos sobreirais cobrem este sítio, que apresenta nos enclaves mais preservados e húmidos (umbrias) matagais arborescentes complexos e evoluídos, com medronhais e urzais, e nas encostas mais soalheiras matos de tipologia diversa mas mais simplificados, com predominância de estevais. Nas umbrias mais bem preservadas ocorrem bosques e pré-bosques de sobreiro, acompanhados de carvalho-cerquinho. Nas áreas com relevo mais suave existe ocupação humana, mais reduzida desde os anos 1960, à qual surgem associadas pequenas manchas agrícolas, essencialmente de subsistência, localizadas sobretudo nos extremos orientais e ocidentais. Este sítio é atravessado pela Ribeira de Odelouca, cujo vale faz aqui a fronteira entre a região algarvia e alentejana, apresentado ocupação humana linear concentrada em pequenos aglomerados ou habitações dispersas ao longo da várzea fluvial.

Habitats: Florestas e Matas (floresta mista, floresta com espécies de folha persistente); Matos (matos, matos esclerófilos), Zonas Húmidas (cursos de água, vegetação ribeirinha), Zonas Artificiais (terra arada)

Uso do solo: Agricultura, Silvicultura, Caça, Turismo/recreio, Conservação da Natureza e investigação, Outros.

Importância ornitológica

As extensas áreas de sobreiral bem preservados, com subcoberto em diferentes estados de desenvolvimento com baixa intervenção humana recente, são essenciais à estabilidade reprodutora que se verifica nos casais de Águia-perdigueira e, conseqüentemente, à manutenção da população do sudoeste serrano desta espécie. Estes habitats são também propícios à ocorrência de Águia-cobreira, que apresenta um núcleo representativo neste extremo da serra algarvia (complementar ao que ocorre nas serras do barlavento – Monchique e Espinhaço de Cão), embora não seja possível quantificá-lo com precisão. É de destacar também a presença de Bufo-real, que nidifica nas encostas com matagais mais densos ou nos afloramentos rochosos ao longo dos cursos de água.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Ciconia ciconia</i> Cegonha-branca	R	2001	Frequente		-	C6
<i>Hieraaetus fasciatus</i> Águia-perdigueira	R	2001	6	8	A	B2, C6
<i>Circaetus gallicus</i> Águia-cobreira	N	2001	Frequente		-	C6
<i>Bubo bubo</i> Bufo-real	R	2000	27	30	A	C6
<i>Coracias garrulus</i> Rolieiro	N	2001	Raro		-	C6
<i>Galerida theklae</i> Cotovia-escura	R	2001	Comum		-	C6
<i>Lullula arborea</i> Cotovia-dos-bosques	R	2001	Comum		-	C6

Proteção legal

Nacional: SIC proposta Caldeirão (PTCON0057; Resolução do Conselho de Ministros nº 76/2000 de 5 de Junho; 47.286 ha totalmente incluídos na IBA); SIC proposta Barrocal (PTCON0049;

Resolução do Conselho de Ministros nº 76/2000 de 5 de Junho; 20.864 ha, totalmente incluídos na IBA).

Internacional: candidatura SIC Caldeirão e SIC Barrocal.

Conservação

Não existe nenhuma proposta de plano de gestão específico ou de ordenamento vocacionado para a conservação da natureza nas áreas propostas para a Rede Natura 2000. A redução da ocupação humana, que ocorreu a partir da década de 1960 e possibilitou a renaturalização das áreas serranas que tinham sido intensamente intervencionadas durante a Campanha do Trigo no início do século XX, associada à diminuição da perseguição humana directa (mortalidade de indivíduos), contribuiu para a estabilidade populacional actual da Águia-perdigueira neste sítio. Contudo, as alterações verificadas na ocupação do solo, que passou de predominantemente agrícola para quase exclusivamente florestal, estão a ser acompanhadas de uma maior perturbação nos territórios reprodutores, efectuada durante os períodos de maior sensibilidade, que condiciona o sucesso reprodutor destes casais. As práticas florestais estão essencialmente vocacionadas para a produção de madeira ou de cortiça, verificando-se uma maior intervenção mecânica nas limpezas de mato para remoção do subcoberto de uma forma não selectiva. É necessário promover um acompanhamento da actividade florestal e cinegética, sobretudo nas áreas e períodos mais críticos, delimitando zonas de refúgio nas áreas de maior sensibilidade, suspendendo as actividades florestais durante as épocas de acasalamento e reprodução e condicionar a abertura de novos acessos permanentes nas encostas e barrancos próximos dos locais de nidificação (excepto os essenciais para a prevenção de incêndios).

Ameaças: Abandono/redução da gestão do terreno (U), Florestação (B), Queimadas e incêndios (A), Desflorestação (comercial) (A), Perturbação (B), Gestão Silvícola intensiva (A), Exploração não sustentável (U), Construção de barragens (A).

Bibliografia

Rufino (1989), Palma (1993, 1994, 1995), Pais (1996), Real *et al.* (1997), Silva (1999), Inácio *et al.* (1999), Palma *et al.* (1999a, b, 2001), Pais *et al.* (2000), Praxis (2001), Lourenço *et al.* (2002)

COSTA DAS FLORES

Código: PT052 (antiga QQ001)

Açores: Santa Cruz das Flores e Lages das Flores

Coordenadas geográficas: 39°27'N 31°13'W

Área: 937 ha

Altitudes: 0-673 m

Critérios

A4i (*Sterna dougallii*)

A4ii (*Calonectris diomedea*)

A4iii

B1i (*Sterna dougallii*)

B1ii (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*)

B2 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Oceanodroma castro*, *Sterna dougallii*)

B3 (*Serinus canaria*)

C2 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Oceanodroma castro*, *Sterna hirundo*, *Sterna dougallii*)

C4

C6 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Sterna hirundo*, *Sterna dougallii*)

Descrição do sítio

A IBA estende-se ao longo da faixa litoral da Ilha das Flores e é constituída por três zonas distintas: Zona de Santa Cruz até à Fajã Grande e Ilhéus, com costa relativamente baixa, tipo laje, circundada por escarpas com aproximadamente 100 metros de altura; a Zona de Mosteiro até às Lages, incluindo os ilhéus, com falésia alta que atinge até 650 m de altura e zonas argilosas, muitas reentrâncias e grutas, algum calhau rolado e muitos ilhéus; e a Zona de Caveira, uma falésia rochosa de difícil acesso, com cerca de 300 m de altura e com diversas reentrâncias e zonas argilosas com cavidades. No total inclui mais de 20 ilhéus e rochedos, de entre os quais se destacam, a Baixa do Moinho e o ilhéu da Lagoa. Esta zona é essencialmente caracterizada por falésias com vegetação das costas macaronésicas e vegetação vivaz das costas de calhaus rolados. Nas três zonas a faixa classificada vai desde a beira mar até ao rebordo da falésia.

Habitats: matos (matos macaronésicos), áreas rochosas (falésias rochosas, ilhéus rochosos, áreas com cascalho, grutas), vegetação exótica/introduzida

Uso do solo: agricultura; conservação da natureza e investigação; turismo/recreio

Importância ornitológica

O litoral rochoso assume particular importância para as aves marinhas, nomeadamente procelariiformes. Nidificam nestas zonas a Cagarra *Calonectris diomedea*, o Pintainho *Puffinus assimilis* e o Roquinho *Oceanodroma castro*. Estas zonas são também importantes para a Gaivina *Sterna hirundo* e Gaivina-rosada *Sterna dougallii*, constituindo o local de maior concentração de indivíduos desta última espécie em Portugal em alguns anos. Esta IBA constitui também uma zona de ocorrência regular de espécies visitantes da região neártica.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Calonectris diomedea</i> Cagarra	N	2001	17555	17555	B	A4ii, B1ii, B2, C2, C6
<i>Puffinus assimilis</i> Pintainho	N	1997	255	475	B	B1ii, B2, C2, C6
<i>Oceanodroma castro</i> Roquinho	N	1997	20	40	B	B2, C2
<i>Sterna dougallii</i> Gaivina-rosada	N	2000	500	-	A	A4i, B1i, B2, C2, C6
<i>Sterna hirundo</i> Gaivina	N	2000	500	-	A	C2, C6
<i>Serinus canaria</i> Canário-da-terra	R	-	comum		-	B3

Proteção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: ZPE Costa Nordeste; ZPE Costa Sul e Sudoeste; SIC Costa Nordeste das Flores.

Conservação

Todos os habitats estão relativamente bem preservados. As colónias de Gaivina e Gaivina-rosada são directamente afectadas por perturbação humana e vandalismo, agravada pela ausência de vigilância adequada. Predadores terrestres introduzidos (cães e gatos ferais, ratos e mustelídeos) afectam a maioria das aves marinhas, especialmente os procelariformes mais pequenos e mais vulneráveis que nidificam em cavidades no solo ou no cascalho. A captura de Cagarra e de outros procelariformes ocorre em pequena escala. A invasão por plantas exóticas, como a Cana *Arundo donax*, resultou na perda de habitat de nidificação disponível para os procelariformes. Existe um Plano de Gestão para a ZPE Costa Nordeste. A vigilância das colónias de Gaivina-rosada na Baixa do Moinho e Alagoa foi iniciada em 1993. O deslizamento de terras natural aumenta a erosão das zonas com solo disponível para os procelariformes.

Ameaças: Introdução de plantas/animais (A), Fenómenos naturais (C), Recreio/turismo (A), Perturbação (A)

Referências

Del Nevo *et al.* (1990), Monteiro & Groz (1999), Monteiro *et al.* (1998, 1999, inédito), Pereira *et al.* (2000), Rodrigues & Nunes (2002)

COSTA DO CORVO

Código: PT053 (antiga QQ002)

Açores: Vila do Corvo

Coordenadas geográficas: 39°42'N 31°06'W

Área: 374 ha

Altitudes: 0-775 m

Critérios

A4i (*Sterna dougallii*)

A4ii (*Calonectris diomedea*)

A4iii (*Calonectris diomedea*)

B1i (*Sterna dougallii*)

B1ii (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*)

B2 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Sterna dougallii*)

C2 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Sterna dougallii*)

C4 (*Calonectris diomedea*)

C6 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Sterna hirundo*)

Descrição do sítio

A IBA inclui uma faixa litoral desde a beira mar até ao rebordo da falésia que se estende por grande parte da costa da ilha, incluindo os ilhéus da Ponta do Marco. A altitude das falésias costeiras varia entre os 200 e os 700 m. O sítio apresenta mato macaronésico costeiro no topo. Os habitats costeiros são essencialmente dominados por costas de calhaus rolados e vegetação costeira, onde se destaca o género endémico *Azorella vidallii*.

Habitats: matos (matos macaronésicos), áreas rochosas (falésias rochosas, ilhéus rochosos, áreas com cascalho), vegetação exótica/introduzida

Uso do solo: sem utilização; Turismo/recreio

Importância ornitológica

Esta zona é particularmente importante para as aves marinhas nidificantes, nomeadamente alguns procelariformes (maior colónia de *Calonectris diomedea* e de *Puffinus puffinus* nos Açores). Esta IBA constitui também uma zona de ocorrência regular de espécies visitantes da região neártica.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Calonectris diomedea</i> Cagarra	N	2001	33487	33487	B	A4ii, A4iii, B1ii, B2, C2, C4, C6
<i>Puffinus assimilis</i> Pintainho	N	1997	145	295	B	B1ii, B2, C2, C6
<i>Sterna dougallii</i> Gaivina-rosada	N	2000	166	166	A	A4i, B1i, B2, C2, C6
<i>Sterna hirundo</i> Gaivina	N	2000	353	353	A	C6

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: ZPE Costa e Caldeirão; SIC Costa e Caldeirão.

Conservação

Predadores terrestres introduzidos (cães e gatos ferais, ratos e mustelídeos) provavelmente limitam a nidificação da maioria das aves marinhas, especialmente os procelariformes mais pequenos e mais vulneráveis que nidificam em cavidades no solo ou no cascalho. A captura de Cagarra e de outros procelariformes ocorre em pequena escala. A invasão por plantas exóticas, como a Cana *Arundo donax*, resultou na perda de habitat de nidificação disponível para os procelariformes. Algumas zonas estão sujeitas à derrocadas por fenómenos naturais. A ausência de protecção das ZPE por diploma legal nacional/regional diminui a eficácia de medidas minimizadoras dos impactos e da vigilância existente. Encontra-se em fase de finalização um plano de gestão integrado para a ZPE da “Costa e Caldeirão” e para a área marinha e terrestre do SIC.

Ameaças: Introdução de plantas/animais (A), Fenómenos naturais (C)

Referências

Del Nevo *et al.* (1990), Monteiro & Groz (1999), Monteiro *et al.* (1998, 1999, inédito), Pereira *et al.* (2000), Rodrigues & Nunes (2002)

CAPELINHOS

Código: PT054 (parte da antiga QQ003)

Açores: Horta

Coordenadas geográficas: 38°36'N 28°47'W

Área: 215 ha

Altitudes: 0-300m

Critérios

A4i (*Sterna dougalli*)

A4ii (*Calonectris diomedea*)

B1i (*Sterna dougalli*)

B1ii (*Calonectris diomedea*)

B2 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Sterna dougalli*)

C2 (*Calonectris diomedea*, *Sterna dougalli*)

Descrição do sítio

A IBA compreende duas zonas: a zona dos Capelinhos-Ponta da Fajã, que se estende ao longo da linha de costa, desde a beira mar até ao rebordo da falésia, com início no Porto dos Capelinhos e fim no Porto da Fajã; e a zona do Vulcão dos Capelinhos, constituída por um cone vulcânico costeiro, uma praia de areia e falésias de costa rochosa adjacente. A erupção deste vulcão submarino é a mais recente dos Açores (1957-1958) e esta área possui uma grande diversidade geomorfológica e locais ainda em evolução, caso das areias vulcânicas e dos fundos marinhos. Os habitats naturais da zona envolvente do vulcão são essencialmente caracterizados por vegetação vivaz das costas de calhaus rolados, falésias com vegetação das costas macaronésicas, campos de lavas e escavações naturais. A zona da Ribeira das Cabras é também uma zona ao longo da falésia alta, que apresenta algum mato macaronésico endémico, vegetação vivaz das costas de calhau rolado e falésias com vegetação das costas macaronésicas.

Habitats: matos (matos macaronésicos), áreas rochosas (falésias rochosas, ilhéus rochosos, áreas com cascalho), vegetação exótica/introduzida

Uso do solo: conservação da natureza e investigação; turismo/recreio; sem utilização

Importância ornitológica

Esta zona é particularmente importante para as aves marinhas nidificantes, com destaque para a Cagarra *Calonectris diomedea* e a Gaivina-rosada *Sterna dougalli*.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Calonectris diomedea</i> Cagarra	N	2001	5773	5773	B	A4ii, B1ii, B2, C2
<i>Sterna dougalli</i> Gaivina-rosada	N	2000	138	138	A	A4i, B1i, B2, C2
<i>Serinus canaria</i> Canário-da-terra	R	1996	comum		-	B3

Protecção legal

Nacional: Área Protegida Vulcão dos Capelinhos/Reserva Florestal Natural dos Capelinhos

Internacional: ZPE Caldeira e Capelinhos; SIC Caldeira e Capelinhos.

Conservação

Os predadores terrestres introduzidos (cães e gatos ferais, ratos e furões) limitam provavelmente a nidificação da maioria das aves marinhas. Em 1998 foi detectada a predação por gatos ferais na colónia mista de gaivinas existente nos Capelinhos, o seu impacto foi de tal forma que no ano seguinte apenas 2 casais de Gaivina-comum nidificaram nesta colónia. A captura de Cagarra e de outros procelariformes ocorre em pequena escala. A invasão por plantas exóticas, como a Cana *Arundo donax*, resultou na perda de habitat de nidificação disponível para os procelariformes. A perturbação humana causada por actividades de lazer não autorizadas causa forte perturbação junto das colónias de *Sterna* sp. A ausência de protecção das ZPE por diploma legal diminui a

eficácia de medidas minimizadoras dos impactos e da vigilância existente. Encontra-se em fase de finalização um plano de gestão para a ZPE da “Costa Nordeste”.

Ameaças: Introdução de plantas/animais (A), Perturbação (A), Recreio/Turismo (A), Exploração não sustentável (C).

Referências

Del Nevo *et al.* (1990), Monteiro & Groz (1999), Monteiro *et al.* (1998, 1999, inédito), Pereira *et al.* (2000), Rodrigues & Nunes (2002)

BAÍA DO VARADOURO

Código: PT055

Açores: Horta

Coordenadas geográficas: 38°33'N 28°45'W

Área: 111 ha

Altitudes: 0-260 m

Critérios

A4ii (*Calonectris diomedea*)

B1ii (*Calonectris diomedea*)

B2 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*)

C2 (*Calonectris diomedea*)

Descrição do sítio

A zona é constituída por duas zonas: zona a Este do Morro de Castelo Branco - falésia rochosa de difícil acesso que atinge cerca de 50 m de altitude, com muitas reentrâncias e cavidades; e a zona a Oeste do Morro (Baía do Varadouro), uma falésia que vai aumentando de altitude, atingindo mais de 200m. Nesta Baía a encosta tem mato macaronésico e vegetação vivaz das costas de calhaus rolados, além de muitas cavidades e reentrâncias. A faixa classificada vai desde a beira mar até ao rebordo da falésia.

Habitats: matos (matos macaronésicos), áreas rochosas (falésias rochosas, áreas com cascalho), vegetação exótica/introduzida

Uso do solo: agricultura; conservação da natureza e investigação; turismo/recreio; sem utilização

Importância ornitológica

Esta zona é particularmente importante para as aves marinhas nidificantes, com destaque para a Cagarra *Calonectris diomedea*.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Calonectris diomedea</i> Cagarra	N	2001	2324	2324	B	A4ii, B1ii, B2, C2

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: SIC Ponta do Varadouro; SIC Morro de Castelo Branco.

Conservação

Os predadores terrestres introduzidos (cães e gatos ferais, ratos e furões) limitam provavelmente a nidificação da maioria das aves marinhas. Em 1998 foi detectada a predação por gatos ferais na colónia mista de garajaus existente nos Capelinhos, o seu impacto foi de tal forma que no ano seguinte apenas 2 casais de Gaivina-comum nidificaram nesta colónia. A invasão por plantas exóticas, como a Cana *Arundo donax*, resultou na perda de habitat de nidificação disponível para os procelariiformes. A perturbação humana causada por actividades de lazer não autorizadas causa forte perturbação e destruição do habitat. A ausência de protecção dos SICs por diploma legal nacional/regional diminui a eficácia de medidas minimizadoras dos impactos e da vigilância existente.

Ameaças: Introdução de plantas/animais, Perturbação (A), Recreio/Turismo (A), Exploração não sustentável (C).

Referências

Del Nevo *et al.* (1990), Monteiro & Groz (1999), Monteiro *et al.* (1998, 1999, inédito), Pereira *et al.* (2000), Rodrigues & Nunes (2002)

RIBEIRINHA

Código: PT056

Açores: Horta

Coordenadas geográficas: 38°37'N 28°38'W

Área: 91 ha

Altitudes: 0-190 m

Critérios

A4i (*Sterna dougallii*)

A4ii (*Calonectris diomedea*)

B1i (*Sterna dougallii*)

B1ii (*Calonectris diomedea*)

B2 (*Calonectris diomedea*, *Sterna dougallii*)

C2 (*Calonectris diomedea*, *Sterna dougallii*)

Descrição do sítio

A IBA segue ao longo da costa numa faixa que vai desde a beira mar até ao rebordo da falésia, com muitas reentrâncias e zonas argilosas, além de algum calhau rolado. Os habitats representados são os matos macaronésicos endémicos, a vegetação vivaz das costas de calhau rolado, e vegetação das costas macaronésicas.

Habitats: matos (matos macaronésicos), áreas rochosas (falésias rochosas, áreas com cascalho); vegetação exótica/introduzida

Uso do solo: sem utilização

Importância ornitológica

Esta zona é importante para as aves marinhas nidificantes.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Calonectris diomedea</i> Cagarra	N	2001	3688	3688	B	A4ii, B1ii, B2, C2
<i>Sterna dougallii</i> Gaivina-rosada	N	2000	46	46	A	A4i, B1i, B2, C2

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: nenhuma

Conservação

Os predadores terrestres introduzidos (cães e gatos ferais, ratos e furões) limitam provavelmente a nidificação da maioria das aves marinhas. A invasão por plantas exóticas, como a Cana *Arundo donax*, resultou na perda de habitat de nidificação disponível para os procelariformes. A perturbação humana causada por actividades de lazer não autorizadas causa forte perturbação e destruição do habitat.

Ameaças: Introdução de plantas/animais (B), Perturbação (B), Fenómenos naturais (B).

Referências

Del Nevo *et al.* (1990), Monteiro & Groz (1999), Monteiro *et al.* (1998, 1999, inédito), Pereira *et al.* (2000), Rodrigues & Nunes (2002)

LOMBA GRANDE

Código: PT057

Açores: Horta

Coordenadas geográficas: 38°35'N 28°38'W

Área: 265 ha

Altitudes: 140-543m

Critérios

C2 (*Columba palumbus azorica*)

C6 (*Columba palumbus azorica*)

Descrição do sítio

A IBA é constituída por uma zona de lomba com vegetação densa, florestal, designadamente floresta laurissilva, além de matos macaronésicos. Apresenta ainda algumas turfeiras de cobertura.

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de folha persistente); matos (matos macaronésicos), vegetação exótica/introduzida

Uso do solo: Agricultura

Importância ornitológica

Esta zona é uma das mais importantes para o Pombo-toraz dos Açores *Columba palumbus azorica*.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Columba palumbus azorica</i> Pombo-toraz dos Açores	R	-	-	-	C	C2, C6

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: nenhuma

Conservação

O habitat encontra-se em estado crítico devido à constante destruição da vegetação e à introdução de espécies exóticas, realçando-se a elevada densidade de *Pittosporum undulatum*. Não existem quaisquer censos de Pombo-toraz *C. p. azorica* até ao momento, tendo a selecção do local sido baseada na qualidade do habitat para a nidificação da espécie.

Ameaças: Introdução de plantas/animais (A)

Referências

Rodrigues & Nunes (2002)

CABEÇO DO FOGO

Código: PT058

Açores: Horta

Coordenadas geográficas: 38°35'N 28°46'W

Área: 995 ha

Altitudes: 110-940m

Critérios

B3 (*Serinus canaria*)

C2 (*Columba palumbus azorica*)

C6 (*Columba palumbus azorica*)

Descrição do sítio

Esta IBA é constituída por diversos cabeços nos quais ocorrem algumas manchas de vegetação nativa, designadamente matos macaronésicos, floresta laurissilva, florestas macaronésicas de *Juniperus*, e alguma turfeiras de cobertura.

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de folha persistente); matos (matos macaronésicos), vegetação exótica/introduzida

Uso do solo: Agricultura, Turismo/recreio, Conservação da natureza e investigação

Importância ornitológica

Esta zona é importante para a nidificação de Pombo-torcaz dos Açores. Ocorrem aqui também diversos passeriformes com características subespecíficas do Arquipélago dos Açores.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Columba palumbus azorica</i> Pombo-torcaz dos Açores	R	-	-	-	C	C2, C6
<i>Serinus canaria</i> Canário-da-terra	R	-	Comum		-	B3

Protecção legal

Nacional: Reserva Florestal Natural Parcial do Cabeço do Fogo

Internacional: ZPE Caldeira e Capelinhos; SIC Caldeira e Capelinhos.

Conservação

Os habitats nativos existentes estão relativamente bem conservados, embora se observe uma contínua destruição da vegetação nativa. Não existem quaisquer censos de *C. p. azorica* até ao momento, tendo a selecção do local sido baseada na qualidade do habitat para nidificação da espécie. Os vazamentos de entulhos são um factor de perturbação considerável nesta área.

Ameaças: Florestação (A), Introdução de plantas/animais (A), Outras (B)

Referências

Rodrigues & Nunes (2002)

ILHÉU DE BAIXO E COSTA ADJACENTE

Código: PT059 (antiga QQ007)

Açores: Santa Cruz da Graciosa

Coordenadas geográficas: 39°01'N 27°57'W

Área: 74 ha

Altitudes: 0-150 m

Critérios

A4i (*Sterna dougallii*)

A4ii (*Calonectris diomedea*, *Oceanodroma castro*)

B1i (*Sterna dougallii*)

B1ii (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Oceanodroma castro*)

B2 (*Bulweria bulwerii*, *Puffinus assimilis*, *Oceanodroma castro*, *Sterna dougallii*)

C2 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Oceanodroma castro*, *Sterna dougallii*)

C6 (*Bulweria bulwerii*, *Oceanodroma castro*)

Descrição do sítio

A IBA inclui uma parte da faixa costeira na zona do Carapacho e do farol da Restinga. O habitat é essencialmente constituído por falésias com vegetação das costas macaronésicas e vegetação vivaz das costas de calhaus rolados. A IBA compreende uma faixa desde a beira mar até ao rebordo da falésia. Inclui o Ilhéu de Baixo, cuja vegetação é constituída essencialmente por vegetação vivaz de calhaus rolados e nas falésias por vegetação das costas macaronésicas.

Habitats: matos (matos macaronésicos), áreas rochosas (falésias rochosas, ilhéus rochosos, áreas com cascalho), vegetação exótica/introduzida

Uso do solo: Conservação da natureza e investigação, Turismo/recreio

Importância ornitológica

Esta zona é particularmente importante para as aves marinhas nidificantes, incluindo uma das maiores concentrações de Roquinho *Oceanodroma castro* nos Açores e uma importante colónia de Gaivina-rosada *Sterna dougallii*. No Ilhéu de Baixo nidificam duas populações distintas em dois períodos distintos do ano.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Calonectris diomedea</i> Cagarra	N	2001	2463	2463	B	A4ii, B1ii, C2
<i>Puffinus assimilis</i> Pintainho	N	1997	50	50	B	B1ii, B2, C2
<i>Oceanodroma castro</i> Roquinho	N	1997	300	300	B	A4ii, B1ii, B2, C2, C6
<i>Sterna dougallii</i> Gaivina-rosada	N	2000	163	163	A	A4i, B1i, B2, C2, C6

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: ZPE Ilhéu de Baixo; SIC Ilhéu de Baixo e Restinga.

Conservação

O Ilhéu de Baixo encontra-se sob pressão reduzida das actividades de recreio da população local. Juvenis e adultos de Cagarra *Calonectris diomedea* são regularmente capturados pelos pescadores. Na zona costeira, os predadores terrestres introduzidos (cães e gatos ferais, ratos e mustelídeos) limitam provavelmente a nidificação da maioria das aves marinhas, especialmente os procelariformes mais pequenos e mais vulneráveis que nidificam em cavidades no solo ou no cascalho. A invasão por plantas exóticas, como a Cana *Arundo donax*, resultou na perda de habitat de nidificação disponível para os procelariformes. A ausência de diploma legal das ZPE por diploma legal nacional/regional diminui a eficácia de medidas minimizadoras dos impactos e da vigilância existente. Encontra-se em fase de finalização um plano de gestão para a ZPE Ilhéu de Baixo.

Ameaças: Introdução de plantas/animais (B), Perturbação (B), Recreio/turismo (A).

Referências

Del Nevo *et al.* (1990), Monteiro & Groz (1999), Monteiro *et al.* (1998, 1999, inédito), Pereira *et al.* (2000), Rodrigues & Nunes (2002)

ILHÉU DA PRAIA

Código: PT060 (antiga QQ007)

Açores: Santa Cruz da Graciosa

Coordenadas geográficas: 39°03'N 27°57'W

Área: 11 ha

Altitudes: 0-57m

Critérios

A4i (*Sterna hirundo*)

A4ii (*Oceanodroma castro*)

B1i (*Sterna hirundo*)

B1ii (*Puffinus assimilis*, *Oceanodroma castro*)

B2 (*Bulweria bulwerii*, *Puffinus assimilis*, *Oceanodroma castro*, *Sterna dougallii*, *Sterna hirundo*)

C2 (*Puffinus assimilis*, *Oceanodroma castro*, *Sterna dougallii*, *Sterna hirundo*)

C6 (*Bulweria bulwerii*, *Oceanodroma castro*)

Descrição do sítio

A IBA é constituída por um ilhéu escarpado a norte com vegetação herbácea no planalto que cobre a quase totalidade do ilhéu. Áreas de calhau rolado na zona Sudeste.

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de de folha persistente), matos, áreas rochosas (falésias rochosas, ilhéus rochosos, áreas com cascalho), vegetação exótica/introduzida

Uso do solo: agricultura; conservação da natureza e investigação, sem utilização, turismo/recreio, urbano/industrial/transporte

Importância ornitológica

Esta zona é particularmente importante para as aves marinhas nidificantes, incluindo a maior concentração de Roquinho *Oceanodroma castro* nos Açores (existem duas populações nidificantes distintas que nidificam em dois períodos distintos do ano). É o primeiro e único local conhecido na Europa de nidificação de Rabijunco *Phaeton aethereus*. Nos Açores é o único local onde foi escutada a Freira do Bugio *Pterodroma feae* e capturados dois indivíduos com pelada de incubação.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Puffinus assimilis</i> Pintainho	N	1997	50	50	B	B1ii, B2, C2, C6
<i>Oceanodroma castro</i> Roquinho	N	1997	400	500	B	A4ii, B1ii, B2, C2, C6
<i>Sterna dougallii</i> Gaivina-rosada	N	2000	31	31	A	A4i, B1i, B2, C2
<i>Sterna hirundo</i> Gaivina-comum	N	2000	951	951	A	A4i, B1i, B2, C2

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: ZPE Ilhéu da Praia

Conservação

O Ilhéu da Praia encontra-se sob pressão intensa das actividades de recreio da população local. Até recentemente, os juvenis e adultos de Cagarra *Calonectris diomedea* eram capturados pelos pescadores. Os coelhos introduzidos no Ilhéu da Praia tiveram um efeito negativo sobre as cavidades no solo onde nidificam os procelariforme e aceleram a erosão do solo, no entanto após a sua erradicação em 1997, seguida de acções de controlo de erosão, a vegetação recuperou consideravelmente. Têm sido desenvolvidas acções de gestão activa no Ilhéu da Praia e a vigilância e a recuperação do habitat estão em progresso (Programa LIFE). No Ilhéu da Praia têm sido conduzidos estudos sobre a ecologia de aves marinhas. A ausência de diploma legal das ZPE por diploma legal

nacional/regional diminui a eficácia de medidas minimizadoras dos impactos e da vigilância existente. Encontra-se em fase de finalização um plano de gestão para a ZPE “Ilhéu da Praia”

Ameaças: Introdução de plantas/animais (C), Perturbação às Aves (A), Recreio/turismo (A)

Referências

Del Nevo *et al.* (1990), Monteiro & Groz (1999), Monteiro *et al.* (1998, 1999, inédito), Pereira *et al.* (2000), Rodrigues & Nunes (2002)

ILHÉU DA BALEIA E PONTA DA BARCA

Código: PT061

Açores: Santa Cruz da Graciosa

Coordenadas geográficas: 39°05'N 28°03'W

Área: 39 ha

Altitudes: 0-61m

Critérios

A4ii (*Calonectris diomedea*)

B1ii (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*)

B2 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Oceanodroma castro*)

C2 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*)

C6 (*Oceanodroma castro*)

Descrição do sítio

Falésia rochosa de difícil acesso, com diversas reentrâncias e zonas argilosas com cavidades. Calhau rolado junto ao mar. A IBA compreende uma faixa desde a beira mar até ao rebordo da falésia, que apresenta vegetação das costas macaronésicas e vegetação vivaz das costas de calhaus rolados.

Inclui o Ilhéu da Baleia, constituído quase exclusivamente por falésias abruptas com cavidades nas paredes.

Habitats: Áreas rochosas (falésias rochosas; ilhéus rochosos; áreas com cascalho)

Uso do solo: Turismo/recreio

Importância ornitológica

Esta zona é importante para as aves marinhas nidificantes.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Calonectris diomedea</i> Cagarra	N	2001	2745	2745	B	A4i i, B1ii, B2, C2
<i>Puffinus assimilis</i> Pintainho	N	1997	20	40	B	B1ii, B2, C2
<i>Oceanodroma castro</i> Roquinho	N	1997	70	130	B	B2, C6

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: nenhuma

Conservação

Os predadores terrestres introduzidos (cães e gatos ferais, ratos) limitam provavelmente a nidificação da maioria das aves marinhas na zona de falésia. A invasão por plantas exóticas, como a Cana *Arundo donax*, resultou na perda de habitat de nidificação disponível para os procelariformes. A perturbação humana causada por actividades de lazer causa alguma perturbação na zona de falésia. A luz do farol é causa de perturbação para as aves marinhas nidificantes

Ameaças: Introdução de plantas/animais (B), Perturbação (B), Infraestruturas (B)

Referências

Del Nevo *et al.* (1990), Monteiro & Groz (1999), Monteiro *et al.* (1998, 1999, inédito), Pereira *et al.* (2000), Rodrigues & Nunes (2002)

SERRA BRANCA

Código: PT062

Açores: Santa Cruz da Graciosa

Coordenadas geográficas: 39°02'N 28°03'W

Área: 95 ha

Altitudes: 0-250 m

Critérios

A4i (*Sterna dougallii*)

A4ii (*Calonectris diomedea*)

B1i (*Sterna dougallii*)

B1ii (*Calonectris diomedea*)

B2 (*Calonectris diomedea*, *Sterna dougallii*, *Sterna hirundo*)

C2 (*Calonectris diomedea*, *Sterna dougallii*, *Sterna hirundo*)

C6 (*Sterna hirundo*)

Descrição do sítio

Falésia rochosa de difícil acesso, com diversas reentrâncias e zonas argilosas com cavidades. Pouco calhau rolado junto ao mar. A IBA compreende uma faixa desde a beira mar até ao rebordo da falésia, a qual tem vegetação das costas macaronésicas, e vegetação vivaz das costas de calhaus rolados e matos macaronésicos endémicos.

Habitats: Matos, Áreas rochosas (falésias rochosas; ilhéus rochosos; áreas com cascalho)

Uso do solo: Agricultura, Introdução de animais/plantas, Turismo/recreio, Sem utilização

Importância ornitológica

Esta zona é importante para as aves marinhas nidificantes, com particular destaque para a colónia de Gaivina-rosada *Sterna dougallii*.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Calonectris diomedea</i> Cagarra	N	2001	2745	2745	B	A4i i, B1ii, B2, C2
<i>Puffinus assimilis</i> Pintainho	N	1997	20	40	B	B1ii, B2, C2
<i>Oceanodroma castro</i> Roquinho	N	1997	70	130	B	B2, C6

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: SIC Ponta Branca.

Conservação

Os predadores terrestres introduzidos (cães e gatos ferais, ratos) limitam provavelmente a nidificação da maioria das aves marinhas na zona de falésia. A invasão por plantas exóticas, como a Cana *Arundo donax*, resultou na perda de habitat de nidificação disponível para os procelariformes. A perturbação humana causada por actividades de lazer causa alguma perturbação.

Ameaças: Introdução de plantas/animais (B), Turismo /Recreio (C), Fenómenos naturais (C).

Referências

Del Nevo *et al.* (1990), Monteiro & Groz (1999), Monteiro *et al.* (1998, 1999, inédito), Pereira *et al.* (2000), Rodrigues & Nunes (2002)

PONTA DOS ROSAIS - URZELINA

Código: PT063 (antiga QQ005)

Açores: Calheta

Coordenadas geográficas:

Área: 979 ha

Altitudes: 0-450 m

Critérios

A4ii (*Calonectris diomedea*)

A4iii

B1ii (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*)

B2 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*)

C2 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*)

C4

C6 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*)

Descrição do sítio

A IBA estende-se ao longo da costa e é constituída por duas zonas distintas: a zona da Ponta dos Rosais, constituída por falésia alta e argilosa de difícil acesso, com muitas reentrâncias e cavidades e algum calhaus rolado junto ao mar; e a zona da Urzelina: falésia rochosa com cerca de 200m de altura e com calhaus rolado junto ao mar. A IBA compreende uma faixa desde a beira mar até ao rebordo da falésia. De entre os habitats naturais presentes há a destacar a vegetação vivaz das costas dos calhaus rolados, as falésias com vegetação costeira macaronésica e o habitat prioritário “matos macaronésicos endémicos”.

Habitats: matos (matos macaronésicos), áreas rochosas (falésias rochosas, ilhéus rochosos, áreas com cascalho)

Uso do solo: agricultura; Turismo/recreio; Conservação da natureza e pesquisa

Importância ornitológica

Esta zona é particularmente importante para as aves marinhas nidificantes, incluindo a segunda maior concentração de Cagarra nos Açores.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Calonectris diomedea</i> Cagarra	N	1996	27.314	27.314	B	A4ii, B1ii, B2, C2, C6
<i>Puffinus assimilis</i> Pintainho	N	1997	30	65	B	B1ii, B2, C2, C6

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: SIC Ponta dos Rosais.

Conservação

Os predadores terrestres introduzidos (cães e gatos ferais, ratos e mustelídeos) limitam provavelmente a nidificação da maioria das aves marinhas, especialmente os procelariformes mais pequenos e mais vulneráveis que nidificam em cavidades no solo ou no cascalho. A invasão por plantas exóticas, como a Cana *Arundo donax*, resultou na perda de habitat de nidificação disponível para os procelariformes. A ausência de diploma legal das ZPE por diploma legal nacional/regional diminui a eficácia de medidas minimizadoras dos impactos e da vigilância existente.

Ameaças: Introdução de plantas/animais (A)

Referências

Del Nevo *et al.* (1990), Monteiro & Groz (1999), Monteiro *et al.* (1998, 1999, inédito), Pereira *et al.* (2000), Rodrigues & Nunes (2002)

ILHÉU DO TOPO E COSTA ADJACENTE

Código: PT064 (antiga QQ006)

Açores: Calheta

Coordenadas geográficas: 38°34'N 27°47'W

Área: 230 ha

Altitudes: 0-370m

Critérios

A4i (*Sterna dougallii*)

A4ii (*Calonectris diomedea*)

B1i (*Sterna dougallii*)

B1ii (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*)

B2 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Oceanodroma castro*, *Sterna dougallii*)

C2 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Sterna dougallii*)

C6 (*Puffinus assimilis*, *Oceanodroma castro*)

Descrição do sítio

A IBA estende-se ao longo da costa desde a ribeira do Cabeço da Cruz até à Fajã do Nortezinho. Inclui o Ilhéu do Topo, o qual é um ilhéu plano atingindo uma área de cerca de 20 ha envolvida por costa rochosa e costa de calhau rolado. Presentemente, o ilhéu é utilizado para apascentar gado bovino, ovino e caprino. A IBA compreende uma faixa desde a beira mar até ao rebordo da falésia. Os habitats naturais dominantes são as falésias com vegetação das costas macaronésicas, a vegetação vivaz das costas dos calhaus rolados e os matos macaronésicos endémicos.

Habitats: áreas rochosas (falésias rochosas, ilhéus rochosos, áreas com cascalho), matos (matos macaronésicos); vegetação exótica/introduzida

Uso do solo: agricultura; Turismo/recreio; Conservação da natureza e investigação

Importância ornitológica

Esta zona é uma das IBAs mais importantes do arquipélago para as aves marinhas nidificantes, sendo o Ilhéu do Topo uma potencial colónia da população de época fria de Roquinho *Oceanodroma castro*.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Calonectris diomedea</i> Cagarra	N	1996	2.351	2.847	B	B1ii, B2, C2
<i>Puffinus assimilis</i> Pintainho	N	1997	35	75	B	B1ii, B2, C2
<i>Oceanodroma castro</i> Roquinho	N	1997	5	10	B	B2, C6
<i>Sterna dougallii</i> Gaivina-rosada	N	2000	5	5	A	B2
<i>Sterna hirundo</i> Gaivina-comum	N	2000	280	280	A	C6

Protecção legal

Nacional: Reserva Natural Parcial do Ilhéu do Topo

Internacional: ZPE Ilhéu do Topo e Costa Adjacente; SIC Costa Nordeste e Ponta do Topo

Conservação

Gado bovino e caprino estão presentes no Ilhéu do Topo e devem ser removidos para evitar a destruição dos ninhos de procelariformes e de *Sterna* sp. Dentro do sector costeiro da ilha principal, os predadores terrestres introduzidos (cães e gatos ferais, ratos e mustelídeos) limitam provavelmente a nidificação da maioria das aves marinhas, especialmente os procelariformes mais pequenos e mais vulneráveis que nidificam em cavidades no solo ou no cascalho. A invasão por plantas exóticas, como a Cana *Arundo donax*, resultou na perda de habitat de nidificação disponível para os procelariformes. A ausência de diploma legal das ZPE por diploma legal nacional/regional diminui a eficácia de medidas minimizadoras dos impactos e da vigilância existente. Encontra-se em fase de finalização um plano de gestão para a ZPE da “Ilhéu do Topo e Costa Adjacente”.

Ameaças: Intensificação agrícola (C), Introdução de plantas/animais (A), Perturbação (A), Turismo/recreio (B), Fenómenos naturais (C)

Referências

Del Nevo *et al.* (1990), Monteiro & Groz (1999), Monteiro *et al.* (1998, 1999, inédito), Pereira *et al.* (2000), Rodrigues & Nunes (2002)

FAJÃ DAS ALMAS

Código: PT065

Açores: Calheta

Coordenadas geográficas: 38°37'N 28°04'W

Área: 55 ha

Altitudes: 0-300 m

Critérios

A4ii (*Calonectris diomedea*)

B1ii (*Calonectris diomedea*)

B2 (*Calonectris diomedea*)

C2 (*Calonectris diomedea*)

Descrição do sítio

A IBA estende-se ao longo da costa, desde a Ribeira da Fajã das Almas até à ribeira do Pico das Brenhas. A IBA compreende uma faixa desde a beira mar até ao rebordo da falésia. Os habitats naturais dominantes são as falésias com vegetação das costas macaronésicas, a vegetação vivaz das costas dos calhaus rolados e os matos macaronésicos endémicos.

Habitats: áreas rochosas (falésias rochosas, ilhéus rochosos, áreas com cascalho), matos (matos macaronésicos); vegetação exótica/introduzida

Uso do solo: agricultura; Turismo/recreio

Importância ornitológica

Esta zona é importante para a nidificação de Cagarra *Calonectris diomedea*.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Calonectris diomedea</i> Cagarra	N	1996	3812	3812	B	A4ii, B1ii, B2, C2

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: nenhuma

Conservação

Os predadores terrestres introduzidos (cães e gatos ferais, ratos e mustelídeos) limitam provavelmente a nidificação da maioria das aves marinhas, especialmente os procelariformes mais pequenos e mais vulneráveis que nidificam em cavidades no solo ou no cascalho. A invasão por plantas exóticas, como a Cana *Arundo donax*, resultou na perda de habitat de nidificação disponível para os procelariformes. A ausência de diploma legal das ZPE por diploma legal nacional/regional diminui a eficácia de medidas minimizadoras dos impactos e da vigilância existente.

Ameaças: Intensificação agrícola (C), Introdução de plantas/animais (A), Turismo/recreio (C)

Referências

Del Nevo *et al.* (1990), Monteiro & Groz (1999), Monteiro *et al.* (1998, 1999, inédito), Pereira *et al.* (2000), Rodrigues & Nunes (2002)

RAMINHO – PESQUEIRO VELHO

Código: PT066 (parte antiga QQ008)
Açores: Angra do Heroísmo
Coordenadas geográficas: 38°48'N 27°14'W
Área: 71 ha
Altitudes: 0-153 m

Critérios

B1ii (*Calonectris diomedea*)
B2 (*Calonectris diomedea*)
C2 (*Calonectris diomedea*)

Descrição do sítio

A IBA é constituída por duas zonas: a zona do Raminho, que se estende ao longo da costa desde a foz da Grota do Trancão até à Ribeira da Luz, desde a beira mar até ao rebordo da falésia; e a zona do Pesqueiro Velho, que vai desde ao lado Oeste do calhau da Lagoa até à Ribeira Seca. As falésias compreendem essencialmente vegetação das costas macaronésicas e vegetação vivaz das costas de calhaus rolados.

Habitats: matos (matos macaronésicos), áreas rochosas (falésias rochosas, ilhéus rochosos, áreas com cascalho), vegetação exótica/introduzida

Uso do solo: agricultura, sem utilização, turismo/recreio

Importância ornitológica

Esta zona é particularmente importante para a nidificação de Cagaras *Calonectris diomedea* na Ilha Terceira.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Calonectris diomedea</i> Cagarra	N	2001	2589	2589	B	B1ii, B2, C2

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: SIC Costa das Quatro Ribeiras; SIC Serra de Santa Bárbara e Pico Alto

Conservação

Os predadores terrestres introduzidos (cães e gatos ferais, ratos e mustelídeos) limitam provavelmente a nidificação da maioria das aves marinhas, especialmente os procelariformes mais pequenos e mais vulneráveis que nidificam em cavidades no solo ou no cascalho. A invasão por plantas exóticas, como a Cana *Arundo donax*, resultou na perda de habitat de nidificação disponível para os procelariformes. A intensificação da actividade agrícola e a sua expansão pode ter resultado na perda de habitat de nidificação. A ausência de diploma legal das ZPE por diploma legal nacional/regional diminui a eficácia de medidas minimizadoras dos impactos e da vigilância existente.

Ameaças: Intensificação agrícola (U), Introdução de plantas/animais (A), Turismo /recreio (C), Perturbação (A), Fenómenos naturais (C)

Referências

Del Nevo *et al.* (1990), Monteiro & Groz (1999), Monteiro *et al.* (1998, 1999, inédito), Pereira *et al.* (2000), Rodrigues & Nunes (2002)

CONTENDAS

Código: PT067 (parte da antiga QQ009)
Açores: Angra do Heroísmo
Coordenadas geográficas: 38°39'N 27°05'W
Área: 90 ha
Altitudes: 0-80 m

Critérios

A4i (*Sterna dougallii*)
B1i (*Sterna dougallii*)
B2 (*Sterna dougallii*)
C2 (*Sterna dougallii*)
C6 (*Sterna dougallii*, *Sterna hirundo*)

Descrição do sítio

A IBA compreende a zona da Baía das Contendas e a baía a Norte desta, incluindo o ilhéu da Mina e a falésia para ambos os lados das duas falésias. De entre os habitats presentes de salientar as falésias com vegetação das costas macaronésicas e a vegetação vivaz das costas macaronésicas.

Habitats: matos (matos macaronésicos), áreas rochosas (falésias rochosas, ilhéus rochosos, áreas com cascalho)

Uso do solo: conservação da natureza e investigação (30%), turismo/recreio

Importância ornitológica

Esta zona é particularmente importante para as aves marinhas nidificantes, albergando a maior colónia de Gaivina-rosada *Sterna dougallii* do Arquipélago dos Açores, nos últimos anos.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Sterna dougallii</i> Gaivina-rosada	N	2000	188	188	A	A4i, B1i, B2, C2, C6
<i>Sterna hirundo</i> Gaivina	N	2000	560	560	A	C6

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: ZPE Ponta das Contendas

Conservação

Vandalismo e actividades de recreio causam forte perturbação junto das colónias de *Sterna* sp, nomeadamente na Ponta das Contendas. Mais de 100 ovelhas foram introduzidas em 1995 no Ilhéu das Cabras. Encontra-se em fase de finalização um plano de gestão para as ZPE Ponta das Contendas. A ausência de diploma legal das ZPE por diploma legal nacional/regional diminui a eficácia de medidas minimizadoras dos impactos e da vigilância existente.

Ameaças: Introdução de plantas/animais (C), Perturbação (A), Recreio/turismo (A)

Referências

Del Nevo *et al.* (1990), Monteiro & Groz (1999), Monteiro *et al.* (1998, 1999, inédito), Pereira *et al.* (2000), Rodrigues & Nunes (2002)

ILHÉU DA VILA

Código: PT068 (antiga QQ014)

Açores: Vila do Porto

Coordenadas geográficas: 36°56'N 25°10'W

Área: 8 ha

Altitudes: 0-52 m

Critérios

A4i (*Sterna dougallii*)

A4ii (*Oceanodroma castro*)

B1i (*Sterna dougallii*)

B1ii (*Puffinus assimilis*, *Oceanodroma castro*)

B2 (*Bulweria bulwerii*, *Puffinus assimilis*, *Oceanodroma castro*, *Sterna dougallii*)

C2 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Oceanodroma castro*, *Sterna dougallii*, *Sterna hirundo*)

C6 (*Bulweria bulwerii*, *Oceanodroma castro*, *Sterna dougallii*, *Sterna hirundo*)

Descrição do sítio

O Ilhéu da Vila é um ilhéu rochoso de basalto, com acentuados declives e falésias. No seu topo e nas falésias a rocha é coberta por solo, que alberga plantas anuais características das comunidades costeiras dos Açores e de entre as quais se destacam as espécies *Lotus azoricus*, *Myosotis maritima* e *Spergularia azorica*. O ilhéu é desabitado, sendo no entanto visitado regularmente por pescadores e ocasionalmente pelos turistas. O ilhéu foi usado para criar gado até 1993. No primeiro inventário das IBAs este sítio incluía a costa adjacente, mas presentemente este sector não suporta números de aves que justifiquem a classificação de acordo com os critérios revistos.

Habitats: Prados, áreas rochosas (falésias rochosas, ilhéus rochosos, áreas com cascalho)

Uso do solo: Conservação da natureza e investigação, Turismo/recreio

Importância ornitológica

Esta zona é particularmente importante para as aves marinhas, reunindo todas as espécies que nidificam regularmente nos Açores, excepto Fura-bucho do Atlântico *Puffinus puffinus*. É o único local conhecido de nidificação de Alma-negra *Bulweria bulwerii* nos Açores, embora existam registos de ocorrência desta espécie noutras zonas. A mesma situação ocorre com a Gaivina-de-dorso-preto *Sterna fuscata*, constituindo, juntamente com as Selvagens, no Arquipélago da Madeira, os únicos locais conhecidos de nidificação da espécie na Europa. Em alguns anos, nidificou também neste ilhéu a maior colónia de Gaivina-comum *Sterna hirundo* dos Açores.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Bulweria bulwerii</i> Alma-negra	N	1997	50	50	B	B2, C6
<i>Puffinus assimilis</i> Pintainho	N	1997	50	50	B	B1ii, B2, C2
<i>Oceanodroma castro</i> Roquinho	N	1997	150	250	B	A4ii, B1ii, B2, C6
<i>Sterna dougallii</i> Gaivina-rosada	N	2000	236	236	A	A4i, B1i, B2, C2, C6
<i>Sterna hirundo</i> Gaivina	N	2000	1025	1025	A	

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: ZPE Ilhéu da Vila e Costa Adjacente

Conservação

As cabras foram erradicadas do ilhéu em 1993. Os juvenis e adultos de Cagarra *Calonectris diomedea* são regularmente capturados pelos pescadores. No Ilhéu da Vila têm sido conduzidos estudos sobre a ecologia de aves marinhas, e encontra-se em fase de finalização um plano de gestão para a ZPE Ilhéu da Vila e Costa Adjacente. A ausência de diploma legal das ZPE por diploma legal

nacional/regional diminui a eficácia de medidas minimizadoras dos impactos e da vigilância existente.

Ameaças: Perturbação das aves (A), turismo/recreio (B)

Referências

Del Nevo *et al.* (1990), Monteiro & Groz (1999), Monteiro *et al.* (1998, 1999, inédito), Pereira *et al.* (2000), Rodrigues & Nunes (2002)

ILHÉU DAS LAGOINHAS E COSTA ADJACENTE

Código: PT069 (parte antiga QQ015)
Açores: Vila do Porto
Coordenadas geográficas: 37°00'N 25°05'W
Área: 210 ha
Altitudes: 0-250 m

Critérios

A4i (*Sterna dougallii*)
A4ii (*Calonectris diomedea*)
B1i (*Sterna dougallii*)
B1ii (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*)
B2 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Sterna dougallii*)
C2 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Sterna dougallii*)
C6 (*Sterna dougallii*)

Descrição do sítio

A IBA é constituída pelo Ilhéu das Lagoinhas e restantes ilhéus e rochedos em redor, assim como por uma zona ao longo da costa que vai desde a beira mar até ao rebordo da falésia. Esta tem muitas grutas e reentrâncias, alcançado por vezes mais de 200m de altura. Os principais habitats são matos macaronésicos, vegetação vivaz das costas de calhaus rolados e falésias com vegetação das costas macaronésicas.

Habitats: matos (matos macaronésicos), áreas rochosas (falésias rochosas, áreas com cascalho), vegetação exótica/introduzida

Uso do solo: agricultura; conservação da natureza e investigação; turismo/recreio

Importância ornitológica

Esta zona é particularmente importante para as aves marinhas nidificantes.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Calonectris diomedea</i> Cagarra	N	2001	2324	2324	B	A4ii, B1ii, B2, C2
<i>Puffinus assimilis</i> Pintainho	N	1997	35	70	B	B1ii, B2, C2
<i>Sterna dougallii</i> Gaivina-rosada	N	2000	248	248	A	A4i, B1i, B2, C2, C6

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: nenhuma

Conservação

Os predadores terrestres introduzidos (cães e gatos ferais, ratos e furões) limitam provavelmente a nidificação da maioria das aves marinhas na falésia. A invasão por plantas exóticas, como a Cana *Arundo donax*, resultou na perda de habitat de nidificação disponível para os procelariformes. A perturbação humana causada por actividades de lazer causa alguma perturbação e destruição do habitat.

Ameaças: Introdução de plantas/animais (C), Perturbação (C), Recreio/Turismo (C),

Referências

Del Nevo *et al.* (1990), Monteiro & Groz (1999), Monteiro *et al.* (1998, 1999, inédito), Pereira *et al.* (2000), Rodrigues & Nunes (2002)

PONTA DA MALBUSCA E PONTA DO CASTELETE

Código: PT070 (parte da antiga QQ015)

Açores: Vila do Porto

Coordenadas geográficas: 36°57'N 25°02'W

Área: 128 ha

Altitudes: 0-300 m

Critérios

A4ii (*Calonectris diomedea*)

B1ii (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*)

B2 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Oceanodroma castro*)

C2 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Oceanodroma castro*)

C6 (*Oceanodroma castro*, *Puffinus assimilis*)

Descrição do sítio

A IBA é constituída por duas zonas, ambas sendo uma faixa ao longo da costa desde a beira mar até ao rebordo da falésia.. A zona da Ponta da Malbusca, desde a Ribeira da Malbusca até ao porto da Ponta do Castelo. E a zona da Ribeira de Santo António – Ribeira Grande, desde a Ribeira de Santo António até à Ribeira do Guilherme. As falésias são de difícil acesso, com mais de 200m de altura e com diversas reentrâncias. Os principais habitats são vegetação vivaz das costas de calhaus rolados e falésias com vegetação das costas macaronésicas.

Habitats: áreas rochosas (falésias rochosas, áreas com cascalho), vegetação exótica/introduzida

Uso do solo: agricultura; conservação da natureza e investigação; turismo/recreio

Importância ornitológica

Esta zona é particularmente importante para a Cagarra *Calonectris diomedea* e Pintainho *Puffinus assimilis*, registando-se um número considerável de Roquinho *Oceanodroma castro* no contexto regional.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Calonectris diomedea</i> Cagarra	N	2001	3409	3409	B	A4ii, B1ii, B2, C2
<i>Puffinus assimilis</i> Pintainho	N	1997	40	80	B	B1ii, B2, C2, C6
<i>Oceanodroma castro</i> Roquinho	N	1997	20	40	B	B2, C2, C6

Protecção legal

Nacional: Reserva Natural da Baía da Maia

Internacional: SIC Ponta do Castelo

Conservação

Os predadores terrestres introduzidos (cães e gatos ferais, ratos e furões) limitam provavelmente a nidificação da maioria das aves marinhas. A invasão por plantas exóticas, como a Cana *Arundo donax*, resultou na perda de habitat de nidificação disponível para os procelariformes. A perturbação humana causada por actividades de lazer causa alguma perturbação e destruição do habitat.

Ameaças: Introdução de plantas/animais (C), Perturbação (C), Recreio/Turismo (C)

Referências

Del Nevo *et al.* (1990), Monteiro & Groz (1999), Monteiro *et al.* (1998, 1999, inédito), Pereira *et al.* (2000), Rodrigues & Nunes (2002)

COSTA SUDESTE DO PICO

Código: PT071

Açores: São Roque do Pico, Lajes do Pico

Coordenadas geográficas: 38°24'N 28°13'W

Área: 209 ha

Altitudes: 0-150 m

Critérios

B1ii (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*)

B2 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*)

C2 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*)

Descrição do sítio

Esta IBA engloba quatro zonas distintas, todas constituídas por faixas costeiras desde a beira mar até ao rebordo das falésias. A zona da Silveira e a zona do Mistério de São João, com cerca de 50 m de altura, e as zonas de Arrife e de Ribeiras, com falésias de maior altitude. A zona da Silveira estende-se entre as ribeiras do Soldão e do Cabo. A zona do Mistério de São João vai desde a Ribeira dos Biscoitos até à Ribeira da Borda do Mistério. Os principais habitats destas zonas são matos macaronésicos endémicos e falésia com vegetação vivaz das costas macaronésicas.

Habitats: matos (matos macaronésicos), áreas rochosas (falésias rochosas, ilhéus rochosos, áreas com cascalho), vegetação exótica/introduzida

Uso do solo: agricultura; turismo/recreio

Importância ornitológica

Esta zona é particularmente importante para o Pintainho *Puffinus assimilis* e a Cagarra *Calonectris diomedea*.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Calonectris diomedea</i> Cagarra	N	1996	14157	14157	B	B1ii, B2, C2
<i>Puffinus assimilis</i> Pintainho	N	1997	20	45	B	B1ii, B2, C2

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: nenhuma

Conservação

Os predadores terrestres introduzidos (cães e gatos ferais, ratos e furões) limitam provavelmente a nidificação da maioria das aves marinhas, especialmente os procelariiformes mais pequenos e mais vulneráveis que nidificam em cavidades no solo ou no cascalho ilhéus. A invasão por plantas exóticas, como a Cana *Arundo donax*, resultou na perda de habitat de nidificação disponível para os procelariiformes.

Ameaças: Introdução de plantas/animais (B), Perturbação das aves (C), Recreio/turismo (B)

Referências

Del Nevo *et al.* (1990), Monteiro & Groz (1999), Monteiro *et al.* (1998, 1999, inédito), Pereira *et al.* (2000), Rodrigues & Nunes (2002)

PONTA DA ILHA E TERRA ALTA

Código: PT072 (parte da antiga QQ004)
Açores: São Roque do Pico, Lajes do Pico
Coordenadas geográficas: 38°26'N 28°04'W
Área: 194 ha
Altitudes: 0-150m

Critérios

A4i (*Sterna dougallii*)
B1i (*Sterna dougallii*)
B2 (*Sterna dougallii*)
C2 (*Sterna dougallii*)

Descrição do sítio

A IBA é constituída por duas zonas. A zona da Terra Alta é uma faixa costeira que se encontra entre a beira mar e o rebordo da falésia, desde o Porto da Baixa até à Ribeira das Gramelas, sendo uma escarpa com mato macaronésico no topo, com muitas grutas e reentrâncias. A zona da Ponta da Ilha vai desde a Baía da Fonte até à zona do marco geodésico do Castelete Norte, e é constituída por uma zona costeira de escoadas lávicas, praias de rocha e ilhéus.

Habitats: matos (matos macaronésicos), áreas rochosas (falésias rochosas, ilhéus rochosos, áreas com cascalho), vegetação exótica/introduzida

Uso do solo: agricultura; turismo/recreio, conservação da natureza/investigação

Importância ornitológica

Esta zona é particularmente importante para a Gaivina-rosada *Sterna dougallii* mas também ocorre a Cagarra *Calonectris diomedea* e o Pintainho *Puffinus assimilis* em números interessantes.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Sterna dougallii</i> Gaivina-rosada	N	2000	20	-	A	A4i, B1i, B2, C2

Protecção legal

Nacional: ZPE Ponta da Ilha

Internacional: ZPE Ponta da Ilha; SIC Ponta da Ilha..

Conservação

Os predadores terrestres introduzidos (cães e gatos ferais, ratos e furões) limitam a nidificação da maioria das aves marinhas, especialmente os procelariiformes mais pequenos e mais vulneráveis que nidificam em pequeno números em cavidades no solo ou no cascalho e as colónias de garajaus que não se encontrem isoladas (por exemplo, em ilhéus). Verificaram-se episódios de predação por gatos ferais na colónia da Ponta da Ilha. A invasão por plantas exóticas, como a Cana *Arundo donax*, resultou na perda de habitat de nidificação disponível para os procelariiformes. Ocorre apanha de ovos de procelariiformes. A ausência de diploma legal das ZPE por diploma legal nacional/regional diminui a eficácia de medidas minimizadoras dos impactos e da vigilância existente.

Ameaças: Intensificação agrícola (C), Introdução de plantas/animais (A), Turismo/recreio (C)

Referências

Del Nevo *et al.* (1990), Monteiro & Groz (1999), Monteiro *et al.* (1998, 1999, inédito), Pereira *et al.* (2000), Rodrigues & Nunes (2002)

MISTÉRIO DA PRAINHA

Código: PT073

Açores: São Roque do Pico

Coordenadas geográficas: 38°30'N 28°15'W

Área: 73 ha

Altitudes: 0-70m

Critérios

B1ii (*Puffinus assimilis*)

B2 (*Puffinus assimilis*)

C2 (*Puffinus assimilis*)

Descrição do sítio

A IBA é constituída por uma zona de escoada lávica com mato macaronésico que, junto ao mar, termina numa falésia rochosa.

Habitats: matos (matos macaronésicos), áreas rochosas (falésias rochosas, ilhéus rochosos, áreas com cascalho), vegetação exótica/introduzida

Uso do solo: conservação da natureza/investigação

Importância ornitológica

Esta zona é particularmente importante para o Pintainho *Puffinus assimilis*.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Puffinus assimilis</i> Pintainho	N	1997	25	55	B	B1ii, B2, C2

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: nenhuma

Conservação

Os predadores terrestres introduzidos (cães e gatos ferais, ratos e furões) limitam provavelmente a nidificação da maioria das aves marinhas, especialmente os procelariformes mais pequenos e mais vulneráveis que nidificam em pequenos números em cavidades no solo. A invasão por plantas exóticas, como a Cana *Arundo donax*, resultou na perda de habitat de nidificação disponível para os procelariformes. A ausência de diploma legal das ZPE por diploma legal nacional/regional diminui a eficácia de medidas minimizadoras dos impactos e da vigilância existente.

Ameaças: Intensificação agrícola (C), Introdução de plantas/animais (A), Turismo/recreio (C)

Referências

Del Nevo *et al.* (1990), Monteiro & Groz (1999), Monteiro *et al.* (1998, 1999, inédito), Pereira *et al.* (2000), Rodrigues & Nunes (2002)

FURNAS - SANTO ANTÓNIO

Código: PT074 (parte da antiga QQ004)
Açores: São Roque do Pico
Coordenadas geográficas: 38°33'N 28°21'W
Área: 53 ha
Altitudes: 0-80 m

Critérios

A4i (*Sterna dougallii*)
A4ii (*Calonectris diomedea*)
B1i (*Sterna dougallii*)
B1ii (*Calonectris diomedea*)
B2 (*Calonectris diomedea*, *Sterna dougallii*)
C2 (*Calonectris diomedea*, *Sterna dougallii*)

Descrição do sítio

A IBA é constituída por uma falésia rochosa e pelos ilhéus onde nidificam gaivinas *Sterna* sp. Os habitats mais relevantes são vegetação vivaz das costas de calhaus rolados e das falésias com vegetação das costas macaronésias.

Habitats: áreas rochosas (falésias rochosas, ilhéus rochosos, áreas com cascalho), vegetação exótica/introduzida

Uso do solo: agricultura; Turismo/recreio; conservação da natureza /investigação; urbano/industrial/transporte

Importância ornitológica

Esta zona é particularmente importante para a Gaivina-rosada *Sterna dougallii*.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Calonectris diomedea</i> Cagarra	N	2000	4240	4240	B	A4ii, B1ii, B2, C2
<i>Sterna dougallii</i> Gaivina-rosada	N	2000	50	50	A	A4i, B1i, B2, C2

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: ZPE Furnas - Santo António

Conservação

Os predadores terrestres introduzidos (cães e gatos ferais, ratos e furões) limitam provavelmente a nidificação da maioria das aves marinhas, especialmente os procelariformes mais pequenos e mais vulneráveis que nidificam em cavidades no solo ou no cascalho e as colónias de garajaus que não se encontrem isoladas (por exemplo, em ilhéus). A invasão por plantas exóticas, como a Cana *Arundo donax*, resultou na perda de habitat de nidificação disponível para os procelariformes. A perturbação humana causada por actividades de lazer nas Furnas de Santo António ameaçam a colónia de *Sterna dougallii*. A ausência de diploma legal das ZPE na legislação nacional/regional diminui a eficácia de medidas minimizadoras dos impactos e da vigilância existente.

Ameaças: Introdução de plantas/animais (A), Perturbação (A), Recreio/turismo (A), Exploração não sustentável (B)

Referências

Del Nevo *et al.* (1990), Monteiro & Groz (1999), Monteiro *et al.* (1998, 1999, inédito), Pereira *et al.* (2000), Rodrigues & Nunes (2002)

ZONA CENTRAL DO PICO

Código: PT075

Açores: São Roque do Pico, Lajes do Pico

Coordenadas geográficas: 38°28'N 28°19'W

Área: 5.832 ha

Altitudes: 200-1100m

Critérios

B3 (*Serinus canaria*)

C2 (*Columba palumbus azorica*)

C6 (*Columba palumbus azorica*)

Descrição do sítio

A IBA é constituída por uma zona interior da ilha do Pico, com uma elevada diversidade de habitats, como floresta e matas, matos macaronésicos endémicos, Laurissilva dos Açores, Turfeiras, charnecas alpinas e subalpinas.

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de folha persistente); matos (matos macaronésicos), vegetação exótica/introduzida

Uso do solo: Agricultura, Turismo/recreio; Conservação da natureza/investigação

Importância ornitológica

Esta zona é importante para o Pombo-torçaz dos Açores *Columba palumbus azorica*.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Columba palumbus azorica</i> Pombo-torçaz dos Açores	R	-	-	-	C	C2, C6
<i>Serinus canaria</i> Canário-da-terra	R	-	comum		-	B3

Protecção legal

Nacional: Reserva Florestal Natural Parcial do Mistério da Prainha; Reserva Florestal Natural Parcial Lagoa do Caiado; Reserva Florestal Natural Parcial Caveiro

Internacional: ZPE Furnas e Zona Central do Pico; SIC Montanha do Pico, Prainha e Caveiro

Conservação

O habitat encontra-se em estado crítico devido à constante destruição da vegetação e à introdução de espécies exóticas, registando-se uma elevada densidade de *Pittosporum undulatum*. Não existem quaisquer censos de Pombo-torçaz dos Açores *C. p. azorica* até ao momento, tendo a selecção do local sido baseada na qualidade do habitat para a nidificação da espécie.

Ameaças: Introdução de plantas/animais (A); Intensificação agrícola (U)

Referências

Rodrigues & Nunes (2002)

FETEIRAS

Código: PT076 (parte da antiga QQ010)
Açores: Ponta Delgada
Coordenadas geográficas: 37°47'N 25°47'W
Área: 63 ha
Altitudes: 0-250 m

Critérios

A4ii (*Calonectris diomedea*)
B1ii (*Calonectris diomedea*)
B2 (*Calonectris diomedea*)
C2 (*Calonectris diomedea*)

Descrição do sítio

A IBA estende-se ao longo da costa desde o Miradouro das Feteiras até à vigia das Feteiras, por uma faixa desde a beira mar até ao rebordo da falésia.

Habitats: áreas rochosas (falésias rochosas, ilhéus rochosos, áreas com cascalho), vegetação exótica/introduzida

Uso do solo: agricultura; turismo/recreio

Importância ornitológica

Esta zona é importante para a Cagarra *Calonectris diomedea*.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Calonectris diomedea</i> Cagarra	N	2000	3822	3822	B	A4ii, B1ii, B2, C2

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: nenhuma

Conservação

Os predadores terrestres introduzidos (cães e gatos ferais, ratos e mustelídeos) limitam provavelmente a nidificação da maioria das aves marinhas, especialmente os procelariformes mais pequenos e mais vulneráveis que nidificam em cavidades no solo ou no cascalho. A invasão por plantas exóticas, como a Cana *Arundo donax*, resultou na perda de habitat de nidificação disponível para os procelariformes.

Ameaças: Introdução de plantas/animais (A)

Referências

Del Nevo *et al.* (1990), Monteiro & Groz (1999), Monteiro *et al.* (1998, 1999, inédito), Pereira *et al.* (2000), Rodrigues & Nunes (2002)

MOSTEIROS-BRETANHA

Código: PT077 (parte da antiga QQ010)
Açores: Ponta Delgada
Coordenadas geográficas: 37°53'N 25°49'W
Área: 295 ha
Altitudes: 0-234 m

Critérios

A4ii (*Calonectris diomedea*)
B1ii (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*)
B2 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*)
C2 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*)

Descrição do sítio

A IBA é constituída por duas zonas ambas formadas por uma faixa desde a beira mar até ao rebordo da falésia. A zona da Ponta da Ferraria – Mosteiros inicia-se na Ponta da Ferraria e termina na Ribeira do Mosteiro. A zona da Bretanha inicia-se no porto da Ponta da Ilha até ao calhau norte dos Mosteiros. Os principais habitats são falésias com vegetação das costas macaronésicas, matos macaronésicos endémicos e vegetação vivaz das costas de calhaus rolados.

Habitats: matos (matos macaronésicos), áreas rochosas (falésias rochosas, ilhéus rochosos, áreas com cascalho), vegetação exótica/introduzida

Uso do solo: agricultura; sem utilização, turismo/recreio

Importância ornitológica

Esta zona é particularmente importante pelas aves marinhas nidificantes, nomeadamente a Cagarra *Calonectris diomedea* e o Pintainho *Puffinus assimilis*.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Calonectris diomedea</i> Cagarra	N	2000	6100	6100	B	A4ii, B1ii, B2, C2
<i>Puffinus assimilis</i> Pintainho	N	1997	35	70	B	B1ii, B2, C2

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: nenhuma

Conservação

Os predadores terrestres introduzidos (cães e gatos ferais, ratos e mustelídeos) limitam provavelmente a nidificação da maioria das aves marinhas, especialmente os procelariformes mais pequenos e mais vulneráveis que nidificam em cavidades no solo ou no cascalho. A invasão por plantas exóticas, como a Cana *Arundo donax*, resultou na perda de habitat de nidificação disponível para os procelariformes. A ausência de diploma legal das ZPE por diploma legal nacional/regional diminui a eficácia de medidas minimizadoras dos impactos e da vigilância existente. Os vazamentos de entulhos são um factor de perturbação considerável nesta área.

Ameaças: Introdução de plantas/animais (A), Outros (B)

Referências

Rodrigues & Nunes (2002)

PONTA DO CINTRÃO

Código: PT078 (antiga QQ011)

Açores: Ribeira Grande

Coordenadas geográficas: 37°50'N 25°29'W

Área: 29 ha

Altitudes: 0-79 m

Critérios

A4ii (*Calonectris diomedea*)

B1ii (*Calonectris diomedea*)

B2 (*Calonectris diomedea*)

C2 (*Calonectris diomedea*)

Descrição do sítio

A IBA estende-se ao longo da costa desde o lado oeste da Ponta da Ribeirinha até perto do porto de Santa Iria., incluindo uma faixa desde a beira mar até ao rebordo da falésia.. Os principais habitats são falésias com vegetação das costas macaronésicas, matos macaronésicos endémicos e vegetação vivaz das costas de calhaus rolados.

Habitats: matos (matos macaronésicos), áreas rochosas (falésias rochosas, ilhéus rochosos, áreas com cascalho), vegetação exótica/introduzida

Uso do solo: agricultura; turismo/recreio; conservação da natureza/investigação

Importância ornitológica

Esta zona é particularmente importante para as aves marinhas nidificantes, nomeadamente a Cagarra *Calonectris diomedea* e o Pintainho *Puffinus assimilis*.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Calonectris diomedea</i> Cagarra	N	2000	3822	3822	B	A4ii, B1ii, B2, C2

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: nenhuma

Conservação

Os predadores terrestres introduzidos (cães e gatos ferais, ratos e mustelídeos) limitam provavelmente a nidificação da maioria das aves marinhas, especialmente os procelariformes mais pequenos e mais vulneráveis que nidificam em cavidades no solo ou no cascalho. A invasão por plantas exóticas, como a Cana *Arundo donax*, resultou na perda de habitat de nidificação disponível para os procelariformes.

A monitorização das colónias de aves marinhas ocorre desde 1995, sob financiamento europeu.

Ameaças: Introdução de plantas/animais (A)

Referências

Del Nevo *et al.* (1990), Monteiro & Groz (1999), Monteiro *et al.* (1998, 1999, inédito), Pereira *et al.* (2000), Rodrigues & Nunes (2002)

FAIAL DA TERRA E PONTA DO ARNEL

Código: PT079

Açores: Nordeste e Povoação

Coordenadas geográficas: 37°46'N 25°09'W

Área: 254 ha

Altitudes: 0-400 m

Critérios

A4ii (*Calonectris diomedea*)

B1ii (*Calonectris diomedea*)

B2 (*Calonectris diomedea*; *Puffinus assimilis*)

C2 (*Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*)

Descrição do sítio

A IBA é constituída por duas zonas: a zona do Faial da Terra, que se estende ao longo da costa desde a Ribeira do Faial da Terra até à Praia do Lombo Gordo; e a zona da Ponta do Arnel, que vai desde a Ribeira da ponta do Arnel até à Ribeira do Guilherme. Ambas incluem uma faixa desde a beira mar até ao rebordo da falésia. Os principais habitats são falésias com vegetação das costas macaronésicas, matos macaronésicos endémicos e vegetação vivaz das costas de calhaus rolados.

Habitats: matos (matos macaronésicos), áreas rochosas (falésias rochosas, ilhéus rochosos, áreas com cascalho), vegetação exótica/introduzida

Uso do solo: Agricultura; Turismo/recreio; Urbano/industrial/transportes

Importância ornitológica

Esta zona é particularmente importante para as aves marinhas nidificantes, nomeadamente a Cagarra *Calonectris diomedea* e o Pintainho *Puffinus assimilis*.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Calonectris diomedea</i> Cagarra	N	2000	3822	3822	B	A4ii, B1ii, B2, C2

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: nenhuma

Conservação

Os predadores terrestres introduzidos (cães e gatos ferais, ratos e mustelídeos) limitam provavelmente a nidificação da maioria das aves marinhas, especialmente os procelariformes mais pequenos e mais vulneráveis que nidificam em cavidades no solo ou no cascalho. A invasão por plantas exóticas, como a Cana *Arundo donax*, resultou na perda de habitat de nidificação disponível para os procelariformes.

Ameaças: Introdução de plantas/animais (A)

Referências

Del Nevo *et al.* (1990), Monteiro & Groz (1999), Monteiro *et al.* (1998, 1999, inédito), Pereira *et al.* (2000), Rodrigues & Nunes (2002)

PICO DA VARA

Código: PT080 (antiga QQ013)

Açores: Nordeste e Povoação

Coordenadas geográficas: 25°13'N 37°48'W

Área: 6.083 ha

Altitudes: 250-1108 m

Critérios

A1 (*Pyrrhula murina*)

A2 (*Pyrrhula murina*, *Serinus canaria*)

B2 (*Pyrrhula murina*)

B3 (*Serinus canaria*)

C1 (*Pyrrhula murina*)

C2 (*Columba palumbus azorica*)

C6 (*Pyrrhula murina*, *Columba palumbus azorica*)

Descrição do sítio

Esta IBA inclui uma extensa zona interior da ilha que inclui o Pico da Vara (1.103m), o Pico Verde (931m), o vale da Ribeira do Guilherme, as vertentes do concelho da Povoação acima do Monte Simplicio até junto do Salto do Cavalo, a vertente entre o Pico Bartolomeu e o Miradouro da Ponta da Madrugada e a vertente do Salto do Cavalo e da bacia das Furnas. Esta zona inclui a única área de floresta da laurissilva existente em São Miguel.

Habitats: Florestas e matas (floresta com espécies de de folha persistente), matos (matos macaronésicos endémicos), zonas artificiais (plantações florestais), vegetação exótica/introduzida

Uso do solo: Silvicultura, Conservação da natureza e investigação, Turismo/recreio

Importância ornitológica

Esta zona constitui o único local no mundo de ocorrência do Priolo *Pyrrhula murina*. Esta área inclui ainda uma população residente de *Columba palumbus azorica*.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Columba palumbus azorica</i> Pombo-torcaz dos Açores	R	-	-	-	-	C2, C6
<i>Serinus canaria</i> Canário-da-terra	R	-	300	-	-	A2, B3
<i>Pyrrhula murina</i> Priolo	R	2002	238	238	A	A1, A2, B2, C1, C2, C6

Protecção legal

Nacional: Reserva Florestal Natural dos Graminhais; Reserva Florestal Natural do Pico da Vara (Dec. Leg. Reg. N° 27/88/A, Portaria n° 9/91 de 19 de Fevereiro)

Internacional: ZPE Pico da Vara/Ribeira do Guilherme.

Conservação

A IBA está severamente afectada pela invasão de espécies vegetais exóticas, encontrando-se rodeada por largas áreas de florestação comercial intensiva. Decorreram até recentemente algumas medidas de gestão activa da IBA. A recuperação do habitat do Priolo *Pyrrhula murina* foi alvo de dois projectos com financiamento europeu (Programa LIFE). A espécie foi alvo de um programa de monitorização regular desde 1991. A ausência de diploma legal das ZPE por diploma legal nacional/regional diminui a eficácia de medidas minimizadoras dos impactos e da vigilância existente. Existe um Plano de Acção para a conservação do Priolo, desenvolvido pelo Conselhoda Europa e BirdLife International.

Ameaças: Florestação (A), Introdução de plantas/animais (A), Desflorestação (A)

Referências

Ramos (1995, 1996a, 1996b, 1996c), Rodrigues & Nunes (2002)

ILHÉU DAS CABRAS

Código: PT081

Açores: Angra do Heroísmo

Coordenadas geográficas: 38°38'N 27°09'W

Área: 28 ha

Altitudes: 0-147 m

Critérios

C7

Descrição do sítio

Dois pequenos ilhéus ao largo da costa Sul da ilha Terceira, com falésias argilosas com calhau rolado.

Habitats: Áreas rochosas (falésias rochosas, ilhéus rochosos)

Uso do solo: Sem utilização

Importância ornitológica

Provável nidificação de Cagaras *Calonectris diomedea* e de Gaivota-de-patas-amarelas *Larus cachinnans*.

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: ZPE Ilhéu das Cabras

Conservação

A ausência de diploma legal das ZPE por diploma legal nacional/regional diminui a eficácia de medidas minimizadoras dos impactos e da vigilância existente.

Ameaças: Outras (U)

LAJES DO PICO

Código: PT082

Açores: Lajes do Pico

Coordenadas geográficas: 38°23'N 28°15'W

Área: 68 ha

Altitudes: 0-120 m

Critérios

C7

Descrição do sítio

Zona rochosa baixa, sujeita a acção intermareal e formando poças de água que são área de alimentação para numerosas aves aquáticas migradoras.

Habitats: Áreas rochosas (falésias rochosas/costa rochosa)

Uso do solo: Sem utilização

Importância ornitológica

Zona interessante para aves migradoras, por exemplo Rola-do-mar *Arenaria interpres* e o Pilrito-das-praias *Calidris alba*.

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: ZPE Lajes do Pico

Conservação

A ausência de diploma legal das ZPE por diploma legal nacional/regional diminui a eficácia de medidas minimizadoras dos impactos e da vigilância existente.

Ameaças: Outras (U)

LAURISSILVA

Código: PT083 (conjugação das antigas ZZ001, ZZ002, ZZ003 e ZZ004)

Madeira: Calheta, Porto Moniz, Seixal, S. Vicente, Ponta Delgada, Santana, Funchal e Porto da Cruz (Madeira)

Coordenadas geográficas: 32°47'N 17°02'W

Área: 15.242 ha

Altitudes: 0-1455 m

Critérios

A1 (*Columba trocaz*)

A2 (*Columba trocaz*, *Apus unicolor*, *Serinus canaria*)

B2 (*Columba trocaz*)

B3 (*Apus unicolor*)

C1 (*Columba trocaz*)

C2 (*Accipiter nisus grantii*, *Columba trocaz*)

C6 (*Bulweria bulwerii*, *Calonectris diomedea*, *Accipiter nisus grantii*, *Columba trocaz*)

Descrição do sítio

Vasta área, essencialmente florestal, que compreende cerca de 25% da Ilha da Madeira. Localiza-se essencialmente nas encostas voltadas a Norte. A maioria da sua vegetação é constituída por floresta indígena ou Laurissilva e por espécies que lhe estão associadas. Ribeiras íngremes, vales profundos e encostas abruptas distribuem-se por toda a área, o que associado à densa vegetação existente, torna alguns locais quase inacessíveis.

Habitats: Florestas e matas (floresta de coníferas; floresta mista; floresta com espécies de folha persistente), Prados (prados húmidos), Zonas húmidas (cursos de água), Áreas marinhas (zonas costeiras), Áreas rochosas (falésias rochosas; grutas), Zonas artificiais (terra arada; campos e pomares perenes), Zonas artificiais (plantações florestais), Vegetação exótica,.

Uso do solo: Agricultura, Silvicultura, Caça, Conservação da natureza e investigação, Turismo/recreio, Gestão de recursos hídricos.

Importância ornitológica

A Laurissilva é o principal habitat do Pombo da Madeira *Columba trocaz*, que lhe está fortemente associado. Várias são as outras espécies de interesse que aqui se podem encontrar, é o caso do Fura-bucho do Atlântico *Puffinus puffinus* que nidifica nas cabeceiras frondosas de algumas ribeiras, ou do Fura-bardo *Accipiter nisus grantii* que caça nas zonas de limite da floresta. Muito afastada da sua área de reprodução habitual, mas que também aqui reside e nidifica, é a Galinhola *Scolopax rusticola*. A Cagarra *Calonectris diomedea* nidifica de forma esparsa nesta área e a Alma-negra *Bulweria bulwerii* e o Roquinho *Oceanodroma castro* são frequentemente observados, embora as suas populações sejam quase desconhecidas dentro desta área. Nas zonas mais íngremes existem várias colónias de Andorinhão-da-serra *Apus unicolor* e alguns Canários-da-terra *Serinus canaria* distribuem-se pelas zonas mais abertas. Para além destas relça-se a presença de várias subespécies endémicas: Alvéola-cinza da Madeira *Motacilla cinerea schmitzi*, Tentilhão da Madeira *Fringilla coelebs madeirensis*, Bis-bis *Regulus ignicapillus madeirensis*, o Pisco-de-peito-ruivo *Erithacus rubecula microrhynchus*, entre outras.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Bulweria bulwerii</i> Alma-negra	U	2000	raro		-	C6
<i>Calonectris diomedea</i> Cagarra	N	2000	frequente		-	C6
<i>Accipiter nisus grantii</i> Fura-bardo	N	2002	frequente		-	C2, C6
<i>Columba trocaz</i> Pombo da Madeira	R	2002	4142 i	16910 i	A	A1, A2, B2, C1, C2, C6
<i>Apus unicolor</i> Andorinhão-da-serra	N	2002	comum		-	A2, B3
<i>Serinus canaria</i> Canário-da-terra	R	2002	frequente		-	A2

Protecção legal

Nacional: Parque Natural da Madeira (Decreto-lei Regional 14-82/M; inclui a IBA); ZPE Laurissilva (PTMAD0001; Resolução do Governo Regional n° 14080/2000, limites semelhantes aos da IBA)

Internacional: ZPE Laurissilva; SIC Laurissilva PTMAD0001; Património Mundial pela UNESCO - Sítio n° 934 (23ª sessão do Comité, 1999)

Conservação

Apesar de estar classificada como Património Mundial desde 1999, a Laurissilva não está isenta de problemas de conservação. O abate ilegal de Pombo da Madeira *Columba trocaz*, ou o despejo de lixos e terras são alguns deles. O gado, bovino, ovino e caprino que pasta livremente nalgumas zonas, é também uma série ameaça, embora esteja a ser feito um esforço, no sentido de recuperar esta área e limitar o acesso do gado à mesma. A própria inacessibilidade que lhe confere importância, por vezes é contraproducente, pois contribui para problemas de fiscalização, dificuldades de acesso a incêndios ou falhas de conhecimento de algumas populações de aves que aí habitam, nomeadamente as aves marinhas. Totalmente inserida no Parque Natural da Madeira, os agricultores que exerçam a sua actividade na área podem beneficiar de medidas para evitar ataques às suas culturas por parte dos Pombos da Madeira *Columba trocaz*. A grande dimensão desta área, e a percentagem da ilha que é ocupada, tornam-na apetecível para a construção de estradas e infra-estruturas de apoio, o que pode levar a uma fragmentação da mesma e a uma diminuição da importância que a sua homogeneidade lhe confere.

Ameaças: Intensificação agrícola (C), Queimadas e incêndios (A), Introdução de espécies exóticas (B), Desflorestação (comercial) (B), Perturbação (C), Extração de madeira para lenha (A), Pastagens em zona florestal (A), Infra-estruturas (A), Recreio/turismo (A).

Referências

Bannerman & Bannerman (1963), Jones *et al.* (1989), Jones (1990), Câmara (1997), Oliveira & Jones (1995), Hagemeijer & Blair (1997), Menezes (1997), Oliveira (1999)

MACIÇO MONTANHOSO ORIENTAL

Código: PT084 (antiga ZZ005)

Madeira: Funchal e S. Vicente (Madeira)

Coordenadas geográficas: 32°44'N 16°41'W

Área: 3.411 ha

Altitudes: 1250-1818 m

Critérios

A1 (*Pterodroma madeira*, *Columba trocaz*)

A2 (*Columba trocaz*, *Apus unicolor*, *Anthus berthelottii*)

A4ii (*Pterodroma madeira*)

B1ii (*Pterodroma madeira*)

B2 (*Pterodroma madeira*, *Columba trocaz*)

B3 (*Anthus berthelottii*, *Apus unicolor*)

C1 (*Pterodroma madeira*, *Columba trocaz*)

C2 (*Pterodroma madeira*, *Columba trocaz*, *Accipiter nisus grantii*)

C6 (*Pterodroma madeira*, *Columba trocaz*, *Accipiter nisus grantii*)

Descrição do sítio

Zona montanhosa com falésias, escarpas e vales profundos, localizada na região centro-oriental da Ilha da Madeira. Este local, onde se situam os picos mais altos da Madeira, é um dos locais que maior número de visitantes recebe, sobretudo nos meses mais quentes do ano. Para além de vegetação de altitude, podem ainda encontrar-se zonas com floresta de transição e algumas manchas de Laurissilva nas zonas mais baixas.

Habitats: Florestas e matas (floresta mista; floresta de coníferas; floresta com espécies de folha persistente), Matos (matos esclerófilos).

Uso do solo: Conservação da natureza e investigação, Turismo/recreio, Gestão de recursos hídricos.

Importância ornitológica

Esta é a única área conhecida de nidificação no mundo para a população da Freira da Madeira *Pterodroma madeira*. Outras colónias de aves marinhas presentes neste local, são as de Fura-bucho do Atlântico *Puffinus puffinus*. É ainda de realçar a nidificação de Pardal-da-terra *Petronia petronia madeirensis*, de Corre-caminho *Anthus berthelottii* e do Andorinhão-da-serra *Apus unicolor*, bem como da subespécie macaronésica Fura-bardo *Accipiter nisus grantii*. Nas zonas mais baixas, onde se existem boas manchas de Laurissilva, encontram-se vários casais de Pombo da Madeira *Columba trocaz*, que aí residem.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Pterodroma madeira</i> Freira da Madeira	N	2002	30	40	A	A1, A4ii, B1ii, B2, C1, C2, C6
<i>Accipiter nisus grantii</i> Fura-bardo	R	2002	frequente		-	C2, C6
<i>Columba trocaz</i> Pombo da Madeira	N	2002	100 i	300 i	B	A1, A2, B2, C1, C2, C6
<i>Anthus berthelottii</i> Corre-caminho	R	2002	frequente		-	A2, B3
<i>Apus unicolor</i> Andorinhão-da-serra	N	2002	comum		-	A2, B3

Protecção legal

Nacional: Parque Natural da Madeira (Decreto-lei Regional 14-82/M; inclui a IBA); ZPE Maciço Montanhoso Oriental (PTZPE0041; Resolução do Governo Regional n° 14080/2000, limites semelhantes aos da IBA)

Internacional: ZPE Maciço Montanhoso Oriental; SIC Maciço Montanhoso Central (PTMAD0002)

Conservação

Apesar de ter sido considerada extinta nos anos sessenta, a Freira da Madeira *Pterodroma madeira* foi redescoberta em 1969 tendo sofrido de seguida alguma perseguição por parte de coleccionadores. Em 1986 foi iniciado um projecto de controlo de ratos e gatos na área, por forma a maximizar o sucesso reprodutor. Este trabalho é feito anualmente desde então, estando actualmente sob a responsabilidade do Parque Natural da Madeira, em colaboração com a Associação Freira. O pastoreio foi um grave problema no passado, mas nos últimos anos o Governo Regional da Madeira tem feito um esforço concertado para adquirir estes montados e retirar todo o gado ovino, operação, que foi concluída em 2002. A recuperação da flora é vital para a sobrevivência da Freira da Madeira, a qual só nidifica em áreas de vegetação típicas de falésias, livres de ovelhas e cabras. As populações das restantes espécies da área aparentam encontrar-se estáveis, embora, com excepção do Pombo da Madeira *Columba trocaz*, exista pouca informação quanto aos seus efectivos. O projecto de construção de um radar militar no alto do Pico do Areeiro, sem o devido estudo completo de incidências ambientais, pode ser um risco para a sobrevivência da Freira da Madeira, que tem aqui o último núcleo reprodutor e é a mais ameaçada de todas as aves da Europa.

Ameaças: Queimadas e incêndios (A), Introdução de espécies exóticas (B), Perturbação (B), Pastagens em zona florestal (A), Infra-estruturas (B), Recreio/turismo (B).

Referências

Bannerman & Bannerman (1963), Jouanin *et al.* (1969), Zino & Zino (1986), Zino (1992), Zino & Bischoff (1994), Câmara (1997), Hagemeijer & Blair (1997), Oliveira (1999), Zino *et al.* (2001)

ILHAS DESERTAS

Código: PT085 (conjugação das antigas ZZ008 e ZZ009)

Madeira: Funchal (Madeira)

Coordenadas geográficas: 32°29'N 16°30'W

Área: 1.384 ha

Altitude: 0-442 m

Critérios

A1 (*Pterodroma feae*)

A2 (*Apus unicolor*, *Anthus berthelotii*, *Serinus canaria*)

A4ii (*Pterodroma feae*, *Bulweria bulwerii*, *Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Oceanodroma castro*)

A4iii

B1ii (*Pterodroma feae*, *Bulweria bulwerii*, *Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Oceanodroma castro*)

B2 (*Pterodroma feae*, *Bulweria bulwerii*, *Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Oceanodroma castro*)

B3 (*Apus unicolor*, *Anthus berthelotii*, *Serinus canaria*)

C1 (*Pterodroma feae*)

C2 (*Pterodroma feae*, *Bulweria bulwerii*, *Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Oceanodroma castro*)

C4

C6 (*Pterodroma feae*, *Bulweria bulwerii*, *Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Oceanodroma castro*)

Descrição do sítio

Três ilhas de origem vulcânica, em tempos unidas, que actualmente se encontram separadas por dois pequenos canais. Estas ilhas são áridas e inóspitas, com grandes falésias. De Norte para Sul, encontram-se o Ilhéu Chão, a Deserta Grande e o Bugio. O Ilhéu Chão é plano no topo e suporta uma flora variada. Grande parte da Deserta Grande sofreu desertificação, contudo, um vale na zona norte, em tempos cultivado, possui actualmente uma flora marítima Macaronésica. O Bugio, é uma ilha alongada de rocha basáltica com escarpas e falésias instáveis. A ilha está constituída por duas áreas principais, a metade Norte e a metade Sul, cada uma delas com um pequeno planalto no topo, coberto por vegetação herbácea.

Habitats: Herbáceas (estepe/vegetação de zona calcária árida), áreas rochosas (falésia/costa rochosa)

Uso do solo: Pesca/aquacultura, Silvicultura, Conservação da natureza e investigação, Turismo/recreio.

Importância ornitológica

Este é um local de extrema importância para cinco espécies de aves marinhas nidificantes (*Procellariidae*) encontradas na Madeira. É a única zona europeia de nidificação da *Pterodroma feae*, endémica da Macaronésia, que nidifica essencialmente no planalto sul do Bugio. Aqui existem ainda importantes colónias Atlânticas de Alma-negra *Bulweria bulwerii*, de Cagarra *Calonectris diomedea* e de Roquinho *Oceanodroma castro*. O Pintaíno *Puffinus assimilis* é a outra espécie de ave pelágica que aqui nidifica em números significativos. Em todas as ilhas, nidificam também a Gaivina *Sterna hirundo* e a Gaivota-de-patas-amarelas *Larus cachinnans*, bem como alguns endemismos macaronésicos como o Andorinhão-da-serra *Apus unicolor*, o Corre-caminho *Anthus berthelotii* e o Canário-da-terra *Serinus canaria*.

Espécie	Época	Ano	Mín	Máx	Rigor	Critérios
---------	-------	-----	-----	-----	-------	-----------

<i>Pterodroma feae</i> Gon-gon	N	2002	180	250	B	A1, A4ii, B1ii, B2, C1, C2, C6
<i>Bulweria bulwerii</i> Alma-negra	N	1994	1500	-	C	A4ii, B1ii, B2, C2, C6
<i>Calonectris diomedea</i> Cagarra	N	1994	6000	-	C	A4ii, B1ii, B2, C2, C6
<i>Puffinus assimilis</i> Pintainho	R	1994	300	-	C	A4ii, B1ii, B2, C2, C6
<i>Oceanodroma castro</i> Roquinho	R	1994	1000		C	A4ii, B1ii, B2, C2, C6
<i>Apus unicolor</i> Andorinhão-da-serra	N	2002	Frequente		-	A2, B3
<i>Anthus berthelottii</i> Corre-caminho	R	2002	Comum		-	A2, B3
<i>Serinus canaria</i> Canário-da-terra	R	2002	1000	-	C	A2, B3

Protecção legal

Nacional: Reserva Natural das Ilhas Desertas (Decreto Lei regional n° 9/95/M; inclui a IBA), ZPE Ilhas Desertas (PTDES0001; Resolução do Governo Regional n° 14080/2000, limites coincidentes aos da IBA)

Internacional: ZPE Ilhas Desertas; Reserva Biogenética do Conselho da Europa.

Conservação

O Ilhéu Chão em tempos possuía uma população de lebres, mas esta extingui-se há cerca de 20 anos, assistindo-se desde então a uma dramática recuperação da flora. As cabras e coelhos foram alvo de um processo de erradicação da Deserta Grande iniciado em 1996, acção apoiada por um projecto LIFE, e a flora apresenta-se em franca recuperação, tornando a ilha mais atractiva para aves marinhas nidificantes. No passado, as espécies de *Procellariiformes* sofriam predação por parte dos pescadores. Desde que a área passou a ser controlada pelo PNM e as ilhas passaram a ser permanentemente vigiadas, toda a predação cessou e as colónias presentes apresentam assim uma tendência de recuperação. O Bugio possui ainda grandes populações de coelhos que podem influenciar negativamente espécies que nidifiquem no solo, como é o caso do Gon-gon *Pterodroma feae*. Os principais problemas que poderão afectar esta IBA no futuro, são a crescente pressão turística e a actividade piscatória em redor das Ilhas.

Ameaças: Introdução de espécies exóticas (B); Pesca (U); Fenómenos naturais (C); Recreio/Turismo (C).

Referências

Bannerman & Bannerman (1963), Jouanin (1969), Zino & Zino (1986), Barbosa (1992), Oliveira *et al.* (1993), Nunes (1994), Zino & Biscoito (1994), Zino *et al.* (1994, 1996), Câmara (1997), Hagemerijer & Blair (1997), Voigt & Leitner (1998), Oliveira (1999), Nunes (2000a,b), Zino *et al.* (2001), Fagundes (2002), Geraldles (2002)

SELVAGENS

Código: PT086 (conjugação das antigas ZZ010 e ZZ011)

Madeira: Funchal (Madeira)

Coordenadas geográficas: 30°08'N 15°54'W

Área: 265 ha

Altitudes: 0-163 m

Critérios

A4ii (*Bulweria bulwerii*, *Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Pelagodroma marina*, *Oceanodroma castro*)

A4iii

B1ii (*Bulweria bulwerii*, *Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Pelagodroma marina*, *Oceanodroma castro*)

B2 (*Bulweria bulwerii*, *Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Pelagodroma marina*, *Oceanodroma castro*)

B3 (*Anthus berthelotii*)

C2 (*Bulweria bulwerii*, *Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Pelagodroma marina*, *Oceanodroma castro*)

C4

C6 (*Bulweria bulwerii*, *Calonectris diomedea*, *Puffinus assimilis*, *Pelagodroma marina*, *Oceanodroma castro*)

Descrição do sítio

Este pequeno arquipélago situa-se entre a Madeira (300 Km) e o arquipélago de Canárias (150 Km) e é constituído essencialmente por duas ilhas rochosas de origem vulcânica: A Selvagem Grande a Norte, e a Selvagem pequena cerca de 18 Km a Sul. A Selvagem Grande apresenta-se como um planalto de 245 ha, a cerca de 100 m de altitude. Possui várias escarpas e algumas encostas íngremes. A Selvagem pequena, situada quase ao nível do mar, possui, para além de zonas rochosas, algumas dunas interiores. Esta ilha, bem como o ilhéu que lhe fica próximo (Ilhéu de fora) está rodeada de baixios, os quais contribuem para duplicar a sua área na maré baixa.

Habitats: Matos (matos esclerófilos), Prados (estepe/prados secos calcários), Áreas marinhas (mar; baías e zonas costeiras), Áreas rochosas (falésias rochosas; ilhéus rochosos; áreas com cascalho; grutas).

Uso do solo: Conservação da natureza/investigação

Importância ornitológica

Uma das mais importantes colónias de aves marinhas do Atlântico, as Selvagens são muito importantes para um vasto conjunto de espécies. No caso da Selvagem Grande são de realçar as populações de Cagarra *Calonectris diomedea*, de Alma-negra *Bulweria bulwerii*, de Pintainho *Puffinus assimilis* e de Roquinho *Oceanodroma castro*, bem como de Calcamar *Pelagodroma marina*. Refira-se ainda a população de Corre-caminho *Anthus berthelotti canariensis* aqui existente. Na Selvagem pequena, onde não existem aves terrestres salienta-se a grande colónia de Calca-mar *Pelagodroma marina* e a nidificação ocasional de Gaivina-rosada *Sterna dougallii* e de Gaivina-de-dorso-preto *Sterna fuscata*.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Bulweria bulwerii</i> Alma-negra	N	1994	5000	-	C	A4ii, B1ii, B2, C2, C6
<i>Calonectris diomedea</i> Cagarra	N	2000	15000	-	A	A4ii, B1ii, B2, C2, C6
<i>Puffinus assimilis</i> Pintainho	R	1995	4100	-	A	A4ii, B1ii, B2, C2, C6
<i>Pelagodroma marina</i> Calca-mar	N	1999	61000	-	A	A4ii, B1ii, B2, C2, C6
<i>Oceanodroma castro</i> Roquinho	R	1994	1000	-	C	A4ii, B1ii, B2, C2, C6
<i>Anthus berthelotii</i> Corre-caminho	R	2002	100	200	B	B3

Protecção legal

Nacional: Reserva Natural das Ilhas Selvagens (Decreto n° 458/71 de 29 de Outubro, alterado pelo Decreto regional n° 15/78/M de 10 de Março; inclui a IBA). ZPE Ilhas Selvagens (PTSEL0001; Resolução do Governo Regional n° 14080/2000, inclui a IBA)

Internacional: ZPE Ilhas Selvagens; SIC Ilhas Selvagens (PTSEL0001). Diploma Europeu de Áreas protegidas do Concelho da Europa.

Conservação

A Selvagem Grande era alvo de expedições regulares de caça até à criação do Parque Natural, e ao estabelecimento de um posto de vigilância permanente. Em 1976, foram realizadas várias expedições de caça a esta ilha, que dizimaram a população de Cagarra *Calonectris diomedea* então existente, tendo sido abatidos juvenis e adultos indiscriminadamente. Desde essa data a população tem vindo a recuperar lenta, mas regularmente. Como resultado de algumas tentativas de colonização em tempos remotos, existem na ilha coelhos e ratos *Mus domesticus* que contribuem para alterações ao coberto vegetal ancestral. Em 2002 foi iniciado um projecto que visa a erradicação de todas as espécies introduzidas na Selvagem Grande e a recuperação do seu estado natural ancestral. A Selvagem Pequena e Ilhéu de Fora possuem o coberto vegetal no seu estado natural. Estas Ilhas nunca sofreram a introdução de plantas ou animais, sendo verdadeiras montras do passado.

Na Selvagem Grande existe uma estação de vigilância permanente. Na Selvagem pequena existe uma outra estação de vigilância de Abril a Novembro, uma vez que durante os meses de Inverno esta Ilha é quase sempre inacessível por mar. É frequente encontrar nas duas ilhas vestígios de derrames de combustível.

Ameaças: Aquacultura e pesca (B), Perturbação (U), Outras (B).

Referências

Jouanin (1964), Jouanin & Roux (1965), Jouanin & Roux (1966), Zino (1971), Jouanin *et al.* (1979), Bannerman & Bannerman (1963), Jensen (1981), Roux (1983), Hartog (1984), Zino (1985), Zino *et al.* (1987), Mougin (1988), Mougin (1989), Folmer & Ortvad (1992), Faria (1994), Zino & Biscoito (1994), Oliveira e Moniz (1995), Mougin *et al.* (1996), Câmara (1997), Hagemerijer & Blair (1997), Campos (1998), Faria (1998), Mougin (1999), Oliveira (1999), Mougin & Mougin (2000), Mougin *et al.* (2000)

PONTA DE SÃO LOURENÇO

Código: PT087 (antiga ZZ006)

Madeira: Machico (Madeira)

Coordenadas geográficas: 32°44'N 16°41'W

Área: 321 ha

Altitudes: 0-163 m

Critérios

A4ii (*Bulweria bulwerii*, *Oceanodroma castro*)

B1ii (*Bulweria bulwerii*, *Oceanodroma castro*)

B2 (*Bulweria bulwerii*, *Oceanodroma castro*)

B3 (*Apus unicolor*, *Anthus berthelotii*, *Serinus canaria*)

C2 (*Bulweria bulwerii*, *Oceanodroma castro*)

C6 (*Bulweria bulwerii*, *Puffinus assimilis*, *Oceanodroma castro*, *Sterna dougalii*, *Sterna hirundo*)

Descrição do sítio

Península rochosa com falésias e pequenos ilhéus, que no seu conjunto formam a ponta oriental da Ilha da Madeira. Possui dois ilhéus principais, o da Cevada ou dos Desembarcadouros e o ilhéu do Farol no extremo Este. Toda a área está coberta essencialmente por arbustos e vegetação herbácea. A actividade humana inclui a caça e o turismo.

Habitats: Matos (matos esclerófilos), Prados (estepe/prados secos calcários), Áreas marinhas (mar; baías e zonas costeiras), Áreas rochosas (falésias rochosas; ilhéus rochosos; áreas com cascalho).

Uso do solo: Pesca/aquacultura, Caça, Conservação da natureza e investigação, Turismo/recreio.

Importância ornitológica

A Ponta de S. Lourenço é um habitat único na ilha da Madeira, assemelhando-se em condições às Ilhas Desertas de que são próximas. Os dois ilhéus principais são bastante diferentes: o do Farol não possui quaisquer predadores terrestres e é um local por excelência de nidificação de aves marinhas. O primeiro registo de nidificação de Gaivina-rosada *Sterna dougalii* na Madeira foi localizado nesta zona e também o Pintaíno *Puffinus assimilis* nidifica neste local; no ilhéu da Cevada a existência de ratos *Rattus norvegicus* condiciona a presença de aves marinhas, no entanto, aqui situa-se a maior colónia de Gaivota-de-patas-amarelas *Larus cachinnans* localizada na ilha da Madeira. Em relação às aves terrestres são comuns os Corre-caminho *Anthus berthelotii*, o Pardal-da-terra *Petronia petronia madeirensis* e o Canário-da-terra *Serinus canarius* (abundante). Esta península é igualmente importante como importante ponto de paragem para aves migradoras.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Bulweria bulwerii</i> Alma-negra	E	2000	118	177	B	A4ii, B1ii, B2, C2, C6
<i>Puffinus assimilis</i> Pintaíno	B	2001	Raro		-	C6
<i>Oceanodroma castro</i> Roquinho	R	2000	Comum		-	A4ii, B1ii, B2, C2, C6
<i>Sterna dougalii</i> Gaivina-rosada	U	1993	Raro		-	C6
<i>Sterna hirundo</i> Gaivina	N	2002	Comum		-	C6
<i>Apus unicolor</i> Andorinhão-da-serra	R	2002	Abundante		-	A2, B3
<i>Anthus berthelotii</i> Corre-caminho	R	2002	Abundante		-	A2, B3
<i>Serinus canaria</i> Canário-da-terra	R	2002	Abundante		-	A2, B3

Protecção legal

Nacional: Reserva Natural Integral do Ilhéu do desembarcadouro e Reserva Parcial da Ponta de S. Lourenço integradas no Parque Natural da Madeira (Decreto-lei Regional 14-82/M; inclui a IBA).

Internacional: SIC Ponta de São Lourenço (PTMAD0003).

Conservação

A maior ameaça para as aves marinhas foi a perseguição por pescadores. Desde a compra desta área pelo Governo Regional da Madeira, em 1996, e sua gestão pelo Parque Natural da Madeira, esta ameaça esbateu-se e espera-se a recuperação das populações das aves marinhas. Na actualidade a extracção de areia e pastoreio estão completamente proibidos. A área possui importante interesse recreativo e turístico, que não parece incompatibilizar-se com a conservação da avifauna. O abandono de cães de caça no final da época cinegética é habitual, podendo ser factor de ameaça. O ilhéu do farol é de importância extrema dada a ausência de predadores, sendo importante manter esta condição.

Ameaças: Aquacultura e pesca (C), Introdução de espécies exóticas (B), Perturbação (U), Recreio/turismo (U).

Referências

Bannerman & Bannerman (1963), Zino & Biscoito (1994), Câmara (1997), Oliveira (1999)

PONTA DO PARGO

Código: PT088

Madeira: Calheta (Madeira)

Coordenadas geográficas: 32°48'N 17°15'W

Área: 1.161 ha

Altitudes: 0-643 m

Critérios

A2 (*Apus unicolor*, *Anthus berthelotii*, *Serinus canaria*)

A4ii (*Oceanodroma castro*)

B1ii (*Oceanodroma castro*)

B2 (*Oceanodroma castro*)

B3 (*Apus unicolor*, *Anthus berthelotii*, *Serinus canaria*)

C2 (*Oceanodroma castro*, *Accipiter nisus grantii*)

C6 (*Oceanodroma castro*, *Accipiter nisus grantii*)

Descrição do sítio

Extremo Oeste da Ilha da Madeira, a Ponta do Pargo reúne uma série de habitats diferentes, sendo a sua diversidade o que lhe confere importância em termos de avifauna. A costa é formada por falésias rochosas íngremes e por fajãs (zonas de derrocada). Na zona mais elevada existem pequenas parcelas agrícolas e zonas de vegetação herbácea, entrecortadas por sebes arbustivas. Estão também presentes na área pinhais, eucaliptais, pastagens e matos arbustivos.

Habitats: Florestas e matas (floresta de coníferas; ecótono com plantação em linha), Matos (matos esclerófilos); Áreas marinhas (mar); Áreas rochosas (falésias rochosas; ilhéus rochosos; áreas com cascalho); Zonas artificiais (campos e pomares perenes; plantações florestais; parques e jardins; outras zonas urbanas ou industriais)

Uso do solo: Agricultura, Silvicultura, Caça, Turismo/recreio, Urbano/industrial/transportes, Outros

Importância ornitológica

É de realçar a Ponta do Pargo como local importante para a avifauna da Madeira, uma vez que a sua diversidade permite a ocorrência de uma grande variedade de espécies. As fajãs e falésias costeiras albergam importantes colónias de Roquinho, bem como outras aves marinhas tal como a Cagarra *Calonectris diomedea*. Ainda nas falésias regista-se a ocorrência de Andorinhão-da-Serra *Apus unicolor*. Nos campos agrícolas regista-se ainda a presença em números significativos de Canário-da-terra *Serinus canaria* e de Corre-caminho *Anthus berthelotii*. Estes campos agrícolas, são terreno privilegiado para a caça de diversas aves de rapina, entre as quais se encontra a subespécie Fura-bardo *Accipiter nisus grantii*, que nidifica nos pinhais e eucaliptais das zonas mais altas desta IBA.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Oceanodroma castro</i> Roquinho	R	2000	300	-	C	A4ii, B1ii, B2, C2, C6
<i>Accipiter nisus grantii</i> Fura-bardo	R	2002	Frequente		D	C2, C6
<i>Apus unicolor</i> Andorinhão-da-serra	U	2002	Comum		-	A2, B3
<i>Anthus berthelotii</i> Corre-caminho	R	2002	Comum		-	A2, B3
<i>Serinus canaria</i> Canário-da-terra	R	2002	Comum		-	A2, B3

Protecção legal

Nacional: Nenhuma

Internacional: Nenhuma

Conservação

Existe pressão turística e possibilidade de desenvolvimento de projectos turísticos com impactos sobre as populações de aves.

Ameaças:

Queimadas e incêndios (U), Desflorestação (comercial) (U), Perturbação (U), Industrialização/urbanização (B), Infraestruturas (B), Gestão silvícola intensiva (U), Recreio/turismo (U), Cortes florestais selectivos (U), Outras (U).

Referências

Bannerman & Bannerman (1963), Zino & Biscoito (1994), Câmara (1997), Oliveira (1999)

ILHÉUS DO PORTO SANTO

Código: PT089 (antiga ZZ007)

Madeira: Porto Santo (Madeira)

Coordenadas geográficas: 33°01'N 16°22'W

Área: 204 ha

Altitudes: 0-174 m

Critérios

A2 (*Apus unicolor*, *Anthus berthelottii*, *Serinus canaria*)

B3 (*Apus unicolor*, *Anthus berthelottii*, *Serinus canaria*)

C6 (*Puffinus assimilis*)

Descrição do sítio

Conjunto de três ilhéus rochosos (Ilhéu de Cima, Ilhéu de Baixo, Ilhéu de Ferro) localizados junto à costa do Porto Santo, cobertos por arbustos e flora costeira da Macaronésia. Dois dos ilhéus (Ilhéu de Ferro e Ilhéu de Cima) possuem faróis e o terceiro foi em tempos utilizado para a extracção de cal (Ilhéu de Baixo ou da Cal).

Habitats: Matos (matos esclerófilos), Prados (prados secos calcários), Áreas marinhas (mar; baías e zonas costeiras), Áreas rochosas (falésias rochosas; ilhéus rochosos)

Uso do solo: Pesca, Conservação da natureza e investigação, Turismo/recreio.

Importância ornitológica

É conhecida nestes ilhéus a nidificação de pelo menos quatro espécies de *Procellariiformes* (Cagarra *Calonectris diomedea*, Alma-negra *Bulweria bulwerii*, Roquinho *Oceanodroma castro* e Pintainho *Puffinus assimilis*), mas a inexistência de estudos aprofundados sobre as mesmas, não nos permite uma correcta avaliação das suas populações. Das aves terrestres nidificantes é de salientar a presença de Corre-caminho *Anthus berthelottii madeirensis*, de Andorinhão-da-serra *Apus unicolor*, de Canário-da-terra *Serinus canaria*, e de Pardal-da-terra *Petronia petronia madeirensis*.

Outras espécies nidificantes são a Gaivina *Sterna hirundo*, a Gaivota-de-patas-amarelas *Larus cachinnans* e possivelmente a Gaivina-rosada *Sterna dougalli*.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Puffinus assimilis</i> Pintainho	N	2002	raro		-	C6
<i>Apus unicolor</i> Andorinhão-da-serra	N	2002	abundante		-	A2, B3
<i>Anthus berthelottii</i> Corre-caminho	R	2002	abundante		-	A2, B3
<i>Serinus canaria</i> Canário-da-terra	R	2002	abundante		-	A2, B3

Protecção legal

Nacional: Parque Natural da Madeira (Decreto-lei Regional 14-82/M; inclui a IBA)

Internacional: SIC Ilhéus do Porto Santo (PTPOR0001).

Conservação

As aves marinhas nidificantes estão sujeitas a predação humana regular, tanto aves juvenis como adultas, com total desrespeito pela legislação em vigor. A fiscalização deste tipo de ameaças é nula, e quando realizada não produz resultados práticos, devido a total falta de apoio da população do Porto Santo a estas acções e ao encobrimento dos prevaricadores. Os faróis existentes em dois dos ilhéus são responsáveis por lançamentos de óleos queimados e combustíveis directamente no mar. As margens acessíveis dos ilhéus apresentam acumulação de detritos de toda a espécie, acumulados pelo mar, ou deixados por pescadores. A introdução de coelhos nestes ilhéus provoca prejuízos significativos no coberto vegetal e acrescida perturbação durante a época de caça. Existem intenções de aproveitar o Ilhéu de Baixo ou da Cal para fins turísticos. Esta medida poderia

implicar uma gestão do mesmo mais efectiva e poderia proporcionar a devida protecção às colónias de aves marinhas sistematicamente predadas.

Ameaças: Aquacultura e pesca (B), Introdução de espécies exóticas (B), Perturbação (A), Infraestruturas (B), Recreio/turismo (U).

Referências

Bannerman & Bannerman (1963), Zino & Biscoito (1994), Câmara (1997), Oliveira (1999)

PORTO SANTO OESTE

Código: PT090

Madeira: Porto Santo (Madeira)

Coordenadas geográficas: 33°03'N 16°22'W

Área: 929 ha

Altitudes: 0-283 m

Critérios

A2 (*Apus unicolor*, *Anthus berthelottii*, *Serinus canaria*)

B2 (*Oceanodroma castro*)

B3 (*Apus unicolor*, *Anthus berthelottii*, *Serinus canaria*)

C6 (*Oceanodroma castro*, *Sterna hirundo*, *Sterna dougallii*)

Descrição do sítio

Esta zona estende-se para Oeste e para Norte do Pico Ana Ferreira e do Pico das Flores, englobando parte da costa Oeste do Porto Santo até às imediações do aeroporto. É constituída por vários tipos de habitat, desde falésias rochosas junto ao mar até extensos prados secos entrecortados por vegetação arbustiva ou zonas arenosas interiores. Algumas encostas possuem plantações de pinheiros ou estão cobertas por cactos, e em toda a área a ocupação humana é pequena.

Habitats: Matos (matos esclerófilos), Prados (prados secos calcários), Zonas húmidas (águas paradas doces; cursos de água; vegetação ribeirinha), Áreas marinhas (mar; baías e zonas costeiras), Áreas rochosas (falésias rochosas; ilhéus rochosos), Zonas artificiais (plantações florestais), Desconhecida.

Uso do solo: Agricultura, Caça, Turismo/recreio, Sem utilização.

Importância ornitológica

A Costa Oeste do Porto Santo reúne condições para a nidificação de várias espécies dignas de nota. Nas zonas rochosas nidifica em grande número o Andorinhão-da-serra *Apus unicolor*. Nos locais mais arborizados estão presentes grandes densidades de Canário-da-terra *Serinus canaria* e nas zonas de prados secos os Corre-caminhos *Anthus berthelottii* são abundantes. Nesta área é ainda frequente a Toutinegra-tomilheira *Sylvia conspicillata* ou a Poupá *Upupa epops*, aves pouco comuns no Arquipélago. De Inverno e durante as épocas de migração esta é uma área que também merece realce, pelas concentrações, localmente pouco habituais, de Estorninho *Sturnus vulgaris*, Felosas *Phylloscopus collybita/brebmi*, Laverças *Alauda arvensis* e Maçaricos-galegos *Numenius phaeopus*. As falésias rochosas a Oeste, apesar de muito pouco conhecidas, possuem habitat favorável à nidificação de Roquinho *Oceanodroma castro* e outras espécies de aves marinhas como a Cagarra *Calonectris diomedea* ou a Gaivina-comum *Sterna hirundo* e a Gaivina-rosada *Sterna dougallii*.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Oceanodroma castro</i> Roquinho	N	2002	raro		-	B2, C6
<i>Sterna hirundo</i> Gaivina	N	2002	frequente		-	C6
<i>Sterna dougallii</i> Gaivina-rosada	U	2002	raro		-	C6
<i>Apus unicolor</i> Andorinhão-da-serra	N	2002	comum		-	A2, B3
<i>Anthus berthelottii</i> Corre-caminho	R	2002	abundante		-	A2, B3
<i>Serinus canaria</i> Canário-da-terra	R	2002	abundante		-	A2, B3

Protecção legal

Nacional: nenhuma.

Internacional: nenhuma.

Conservação

Esta é uma área com pouca ocupação humana, que mantém assim populações saudáveis de variadas espécies de aves. A sua pequena taxa de ocupação constitui, no entanto, uma ameaça futura, pois torna estes terrenos apetecíveis para construção de infra-estruturas de lazer, ou pratica de actividades prejudiciais para o ambiente. Assim, estão previstos projectos que incluem campos de golfe para esta área, o que poderá ter um impacto considerável nas populações de algumas espécies como o Corre-caminho *Anthus berthelottii*. Também a pratica do todo-o-terreno, de forma desregrada e sem qualquer fiscalização é comum, sendo factor importante em termos de perturbação e destruição de habitat. Na zona mais a norte, a extracção de areias e vazamento de lixo é realizada sem qualquer controle. Esta área é importante para a avifauna, tal como se encontra neste momento, pois o que lhe confere importância é a extensão de terreno pouco perturbado, numa ilha vocacionada para actividades turísticas e em expansão urbana acelerada. A sua fragmentação poderá diminuir sobremaneira o seu valor em termos de conservação. A realização de estudos aprofundados sobre as aves marinhas que frequentam esta área é também de grande importância, por forma a definir concretamente o seu valor para as mesmas, que se supões alto.

Ameaças: Florestação, Perturbação, Indústrias extractivas, Industrialização/urbanização, Infra-estruturas, Recreio/turismo.

Referências

Bannerman & Bannerman (1963), Zino & Biscoito (1994), Câmara (1997), Oliveira (1999), Barone & Delgado (2001), Nunes *et al.* (2002)

VILAMOURA

Código: PT091

Algarve: Loulé (Faro)

Coordenadas geográficas: 37°05'N 08°08'W

Área: 271 ha

Altitudes: 1-12 m

Critérios

C6 (*Ixobrychus minutus*, *Ardea purpurea*, *Aythya nyroca*, *Circus aeruginosus*, *Porphyrio porphyrio*)

Descrição do sítio

Sítio localizado na margem esquerda do troço final da Ribeira de Quarteira, integrado no empreendimento de Vilamoura. É composto essencialmente por campos agrícolas de cereais e pomares de sequeiro, e por zonas húmidas, nomeadamente caniçais e lagos artificiais. É delimitado a sul e oeste por campos agrícolas e pinhal, a norte por zonas relvadas do campo de golfe e do parque desportivo e a este por urbanizações.

Habitats: Zonas húmidas (cursos de água; vegetação ribeirinha); Artificial (terra arada; campos e pomares perenes; outras zonas urbanas e industriais)

Uso do solo: Agricultura, Turismo/recreio; Conservação da natureza/investigação, Urbano/industrial/transportes

Importância ornitológica

Sítio importante para o Camão, cuja população se estima em 7 a 12 casais nidificantes. Presença abundante de garças, destacando-se a existência de um dormitório numeroso de Carraceiros e a nidificação regular da Garça-vermelha e do Garçote. Durante a passagem migratória são regulares as observações de Águia-pesqueira, de Peneireiro-cinzento e de Falcão-peregrino e abundantes os passeriformes migradores transarianos.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Ixobrychus minutus</i> Garçote	N	2002	Comum		-	C6
<i>Ardea purpurea</i> Garça-vermelha	N	2002	5	5	A	C6
<i>Aythya nyroca</i> Pêrra	I	2002	2i	3i	A	C6
<i>Circus aeruginosus</i> Águia-sapeira	I	2002	10i	15i	B	C6
<i>Porphyrio porphyrio</i> Camão	R	2002	7	12	A	C6

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: nenhuma

Conservação

A criação do Parque Ambiental de Vilamoura resultou na redução acentuada dos principais factores de perturbação que se faziam sentir nesta área, como a caça ilegal, a recolha de terras no caniçal, a deposição de entulhos e o acesso não controlado. No âmbito da gestão do Parque Ambiental foram criadas duas lagoas, um percurso pedestre sinalizado e o Centro de Estudos da Natureza e do Ambiente, destinado ao apoio à gestão do Parque. No entanto, o acesso a terrenos particulares adjacentes, de viaturas motorizadas e de máquinas e pessoas relacionadas com a construção urbanística do empreendimento, são factores de perturbação importantes.

Ameaças: Perturbação (B), Drenagem (A), Industrialização/urbanização (A)

Bibliografia

NOA (1995), Pinto (2000), Trindade (2000)

TORRE DA BOLSA

Código: PT092

Alentejo: Elvas (Portalegre)

Coordenadas geográficas: 39° 32' N 08° 01' W

Área: 2722 ha

Altitudes: 170 - 277 m

Critérios

A1 (*Tetrax tetrax*; *Falco naumanni*; *Otis tarda*)

C1 (*Tetrax tetrax*)

Descrição do sítio

Área agrícola, aberta, interrompida ocasionalmente por algumas manchas de olival. Trata-se de uma área maioritariamente circundada pelo Perímetro de Rega da Albufeira do Caia. A Norte desta área desta-se a proximidade da Cidade de Elvas. Por se encontrar, na sua quase totalidade, a uma cota de altitude superior à do perímetro de rega, terá prevenido uma intensificação agrícola generalizada. Desta forma pode-se considerar que esta área abrange os poucos habitats favoráveis para a permanência de aves estepárias, numa região predominantemente agrícola de características intensivas.

Habitats: Cereicultura extensiva (pousios, cereais, alqueives); olivais; alguma agricultura de regadio.

Uso do solo: Agricultura, Caça.

Importância ornitológica

Na Primavera esta área destaca-se pela sua importância para a reprodução do Sisão (*Tetrax tetrax*) registando uma densidade invulgar de machos em canto; e da Abetarda (*Otis tarda*) ao ocorrer a formação de um dos poucos leques do Norte Alentejano.

No Inverno destaca-se a ocorrência de um dormitório invulgarmente numeroso de Peneireiro-cinzento (*Elanus caeruleus*), e de um outro dormitório de Fancelho-das-torres (*Falco naumanni*) correspondendo ao único caso de invernada conhecido em Portugal.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
Otis tarda Abetarda	R	2005	18ind	18	A	A1, C1
Tetrax tetrax Sisão	R	2005	183 machos	183	A	A1, C1
Falco naumanni Fancelho-das-torres	I	2003/2004	12 ind	12	A	-
Elanus caeruleus Peneireiro-das-torres	I	2003/2004	112 ind	112	A	-

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: Uma pequena arte da área está classificada como Sítio do Caia, da lista nacional de sítios da Rede Natura

Conservação

O que mais ameaça esta área é a intensificação agrícola na medida que se encontra nas imediações de um perímetro de rega e com solos com uma boa capacidade de uso (essencialmente do tipo B).

Ameaças: Intensificação agrícola, novas linhas de média tensão (maior risco de acidentes de electrocussão e colisão), Perturbação, Intensificação agrícola.

SÃO VICENTE

Código: PT093

Alentejo: Elvas (Portalegre)

Coordenadas geográficas: 39° 31' N 07° 53'W

Área: 3643 ha

Altitudes: 220 - 342 m

Critérios

A1, C1 (*Tetrax tetrax*; *Falco naumanni*)

Descrição do sítio

Corresponde à área com características extensivas de maior extensão do Norte Alentejano. Situa-se a Sul da IBA da Albufeira do Caia, a Oeste do Perímetro de Rega da Albufeira do Caia. Trata-se de uma área onde se pratica essencialmente a cereacultura extensiva e o manuseamento do gado (principalmente bovino).

Habitats: Cereacultura extensiva (pousios, cereais, alqueives); pastagens, olivais.

Uso do solo: Agricultura, Caça.

Importância ornitológica

Trata-se de uma área de prioritária para a conservação do Sisão, apresentando no ano de 2005 a maior densidade de machos registados no país, no âmbito do censo nacional da população reprodutora. A colónia de Francelho-das-torres também assume particular interesse do ponto de vista da conservação da espécie no contexto nacional, tanto pelo número de casais registado como pela sua localização. Observações pontuais de fêmeas de Abetardas nesta zona, poderão fundamentar a atribuição de alguma relevância desta área enquanto local de nidificação desta espécie, pois encontra-se equidistante de 3 leques: Campo Maior; Torre da Bolsa e Vila Fernando; constituindo uma das áreas de habitat potencial mais importante da região.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
Tetrax tetrax Sisão	R	2005	320 machos	320	A	A1, C1
Falco naumanni Francelho-das-torres	R	2005	8 casais	8	A	A1, C1
Hieraaetus fasciatus Águia-perdigueira	R	2008	1 casal	1	A	C6

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: Aproximadamente metade da área está classificada como Sítio do Caia, da lista nacional de sítios da Rede Natura

Conservação

A Norte desta área tem-se verificado um aumento considerável da área florestada e aparenta haver algum interesse na plantação de vinhas. A cereacultura extensiva ao ser economicamente marginal tenderá a verificar-se do uso do solo, principalmente por via da florestação ou da instalação de culturas permanentes.

Ameaças: A florestação de terras agrícolas e o cultivo de culturas permanentes como a vinha, são as ameaças mais evidentes.

SÃO PEDRO SÓLIS

Código: PT094

Alentejo: Almodovar e Castro Verde (Beja)

Coordenadas geográficas: 38° 56' N 09° 45' W

Área: 14.314 ha

Altitudes: 200 a 320 m

Critérios

A1 (*Tetrax tetrax*; *Otis tarda*)

C1 (*Tetrax tetrax*; *Otis tarda*)

Descrição do sítio

Zona onde é visível o abandono da agricultura, pois os solos são pouco produtivos. Os regadios são inexistentes. Verifica-se uma significativa conversão dos sistemas cerealíferos e pastagens a floresta. Como resultado o habitat apresenta-se muito fragmentado.

Habitats: Cereicultura extensiva (pousios, cereais, alqueives) 20%; Floresta 20%, Pastagens permanentes 60%.

Uso do solo: Agricultura, Caça, Floresta.

Importância ornitológica

Na Primavera esta área destaca-se pela sua importância para a reprodução do Sisão (*Tetrax tetrax*) registando uma densidade invulgar de machos em canto (6,5 machos/100ha); Foi também identificado um leque com 15 Abetardas (*Otis tarda*) e um mínimo de 10 Cortiços-de-barriga-preta e um casal de Águia-perdigueira.

Espécie	Época	Ano	Min	Máx	Rigor	Critérios
<i>Otis tarda</i> Abetarda	R	2006	15ind	15	A	A1, C1
<i>Tetrax tetrax</i> Sisão	R	2006	603 machos	603	A	A1, C1
<i>Hieraaetus fasciatus</i> Águia-perdigueira	R	2008	1 casal	1	A	C6
<i>Pterocles orientalis</i> Cortiço-de-barriga-preta	R	2003/2004	10 ind	-	C	C6

Protecção legal

Nacional: nenhuma

Internacional: Nenhuma

Conservação

Área sujeita a abandono agrícola.

Ameaças: Abandono agrícola, desertificação (envelhecimento da população), florestação e eventualmente caça.